

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**KATIANE MACHADO DA SILVA**

**Gerações no movimento do Movimento: Um Estudo do  
Envelhecimento no MST**

**Porto Alegre**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**KATIANE MACHADO DA SILVA**

**Gerações no movimento do Movimento: Um Estudo do  
Envelhecimento no MST**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Johannes Doll.**

**Porto Alegre**

**2008**

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP

S586g Silva, Katiane Machado da  
Gerações no movimento do Movimento: um  
estudo do envelhecimento no MST [ manuscrito] /  
Katiane Machado da Silva; Orientador: Johannes  
Doll. -- Porto Alegre: 2008.  
139 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em  
Educação. Porto Alegre, BR-RS, 2007.

1. Educação. 2. Pessoa idosa 3. Psicologia do  
desenvolvimento. 4. Envelhecimento – Trabalhador  
rural. 5. Movimentos sociais do campo. 6. MST.  
7. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra.  
I. Doll, Johannes, orientador. II. Título.

**CDU 37(1-22)**

**Bibliotecária: Denise Selbach Machado – CRB10/720**

**KATIANE MACHADO DA SILVA**

**Gerações no movimento do Movimento: Um Estudo do  
Envelhecimento no MST**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof Dr. Johannes Doll**

---

**Prof Dr. Johannes Doll – Orientador UFRGS**

---

**Profª Drª. Marlene Ribeiro – PPGEDU/ UFRGS**

---

**Profª Drª. Carmen Lucia Bezerra Machado – PPGEDU/ UFRGS**

---

**Prof Dr. Agostinho Both - UPF/RS**

**Ao MST por ser meu principal formador,  
dando sentido á minha existência.**

**À Jujú ou D Jura, minha mãe, Duda e  
Cassi, minhas irmãs.**

**A todos/as os/as idosos/as do MST que  
são a Memória viva de nosso Movimento.**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha doce e amada mãe que, com sua sabedoria e amor incondicional, sempre me amparou, me acolheu, que me dá lições de vida todos os dias. Que é um exemplo de lutadora, mulher e mãe. Às minhas irmãs, minhas amigas especiais, aos meus tios/as e primas que me incentivaram, acreditaram em mim e em meus sonhos. Contribuindo na concretude destes.

Ao meu orientador, Johannes Doll, pela sua paciência, afetividade e sensibilidade, pelas oportunidades de crescimento pessoal e profissional, em cada momento de orientação, pelo respeito ao meu tempo de compreensão e de leitura acadêmica, as minhas limitações.

Àqueles que me ajudaram a chegar até aqui, acreditando e fomentando em mim a idéia de fazer mestrado, em especial, a Carmen Castro, Denir Sosa, Jaime Fogaça, Carmen Machado por estar em meu lado do início ao fim, me ouvindo e me incentivando ao estudo.

Ao meu primeiro amigo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Marion, meu irmão de coração, camarada que com o seu conhecimento, ânimo, exigência, disciplina e rigor me ajudou do primeiro ao último dia a realizar esta tarefa, lembrando-me sempre de minha condição de classe. Valeu! Te amo meu amigo, levarei tudo que aprendi contigo.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em especial às grandes amigas e companheiras Carmen e Marlene pela amorosidade e por contribuírem em minha formação de educadora militante, vocês duas foram exemplo para minha formação durante o mestrado. Também à todos/as professores/as e amigos/as do grupo do Trabalho, Movimentos Sociais e Educação (TRAMSE), em especial, aos grandes amigos do mestrado Walter, Elen, Paola, Betti, Ângela, Valéria.

Aos Sem Terra idosos/as dos Assentamentos 16 de Março e Novo Sarandi por socializarem comigo seus saberes. Sujeitos que construíram e constroem o MST diariamente a partir da prática social que exercem em sua realidade.

Aos amigos/as que conquistei no MST, todos aqueles que acreditaram em mim: Salete Campigotto, Meu “anjo” como a chamo, minha grande amiga e Pedagoga. À Jana amiga de todas as horas e de vários choros. À Bebel pela forma transgressiva de ver o mundo. À Nina um exemplo de mulher lutadora. À Juliana pela simplicidade. À Ana pela garra e coragem. À Verinha pela ousadia. À Raquel pela energia. A Maga e a Gle pela energia contagiante. A Val pela pedagogia. Também para Reni, Sandra, Rosi, Preta, Cláudia, Rosane, Lorena, Lú, Lucianinha, Cris, Marli, Betti, Maria, Paola, Isa, Cleusa, Dionara, Delviane, Paulinha, Diana, Cleide, Sueli e tantas outras mulheres que constroem esse Movimento que é o MST e que fazem parte de minha vida. Também, aos companheiros/as que fazem parte do Setor de Educação e Frente de Massa, dois espaços que enriqueceram minha formação humana.

Ao coletivo do Centro de Formação Estadual do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), em especial, ao Mestre Cleber pelos ensinamentos. Ao Marcionei por me ouvir e compartilhar dos mesmos ideais. À Chirlei e Déko pelo amor fraterno. Pedro e Cláudia pelo incentivo ao estudo. À Portela por me incentivar ao amor revolucionário. À Elma por me ouvir nas intensas horas de guarda. Ao Briza e a Lê pela juventude e garra de lutar. Enfim, a este espaço que durante o mestrado aprendi a exercitar novos valores e me senti num verdadeiro coletivo.

À todos/as companheiros e amigos do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), em especial a Cátia e Osmar que mais do que socializar histórias, idéias e sonhos, me dão exemplo de humanidade.

Ao grupo Garra (Grupo de Apoio a Reforma Agrária) em especial, à maravilhosa e amada Jú, à grande e sábia Yarita, à forte Dani, e à corajosa e lutadora Deise, valeu vocês me cativaram para sempre.



*“Você pode até dizer que sou um sonhador. Mas não sou o único. Espero que um dia você se junte a nós. Aí, o mundo será como se fosse um.” John Lennon*

## RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado estuda a situação das pessoas idosas dentro do Movimento Sem Terra e as práticas sociais que formam/educam estes idosos. Os elos que entrelaçam e fundamentam o estudo são as questões do envelhecimento, dos movimentos sociais em geral, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e da educação. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa que envolveu sete pessoas com idade avançada em dois assentamentos no Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e observações da vida cotidiana destes sujeitos, voltadas para as categorias analíticas de “luta”, “trabalho” e “relações comunitárias”. Uma análise dos dados demonstra, que todos os sujeitos participaram ativamente da construção do Movimento. Atualmente, seis dos sete idosos não se envolvem mais ativamente nas lutas clássicas do MST, vivendo certo conflito interno entre a exigência de um movimento contínuo colocado pelo MST e a percepção das suas limitações próprias pela idade e saúde, mas também por encontrar pouco espaço de atuação no próprio Movimento. Desta forma, o envelhecimento também no campo coloca o desafio para o MST de encontrar espaços adequados para seus membros idosos de continuarem na luta. A partir das falas dos participantes percebe-se a possibilidade de que manter as tradições do campo (sementes crioulas, cuidado com a biodiversidade, etc.) e manter as tradições do próprio Movimento poderia constituir um espaço adequado para este grupo etário.

### **Palavras-Chave:**

Envelhecimento, Movimentos Sociais do Campo, Educação, MST, Idosos.

## RESUMEN

Esta disertación de “Maestrazgo” estudia la situación de las personas ancianas dentro del *Movimento Sem Terra* y las prácticas sociales que forman/educan estos ancianos. Los puntos que entrelazan y fundamentan el estudio son las cuestiones del envejecimiento, de los movimientos sociales en general, del *Movimento Sem Terra* y de la educación. Se trata de un estudio de caso de naturaleza cualitativa que envolvió siete personas con edad avanzada en dos asentamientos en el *Rio Grande do Sul*. Fueron realizadas entrevistas medio estructuradas y observaciones de la vida cotidiana de estos sujetos, vueltas para las categorías analíticas de “lucha”, “trabajo” y “relaciones comunitarias”. Un análisis de los datos demuestra que todos los sujetos participaron activamente de la construcción del Movimiento. Actualmente, seis de los siete ancianos no se envuelven más activamente en las luchas clásicas del MST, viviendo cierto conflicto interno entre la exigencia de un movimiento continuo colocado por el MST y la percepción de sus limitaciones propias por la edad y salud, pero también por encontrar poco espacio de actuación en el propio Movimiento. De esta forma, el envejecimiento también en el campo coloca el desafío para el MST de encontrar espacios adecuados para que sus miembros ancianos continúen en la lucha. A partir de las colocaciones de los participantes se percibe la posibilidad de que mantener las tradiciones del campo (semillas criollas, cuidado de la biodiversidad, etc.) y mantener las tradiciones del propio Movimiento podría constituir un espacio adecuado para este grupo de edad.

### **Palabras llave:**

Envejecimiento, Movimientos Sociales del Campo, Educación, MST, Ancianos.

## LISTA DE SIGLAS

- COOANOL** – Cooperativo Agrícola Novo Sarandi.
- COOPTAR** – Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata Ltda.
- COOCAMPO** – Cooperativa Mista de Produção e integração Camponesa Ltda.
- CODESUL** – Cooperativa Regional de Desenvolvimento auto – Sustentável Ltda.
- CREHNOR** - Cooperativa de Crédito Horizontes Novos.
- CUT** – Central Única dos Trabalhadores.
- CNPQ** – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
- CPT** – Comissão Pastoral da Terra.
- FACED** – Faculdade de Educação.
- GARRA** – Grupo de Apoio à Reforma Agrária
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IEJC** – Instituto de Educação Josué de Castro.
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
- ITERRA** – Instituto Técnico de capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária.
- Via Campesina** – Articulação dos Movimentos Sociais do Campo.
- MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
- MAB** – Movimento dos Atingidos por Barragens.
- MASTER** – Movimento dos Agricultores Sem – Terra.
- MIRAD** – Ministério da Reforma Agrária e Desenvolvimento Agrário.
- MMC** – Movimento das mulheres Camponesas.
- MPA** – Movimento dos Pequenos Agricultores.
- MTD** - Movimento dos Trabalhadores Desempregados.
- PJR** – Pastoral da Juventude Rural.
- PROCERA** – Programa de Crédito na Reforma Agrária.
- PTB** – Partido Trabalhista Brasileiro.
- TCC** – Trabalho de Conclusão de curso.
- UERGS** – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- ULTABs** – União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil.

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>I – OS ELOS QUE MOVIMENTAM ESTE TRABALHO SOBRE O ENVELHECIMENTO NO MST</b> .....	22
1.1 - Envelhecimento.....	22
1.2 – Movimentos Sociais .....	30
1.2.1 A Construção teórica sobre Movimentos Sociais .....	31
1.2.2 – O MST e a herança da luta pela terra .....	35
1.2.3 – O MST como princípio educativo .....	38
1.3 – As Gerações no MST e os Idosos/as .....	43
<b>II – AS HISTÓRIAS QUE SE TRANSFORMAM</b> .....	48
2. 1 – Brasil: A luta pela terra e a formação do latifúndio .....	49
2.2 - O Rio Grande do Sul: A Luta pela Terra e o MST.....	54
2.3 - MST X Fazenda Anoni. ....	63
2.3.1 – A preparação e ocupação da Fazenda Anoni. ....	64
2.3.2 – A organização e o assentamento das famílias na Anoni.....	67
2.3.3 - O Assentamento 16 de Março e o Assentamento Novo Sarandi .....	72
<b>III – MULHERES E HOMENS EM MOVIMENTO</b> .....	84
3.1 – Vidas em movimento.....	90
3.2 - Que elementos perpassam a vida dos sujeitos da Pesquisa .....	103
<b>IV – O MOVIMENTO DO MOVIMENTO VISTO PELOS IDOSOS/AS</b> .....	106
4.1 – Os Idosos/as no Movimento .....	106
4.2 – “Do Fazer Fazendo”: Idosos do MST e o Trabalho .....	113
4. 3 – A Comunidade e os Idosos/as.....	119
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	124
Constatações .....	124
Contribuições .....	127

Desafios .....	128
Aprendizados e saudades .....	128
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>130</b>

## Introdução

Esta dissertação tem como tema “Gerações no movimento do Movimento: Um estudo do Envelhecimento no MST” e um estudo de caso realizado em dois assentamentos do MST: os Assentamentos 16 de Março e Novo Sarandi. Ambos pertencem à antiga Fazenda Anoni, Região Norte do Rio Grande do Sul. O objetivo é entender que práticas sociais formam os idosos/as destes dois assentamentos do MST.

A curiosidade pelo envelhecimento iniciou em minha graduação, no período de 2002 a 2005; no entanto, ao me envolver com a pesquisa, descobri que o envelhecimento esteve presente comigo ao longo de minha vida, nas mais diferentes relações sociais que estabeleci. Com isso, fui entendendo e modificando o que eu pensava sobre o envelhecer. Essas mudanças é um processo, que vem acontecendo desde minha iniciação científica o espaço qual teve como eixo central de meu trabalho de conclusão de curso foi a formação dos idosos/as do MST. É, a partir deste momento, que me debruço a compreender a importância do envelhecimento na sociedade e no MST. Nem supunha o desafio que tinha pela frente.

Inicialmente, vivi uma fase de apaixonamento pelo tema. Logo, fui descobrindo que o envelhecimento é parte de nossa vida. Ao mesmo tempo, tive dificuldade em compreendê-lo, pois são muitos aspectos que fazem parte deste processo que é envelhecer. Também estudei as diferentes concepções que existem e suas construções sócio-históricas. Nessa fase de descoberta, a princípio, me sensibilizei com os idosos/as, percebendo as potencialidades e limitações que fazem parte desta fase de vida.

Ao concluir meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), do curso de Pedagogia da Terra,<sup>1</sup> a realidade pesquisada me apontava a necessidade

---

<sup>1</sup> Curso de Pedagogia da Terra é um curso que iniciou em 2002, em parceria com o Instituto de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Com duração de 4 anos, divididas em 8 etapas que funciona dentro do Instituto de Educação Josué de Castro (IEJC), em Veranópolis/RS. Neste há educandos (as) que fazem parte dos movimentos sociais da Via Campesina (articulação dos movimentos sociais do campo, movimento indígena e mulheres trabalhadoras) e Movimento dos Trabalhadores Desempregados

estudar/pesquisar mais esta questão da formação dos idosos/as do MST. E, por entender que o processo de formação humana é permanente e acontece ao longo da vida, resolvi aprofundar a pesquisa sobre o envelhecimento no MST. Assim, em 2006, fiz a seleção de mestrado da UFRGS, na Faculdade de Educação, na Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, com o eixo de pesquisa Trabalho e Envelhecimento.

Nestes quase dois anos, busquei aprofundar o conhecimento teórico e empírico. Fui fortalecendo minhas convicções do por quê é importante estudar esta temática. Neste movimento, foram acontecendo novas desconstruções e construções sobre o tema. Fui moldando e afinando os meus objetivos com esta pesquisa que são: Problematizar sobre o Envelhecimento Populacional; Discutir com a sociedade o Envelhecimento do e no campo e os idosos/as dos Movimentos Sociais; Contribuir para o avanço da discussão/ diálogo dentro do MST sobre o envelhecimento e sobre os idosos/as que estão em Assentamentos e Acampamento<sup>2</sup>, refletindo coletivamente qual é a importância dos sujeitos idosos/as pesquisados/as e dos sujeitos idosos/as como um todo, tanto para a história, como para memória. E, entender a partir das práticas sociais: como se formam e se educam os idosos do MST da antiga Fazenda Anoni?

---

(MTD). O curso funciona através da pedagogia da alternância, ou seja, tempo escola e tempo comunidade. Tempo escola, que é o tempo que acontece no Instituto (em Veranópolis - RS), momento que acontece o estudo das teorias e a reflexão sobre a prática. E tempo comunidade, que é o tempo onde os educandos são inseridos em suas comunidades e passam a ser acompanhados pelos Movimentos ao grupo que cada um e cada uma faz parte. É a continuidade do processo de formação, onde se mantém o enraizamento com a comunidade ou coletivo de origem, participando do Movimento. É o momento de experimentação, socialização e pesquisa de campo, de por em prática as teorias apreendidas no curso, sendo orientadas pela escola, que este está organizado dentro desta alternância.

<sup>2</sup> Acampamento e Assentamentos são territórios onde o MST se organiza para fazer a luta social. O Acampamento “é o primeiro espaço de luta e resistência, é a manifestação pública os sujeitos e de seus objetivos [...] é um espaço de socialização política” (FERNANDES, 1997, p. 142), que este serve para iniciar o processo de organização das famílias sem – terra para a luta, primeiramente por terra, depois pelos demais objetivos que fazem parte do MST que são terra, reforma agrária e transformação social. Nele, as famílias experienciam toda uma organicidade que há no MST, como a organização das famílias por núcleos de base, em equipes de trabalho e em setores. O Assentamento é o segundo espaço que as famílias se organizam. “É um fração de território conquistado” (FERNANDES, 1997, p. 142). Também, é um espaço de luta e resistência. A principal função do assentamento, além de dar um local para os sujeitos Sem Terra reproduzirem a vida. “A principal delas é a sobrevivência de seu projeto frente ao modelo econômico de desenvolvimento da agricultura” (FERNANDES, 1997, p. 142). Ambos são espaços de produção da existência e de formação política ideológica, espaços de construção de novas formas de trabalho, de organização social e de vivência de novos valores.



Numa perspectiva histórica, os estudos que realizei até agora sobre os idosos/as e envelhecimento é algo novo no MST. Os Movimentos Sociais estão passando por um processo de envelhecimento. Se colocarmos em datas, foi a partir de 2002, no curso de Pedagogia da Terra – ITERRA/UERGS, que se iniciou um debate mais intenso. Isso aconteceu por que a turma de Pedagogia da Terra teve como eixo central, a pesquisa sobre “*Quem são e Como se formam/se educam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores*”, para que com isso, os Movimentos Sociais pudessem conhecer quem é a sua base social e como está acontecendo o processo de formação humana. A decisão por este tema foi feita pelo colegiado<sup>3</sup> da Via Campesina. Assim, o MST, que faz parte desta articulação, participou desta pesquisa e a partir dessa pesquisa a realidade apontou uma necessidade de aprofundar a temática do envelhecimento.

Esta questão do envelhecimento no MST aparece dentro do contexto da sociedade atual. Em ambos, a questão surge a partir de uma necessidade concreta que vem se constituindo em nosso meio. Camarano (2002), em seu estudo sobre o Envelhecimento da população brasileira traz esta contribuição demonstrando, a partir de dados demográficos, estas transformações.

Percebemos que, nos últimos anos, a realidade em relação ao envelhecimento populacional vem se modificando. Observando o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2000, se constata uma mudança nos números no que se refere ao campo, de acordo com o Censo de 1991, era de 23, 3% e em 2000, isso cai para 18, 6%. Sendo que o grau de urbanização da população idosa acompanhou a população total em 81% em 2000. (IBGE, 2000).

O envelhecimento populacional é, hoje, proeminente fenômeno mundial. Isso significa um crescimento mais elevado da população idosa com relação aos demais grupos etários. No caso brasileiro, pode ser exemplificado por aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional de 4%, em 1940, para 9%, em 2000.. (CAMARANO, 2002, p.58)

A própria Camarano (1999) demonstra que a sociedade brasileira vem sofrendo com estas modificações, pois não está preparada para este contingente de

---

<sup>3</sup> Instância criada para a coordenação geral do convênio ITERRA/UERGS, que era composta por estudantes das turmas conveniadas com a UERGS, ou seja, ITERRA e FUNDEP, composta pelos Movimentos e Pastorais.

idosos/as. Isto, num futuro próximo, segundo ela, poderá requerer estudo, e muito trabalho tanto do Estado, como da sociedade civil organizada.

Este trabalho servirá para a sociedade como um todo, pois há praticamente uma inexistência de trabalhos publicados sobre idosos/as do e no campo, nesta perspectiva da educação/formação. Assim, trago este tema para a universidade, pois estudar esta questão social é fundamental para entendermos o mundo onde vivemos e também os sujeitos que dele fazem parte.

Estudar as relações que estes estabelecem no campo é importante para compreender a totalidade de ser idoso/a, mesmo que segundo as estatísticas o número de idosos/as esteja nas cidades. Faz-se necessário pesquisar este público do campo que apresenta fatores importantes de análise das relações sociais e das relações que estes estabelecem com o trabalho, a cultura e a produção da vida. Este elemento é um dos motivos que vem fomentando esta pesquisa sobre esta temática.

É interessante estudar isto, justamente para perceber quais são os elementos que agregam/ desagregam os idosos/as do campo. E, como o processo de estar num local como os assentamentos do MST, os transforma, os recria, ou simplesmente os conserva com costumes e como transmissores ou não de um conhecimento acumulado, que se desdobra em especial nas questões voltadas à agropecuária, pois os idosos/as aos quais me refiro aqui são, basicamente, os do MST.

Neste processo é que venho me desafiando a fazer esta pesquisa com os idosos/as, pois pretendo entendê – los (las) dentro da organização. Sabendo que o MST tem como uma de suas matrizes na história, almejo, pela história, entender os idosos/as, já que ambos se interligam. Compreender que papel histórico o idoso/a tem no MST. E, a partir disso, entender a história e fazê-la ferramenta educativa na formação destes sujeitos.

O movimento que constitui essa pesquisa foi uma questão, que esteve e está presente do começo ao fim desse trabalho, que é buscar dar uma maior visibilidade aos idosos/as dos Movimentos Sociais do Campo, procurando entender como estes se formam, partindo de um pressuposto, de que estes estão inseridos em uma realidade cheia de contradições; minha vontade era compreender de que forma esta realidade contribui para a formação humana.

Para os integrantes dos Movimentos Sociais, é importante conhecer e estudar os idosos/as, saber como estes se formam e como se dão os processos de aprendizagens dos idosos/as do MST. Por isso, com este, busco estudar e aprofundar qual a relação que há entre os idosos/as do MST. Se há esta relação, como se dá? O que a organização pensa dos idosos/as e o que os idosos/as pensam da organização? O que os idosos/as pensam de si e do mundo. Enfim, como se dão estas diferentes relações tanto dos sujeitos idosos com o MST, como deste Movimento com seus sujeitos idosos/as.

Nesta pesquisa, busco trazer elementos importantes para abrir um questionamento sobre os idosos/as e a construção dos mesmos como sujeitos sociais no Movimento. O objetivo é analisar estes sujeitos a partir das práticas sociais que são geridas na totalidade dos assentamentos que fazem parte do Movimento Sem Terra. Para isso, apreendo os aspectos e momentos contraditórios do processo formativo dos idosos/as pesquisados/as. Assim, interpreto quais são as contradições dessa realidade fazendo o exercício de historicização. Dessa forma, esforçar - me para não apenas descrever apenas a realidade, mas de fato, interpretar/ refletir sobre a mesma. De tal modo, pretendi conhecer e entender a realidade de idosos/as do Movimento Sem Terra. Saber como eles vivem? O que pensam? O que o Movimento Sem Terra pensa sobre eles? Qual é sua importância para a luta? Quais os espaços que eles/as ocupam? E, se não ocupam, como podemos ir potencializando espaços de participação e formação. E, principalmente, se os homens e mulheres idosos/as podem se tornar referências de lutadores/as.

Para dar conta dessa proposta me organizei assim: primeiro realizei leituras para poder apreender o que existe referente esta temática, ou seja, após fazer este aprofundamento que teve como objetivo intencionalizar meu olhar, ou como alguns pesquisadores chamam “colocar os óculos” para poder ir à realidade. Depois, fui realizar o trabalho de campo, no qual fiz um “estudo de caso”, pois como disse Bonamigo (2007) “dadas as possibilidades de reconstrução da realidade que oferece, pois possibilita considerar uma unidade social como totalidade”. (SANTOS, 1978, p.3, apud BONAMIGO, 2007, p.14.) Utilizei a história oral, realizando entrevistas semi-estruturadas. Trabalhei também com alguns procedimentos da pesquisa participante como a observação, o registro no caderno de campo, ou seja, anotações de fatos que ficaram fora das entrevistas, vias das quais participei. Como

recurso, utilizei o gravador e máquina fotográfica. Após, fiz a organização e interpretação das informações da pesquisa de campo. Por fim, sistematizo isso nesta dissertação.

Este trabalho de coleta e registro se realizou na antiga Fazenda Annoni que está organizada hoje em sete assentamentos. Realizei o trabalho de pesquisa em dois assentamentos. Mas, por que idoso/a da fazenda Annoni? Porque a Annoni é um dos berços do surgimento do MST. Foi uma das maiores desapropriações, após a fundação do MST, no Rio Grande do Sul. Está localizada na região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, entre os municípios de Pontão e Sarandi.

Os casos escolhidos foram: o Assentamento 16 de Março em Pontão/RS e o Assentamento Novo Sarandi em Sarandi/RS. A escolha não se deu aleatoriamente, mas com uma intencionalidade. Primeiro, pelas diferentes formas de organização social e política experimentada nestes dois espaços. Segundo, pelo fato destes idosos/as terem participado e coordenado o início da organização do MST no Rio Grande do Sul. E, terceiro, há uma realidade de envelhecimento rural muito presente. Assim, penso que este trabalho é de suma importância no que diz respeito a compreender o aprendizado do envelhecimento na realidade rural.

Pesquisei sete idosos/as, quatro homens e três mulheres do Movimento Sem Terra, homens e mulheres da classe trabalhadora, com a idade entre 55 anos e 67 anos. Para poder atender a questão central, que é entender que práticas sociais os formam, tive que trazer para esta faixa etária, pois assim consigo atingir os meus objetivos.

Neste sentido, esta questão pode servir para ajudar a Regional Roseli Nunes<sup>4</sup> a compreender os sujeitos que nela estão inseridos.

No final de outubro de 1985, 1500 famílias, somando 6.500 pessoas de 33 municípios, ocuparam a fazenda Annoni, [...] de 9500 hectares, em Sarandi [...] A fazenda Annoni foi ocupada diversas vezes, foram doze anos para o governo finalmente assentar as famílias (MORISSAWA, 2001, p. 174 e 200).

Este estudo poderá contribuir para nossa compreensão de ser humano e nos remete a entender uma fase muito significativa para estes sujeitos, para nós

---

<sup>4</sup> Regional Roseli Nunes é uma das 21 regionais que compõem o MST do RS. É onde está localizado os Assentamentos 16 de Março (Pontão – RS) e Novo Sarandi (Sarandi – RS).

educadores militantes e para todos que convivem com estes sujeitos. A velhice não pode ser compreendida como o fim da vida, mas como um momento especial de aprofundamento e de descobertas de si mesmo e da sociedade onde os idosos/as estão inseridos.

Realizar esta pesquisa foi e é importante, não somente para se ter um trabalho específico com os idosos/as. Mas principalmente, para que o MST possa inserir esta singularidade quando vai trabalhar nos assentamentos e acampamentos, pensando o que eles/as podem contribuir na construção do projeto que o MST defende, principalmente, nas questões dos valores, da memória e história do povo e das lutas sociais.

Este foi o sentido desta dissertação, aprofundar as práticas sociais e sua importância na educação/formação humana, e, como via de consequência, aprofundar as histórias de vida e a relação na construção do MST. Com isso, torna-se possível compreender a relação dialética entre as diferentes trajetórias individuais e a história do MST.

Este trabalho se compõe em quatro capítulos, além das considerações finais. No primeiro capítulo; “Os elos que movimentaram este trabalho sobre o Envelhecimento no MST”, dialogo com os autores que fundamentam os principais conceitos que utilizarei ao longo deste trabalho que são: envelhecimento, Movimentos Sociais, Educação e Geração.

No segundo capítulo, abordo “As Histórias que se transformam”; busco historicizar a luta social dos trabalhadores, com enfoque na luta pela terra no Brasil, no Rio Grande do Sul, na região Norte e na Fazenda Anoni, chegando até aos dois assentamentos que são a base da pesquisa realizada sobre o Envelhecimento no MST.

No terceiro capítulo, apresento a parte metodológica desta pesquisa sobre o envelhecimento no MST. Trago também as histórias orais “Homens e Mulheres em Movimento”.

No quarto capítulo, “O movimento do Movimento visto pelos idosos/as”, entendo e analiso a partir do Trabalho, da Luta do Social e da vivência Comunitária a formação dos idosos/as do MST dos dois assentamentos da Fazenda Anoni.

Por fim, nas considerações finais, procuro trazer de forma sintética: o sentimento; os aprendizados e as contradições desta pesquisa. Faço a tentativa de entendê-los e analisá-los com o objetivo de contribuir com a luta dos trabalhadores Sem Terra.

## **I – OS ELOS QUE MOVIMENTAM ESTE TRABALHO SOBRE O ENVELHECIMENTO NO MST**

Neste texto busco trabalhar com algumas questões que considero fundamental para que possamos mergulhar nas inquietações que moveram esta pesquisa.

Na primeira parte, justifico por que fiz esta escolha sobre o envelhecimento no MST. Meu objetivo enquanto educadora é de quem acredita que não existe história que não seja a do próprio homem como sujeito social no tempo e no espaço e em movimento. Após, na segunda parte, aprofundo aspectos dos eixos principais deste trabalho: Envelhecimento, Movimentos Sociais, Educação e também Geração que foi um elemento que apareceu na pesquisa de campo. Por fim, estabeleço o elo destes conceitos com a realidade pesquisada.

A discussão promovida, neste capítulo, quanto à dinâmica, envelhecimento, movimentos sociais, educação e geração, propõe situar um interpelar teórico e metodológico sobre efetivas contribuições realizadas por diversos autores que orientam suas reflexões, pesquisas e análises para esse mesmo campo investigativo. O diálogo realizado com esses autores traz explicitamente a compreensão sobre a importância de romper com os silêncios comprometidos e/ou descomprometidos, às vezes sutis, outras explícitas, que vêem esta realidade de forma fixa e imutável, ou seja, sem movimento e sem sujeitos sociais.

### **1.1 - Envelhecimento**

O envelhecimento percorre a vida toda do ser humano; ele pode estar mais ou menos intenso, mas está presente em todas as fases de vida. Desde a Antigüidade, vem se tentando compreender este processo e, principalmente, o

sujeito idoso/a. Podemos registrar um avanço nos estudos sobre envelhecimento no último século, devido ao envelhecimento acelerado nas/das sociedades.

O século XX foi um marco no que se refere à história e pesquisa do envelhecimento e a partir daí, e neste contexto, que comecei a pensar e refletir sobre este tema (BEAUVOIR, 1970). Com certeza, o século XXI terá ainda mais desafios no que se remete a este assunto, já que vivemos numa tendência ao envelhecimento populacional tanto mundial, quanto brasileiro.

A partir disso, os trabalhadores idosos/as do campo também se inserem nestas transformações, que traz sérias conseqüências a estes trabalhadores, bem como, toda uma mudança nas relações sociais que é uma das conseqüências das transformações ocorridas no século XX. Um número destes idosos/as passou ainda mais a ser “*dependente*” de alguém, muitas vezes, a filha mais velha que se responsabilizará por este. As mudanças sociais levaram muitos idosos/as, principalmente mulheres para a cidade, como traz Berquó:

Ao longo dos últimos 40 anos, a população idosa esteve concentrada nas áreas urbanas, particularmente o contingente feminino. [...] A partir dos anos 70, o intenso crescimento urbano experimentado para o conjunto do país contribuiu para a elevação do grau de urbanização da população de modo geral, diminuindo as diferenças relativas entre a população idosa vivendo em áreas urbanas e o conjunto da população. [...] Essa situação deve prevalecer no final do século, com 82% da população idosa vivendo nas cidades. Nestas, a razão de sexos deverá ser de 81.8% contra 12.2% na área rural. (2004, p.26 – 28)

Percebo isso quando estudo Beauvoir (1970) que, em seu livro “**A Velhice**”, faz uma retomada histórica da velhice nas diferentes sociedades, mas a autora vai afirmar que este tema se torna relevante a partir do século XX, com o avanço nas questões tecnológicas e a elevação da perspectiva de vida. Também neste livro, a autora, fará uma abordagem sobre a relevância social de estudar a velhice.

Em seu trabalho, a autora consegue fazer toda uma abordagem da velhice. Faz referência à velhice desde os tempos remotos, ou seja, desde as sociedades ditas primitivas até a sociedade atual. No entanto, esta construção dos idosos/as como uma problemática somente irá surgir a partir das sociedades industriais, pois até então, eram poucos os idosos/as que sobreviviam, uma vez que as condições de saúde eram muito precárias e havia muitas doenças e fome no mundo.



Nesta questão acima, também Beauvoir (1970) nos mostra em seu estudo acerca da velhice nas diferentes sociedades que a questão de classe social perpassou todas as sociedades. Isso é descrito em seu livro, pois segundo a autora, os poucos idosos/as que sobreviviam eram na maioria pertencentes a uma classe de elite, que detinha as condições necessárias de sobrevivência. Os pobres acabavam morrendo muito cedo, seja pela fome, seja por doenças; não há muitos indícios de grupos menos favorecidos, ou de trabalhadores, que tenham conseguido envelhecer, aliás, muitos apresentam sinais de envelhecimento pelas condições de vida. O aumento da expectativa de vida aconteceu principalmente, a partir descoberta dos antibióticos e com a diminuição da mortalidade infantil.

Contudo, houve e há alguns cientistas que se dedicam ao estudo dessa temática do envelhecimento e sobre os idosos/as; estes foram e são, principalmente, profissionais da saúde, ou seja, ao pesquisar observei que parte dos registros que há, foi feitos por estudiosos da área da saúde, ou então, a partir de outros elementos descobertos na arqueologia e ciências sociais.

Com isso, nas diferentes comunidades, nos diferentes tempos, os idosos foram tratados das mais distintas formas. Havia grupos em que estes eram valorizados, ou seja, eles transmitiam os saberes aos mais jovens, eram responsáveis pela educação das crianças, faziam as cerimônias religiosas, e guardavam a memória de seu povo. Já, em outras, eles não possuíam nenhuma função social. Em alguns grupos, como retrata a autora, estes chegavam a ser maltratados e se constituíam como um peso para o grupo. Estas diferentes formas se davam muito pela cultura, pelos valores e costumes de cada grupo social nas diferentes épocas históricas. (BEAUVOIR, 1970).

É com a introdução do modo de produção capitalista e, mais especificamente, com o avanço da ciência, que começa a haver uma mudança. Até então, quase tudo do que se produzia a respeito do tema era, como já citei acima, relacionado à medicina; muito pouco existia sobre a questão histórica e social, até por que, assim como durante muito tempo não se valorizou a história das mulheres e das crianças, da mesma forma pouco interessava a história da velhice. Isso, segundo Beauvoir se dá, mais concretamente, a partir da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Deste período histórico em diante começa a acontecer um aumento do número de idosos. A industrialização acarretou um grande número de idosos/as

nas cidades, o que começou a forçar estudos sobre esta população, que vinha crescendo neste novo século.

Esta tendência aumentou depois da Segunda Guerra Mundial e, com isso, aumentou fortemente a pesquisa neste campo. Duas ciências que haviam surgido no início do século tomam corpo: a gerontologia (1903) e geriatria (1909). A gerontologia é um conjunto de ciências que estudam o envelhecimento dos seres vivos: vegetais, animais e humanos. O termo é original de duas palavras gregas *Geron*= velho e *log* (o) + *ia* (= estudo), ou seja, o estudo dos idosos ou dos velhos, esta palavra foi criada em 1909, pelo Dr. Metchnikoff. Já, a geriatria, é a ciência que contribui para o tratamento dos idosos: a palavra geriatria é também composta por duas raízes gregas: *Geron* (velho) e *iatrikos* (Tratamento) (RODRIGUES e TERRA, 2006, p.22).

A partir de tudo isso, a área de estudo sobre o envelhecimento aumenta, e surge em 1954, idealizada por Clark Tibbits, a gerontologia social, ao qual a minha pesquisa está mais voltada. Este ainda é um campo de estudo muito novo; foi em meados do século passado que surgiu um estudo e aprofundamento em relação a este aspecto. Segundo Rodrigues e Terra (2006):

A gerontologia social estuda as mudanças que acompanham o processo de envelhecimento do ponto de vista psicológico, sociológico e psicocomportamental, a natureza e as modificações de adaptação do indivíduo em suas transformações e, enfim, a evolução da personalidade e da saúde mental num contexto social concreto. Estuda também, o papel do ambiente, da cultura, e das mudanças sociais no processo de envelhecimento, da mesma forma que as atitudes, o comportamento e as condições de vida das pessoas (RODRIGUES; TERRA 2006, p. 26).

A partir desse início desenvolveram-se estudos aprofundando teorias e reflexões sobre o envelhecimento e a velhice. Entre os pesquisadores brasileiros deste campo podemos destacar pesquisadores como Ecléa Bosi, Myriam Moraes Lins de Barros, Simone de Beauvoir, Anita Liberalesso Neri, Alcides Rodrigues de Marco, Ligia Py, Guita Grin Debert, etc... A partir delas podemos chegar à seguinte compreensão que envelhecimento não é apenas um período de vida que acontece na velhice. Este perpassa todas as fases dos sujeitos. Que desde que nascemos estamos envelhecendo; todos os dias envelhecemos um pouco e, que, dependendo da classe social, dos fatores culturais, históricos e emocionais (psicológicos), que o

idoso/a ocupa, o processo é vivenciado de um jeito. Como Minayo (2002) traz em seu trabalho, a velhice não deve ser vista negativamente, ao contrário, podemos enriquecer este período este a partir de nossa experiência de vida desde que não morramos prematuramente.

Como Barros (1998) trabalha em seu livro “**Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**” é importante valorizarmos as diferentes idades, pois em cada uma delas o sujeito sofre um processo e este não pode ser ignorado/negado. É preciso trabalhar o período da velhice, pois ela é o acúmulo que este sujeito carrega, seja negativo ou positivo. Não podemos esconder essa fase e principalmente não devemos chamá-la com termos pejorativos como velho, velhote, e assumir o termo **idoso/a**, como aquele sujeito que vive seu envelhecimento positivamente ou não, mas que tem possibilidade de ser sujeito e fazer história.

A partir da reflexão acima de Barros (1998) fico com dúvidas se somente trocar de palavras resolve, apesar de optar pelo termo idoso/a, pois às vezes mudamos os termos, as palavras, mas não mudamos a nossa postura, nossa visão sobre esta fase de vida. Nesta posição de usar tal termo, ou não, está uma mudança de posição, uma outra forma de se relacionar com tudo isso, que não deixa de ser o encarar-se em processo de envelhecimento e se reconhecer como também um futuro velho/idoso/a.

Por isso escolhi me referir a idosos/as e não velhos, que é justamente pelo sentido da própria palavra idoso que aqui representa aquele sujeito que vive de forma ativa ou não o seu processo de envelhecimento. No entanto, isto tudo sempre estará ligado aos valores morais e éticos que cada sociedade ostenta e, principalmente, às questões de classe social ao qual o sujeito pertence. Já, velho como escrevi acima, traz um sentido de algo ruim, há uma citação que elucida bem o que estou afirmando, “a noção de velho é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos pobres” (PEIXOTO 1998, p.72).

Ao mesmo tempo em que há essa conotação negativa, poderia também dar uma conotação positiva do tipo, velho como símbolo de bom, rico em experiência, instigante, sujeito rico em conhecimento, como o exemplo, de alguns povos indígenas, onde os idosos/as são reconhecidos como guardião do saber

acumulado, da memória, da história de seu povo. A questão que na sociedade em que vivemos se construiu um pensamento que o que é velho, é inútil, fora de uso, muito voltado a ver as pessoas de acordo com o capital (mercadoria) como coisas.

Logo, ao se apropriar do termo idoso/a ao invés de velho/a, não quer dizer que não possa usar o termo velho/a ao longo deste trabalho, no entanto, buscarei este outro termo que parece ser o mais apropriado.

Segundo Bosi (2004) “A sociedade (**industrial**) rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência a sua obra. (...) ele (**o idoso**) já não é mais produtor nem reproduzidor” (BOSI, 2004, p.77). Temos como desafio na sociedade atual, desconstruir a visão de idoso/as como meros produtores/consumidores de mercadorias e trazê-los para a perspectiva de sujeitos, que podem contribuir com um acúmulo de experiência importante para os demais sujeitos sociais que contribuem como sujeitos históricos e também estão em busca de compreender esta realidade.

Dessa forma, o envelhecimento é uma fase tão importante quanto qualquer outra que deve ser vivida bem e tão intensa quanto as demais, que pode trazer grandes aprendizados para as outras fases, pois, como citei acima, traz vivências que devem servir como fonte de conhecimento para si mesmo e para os outros. É uma nova visão sobre os sujeitos com o objetivo de valorizá-los, respeitá-los, pois, representam a nossa cultura, a nossa história, enfim, a nossa raiz (MINAYO, 2002).

Contudo, sabemos que envelhecer é um processo complexo, afetando de diferentes formas a existência humana:

[...] envelhecimento não é um processo homogêneo [...] mesmo em cada indivíduo. Há sempre partes, órgãos ou funções do corpo que se mantém muito mais ‘jovens’, ‘conservados’, sadios, do que os outros. [...] do mesmo modo que no terreno dos sentimentos e das representações, velhice nunca é um fato total. Ninguém se sente velho em todas as situações. [...] a velhice é uma identidade permanente e constante (BARROS, 1998, p.228).

A partir disso, percebemos que os idosos/as têm uma função social por excelência na cultura.

[...] uma das funções sociais dos velhos é recordar, ou seja, reconstruir o passado a partir de um olhar do presente. Considerando o ato de lembrar é fundamental na resignificação da própria vida e também do reconhecimento de si, buscamos investigar as lembranças dos velhos sobre o mundo do

trabalho na infância e quais as características atribuídas a esse universo (BOSI, 2004).

Por isso concluímos que: “envelhecimento deve ser compreendido como um período integrado a toda a existência vivida, na qual a velhice recebe diferentes significados em relação à vida inteira das pessoas.” (MINAYO, 2002, p.184).

O processo de envelhecimento é acompanhado de um número de perdas, que podem variar entre as pessoas. Para compreender a melhor forma de lidar com estas perdas, surgiram na metade do século XX duas grandes teorias opostas, a teoria do desengajamento (Cumming e Henry, 1961) e a teoria da atividade.

Para ambas, a velhice é definida como um momento de perdas de papéis sociais e trata-se de entender, nos dois casos, como se dá o ajustamento pessoal a esta situação definida como “perda”, e medir o grau de conformidade e o nível de atividade dos idosos [...] Enquanto teoria da atividade considera mais felizes os idosos que encontram atividades compensatórias, permanecem ativos, a outra vê, no desengajamento voluntário das atividades, a chave do envelhecimento bem – sucedido (NÉRI, 1999, p.42 – 43).

As perdas que os sujeitos idosos/as sofrem ao longo de suas vidas são muitas, sendo estas desde perdas físicas, sociais e culturais. Em muitos casos estas perdas podem influenciar e alterar todo o curso de um envelhecimento saudável.

Os estudos sobre envelhecimento que fiz até aqui apontaram que as perdas acontecem mais na velhice. Mas, a questão que fica é por que uns superam mais facilmente que outros, e também, por que mesmo quando uns vêem a velhice como a proximidade da morte, uns aceitam e outros não. Parece que o que envolve esta questão são tanto a cultura como o meio social e as condições materiais objetivas, mas também a biografia e a própria personalidade que determinarão o comportamento dos idosos/as diante das perdas.

Outro aspecto que me chamou a atenção é o contexto da própria sociedade que interfere na situação do idoso:

Nas sociedades ocidentais, o envelhecer está intimamente ligado à questão da interdição dos velhos. Mesmo quando a velhice não está associada à pobreza e à doença, tende-se a encará-la como um problema, um período dramático do ciclo da vida. [...] A velhice, assim, nas sociedades capitalistas,

passa a ser encarada como um problema, pois, no fundo, o que não é valorizado é o próprio homem. O idoso é apenas a explicação dessa contradição (VIDAL, 2005, p, 26).

Ou então, aparece como: “A velhice em sua maioria é considerada um problema” (Barros, 1998, p.117). “A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso do qual é indecente falar”. (Beauvoir, 1970, p.6). Elas retratam um pouco da visão que se construiu ao longo dos tempos sobre a velhice. No livro **Memória e Sociedade Lembranças de velhos**, Ecléa Bosi (2004) também traz esta visão, onde ela reflete:

[...] O que é ser velho na sociedade capitalista? È sobreviver. Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não exista para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor (BOSI, 2004 p. 18).

Estas proposições são um pouco do que as autoras colocam sobre como este processo vem se construindo ao longo dos diferentes tempos e espaços sociais. Quase todos os materiais que li trazem esta visão que busca sair desse senso comum que ser velho/idoso (a) é ruim. Apreendi que isso não se constituiu agora, mas se acentuou em nossa sociedade atual. Assim, como venho refletindo sobre como todos/as estes e outros/as autores/as têm buscado compreender e desconstruir esta visão maniqueísta sobre o envelhecimento e ser idoso/a na nossa sociedade. Os teóricos trazem os diferentes aspectos que compõe este ser idoso/velho, ou seja, nenhuma fase de vida é ruim ou boa, todas trazem contradições, são compostas por boas e ruins, nada acontece por inteiro.

Cabe a todos também modificar tanto as teorias como as práticas em relação aos idosos/as, pois todos/as são responsáveis de construir uma outra visão sobre a velhice e envelhecimento.

## 1.2 – Movimentos Sociais

“O verdadeiro movimento nunca aparece como o concebiam aqueles que o prepararam”.  
Friederich Engels, 1857.

Ao longo de seu processo de formação o ser humano tem a possibilidade de ir se construindo, constituindo e se forjando sujeito. Sujeito é um termo que será muito empregado nesta dissertação, pois este é um dos objetivos principais dos Movimentos Sociais, ou seja, construir sujeitos históricos e por isso, trago a conceituação de sujeito.

Segundo Leandro Konder (2002)

“[...] o termo sujeito é mais complexo do que pode parecer a primeira vista [...] a palavra existia no latim medieval, escolástico, empregada em contraposição a objectus. Em sua origem latina, anterior ao seu uso medieval, subjectus é o particípio passado masculino do verbo subicere [...], que, entre muitos outros sentidos, significa submeter, subjugar[...]” Em sua acepção mais antiga, o termo designava, pois, redução à passividade: o Sujeito sujeitado. [...] Paralelamente à história da conservação do sentido antigo, entretanto, o termo passou a se firmar com um sentido novo na linha de distinção entre sujeito e objeto. [...] Na passagem do século XVIII para o XIX, na Alemanha, [...] Kant e Hegel, sobretudo – enfrentaram com disposição radical o desafio de repensar a relação sujeito/objeto à luz das novas condições históricas, nas quais os indivíduos, em número crescente, estavam se reconhecendo como sujeitos capazes de se afirmarem sobre os objetos, intervindo, de algum modo, no processo histórico da mudança da realidade ‘objetiva’. **Marx, ao apreender isso acima, transformou o conceito de sujeito e trouxe um novo sentido ao conceito de sujeito, que hoje, se fez comum entre os Movimentos Sociais Populares**<sup>5</sup> (KONDER, 2002,p 24-28).

Ainda referente ao conceito de sujeito concordo com a justificativa que Caldart (2006) faz no livro “**Como se formam os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores**”. Dizendo que: “Nos Movimentos Sociais a palavra sujeito é empregada indicando ação” (CALDART, 2006, p.14).

---

<sup>5</sup> Os grifos são meus.

Para isso, a autora demonstra a importância de se estudar e compreender a formação do sujeito dizendo:

[...] estudar sobre a formação de sujeito significa afirmar uma concepção de história que, sem desconsiderar as condições objetivas dos processos sociais, inclui o movimento dos sujeitos humanos, pessoas e coletividades, suas experiências, iniciativas, escolhas, e as relações, as contradições, tensões e conflitos que vivem e provocam. Os Movimentos Sociais têm como fundamento de sua dinâmica a convicção de que o ser humano é sujeito da história, que é possível (além de necessário) cada pessoa, cada grupo para que passe (ou pelo menos movimente) de “sujeitado”, passivo para sujeito “portador de ação” (CALDART, 2006, p.14).

Paralelo a este objetivo dos Movimentos Sociais de contribuir na formação de sujeitos históricos está também, um processo integral de formação humana que dê condições para que estes sujeitos se tornem mais humanos e mais plenos. Esta última questão é um trabalho árduo, duro, dependendo, tanto de fatores externos quanto internos. Vejamos abaixo como este objetivo vem se constituindo ao longo da história.

### **1.2.1 A Construção teórica sobre Movimentos Sociais**

A história dos Movimentos Sociais não é recente, eles surgem como objeto de estudo na sociologia a partir do século XIX, aproximadamente em 1840 e quem cunhou este termo pela primeira vez foi Lorenz Von Stein (WARREN, 1989, p.12). Nesses quase dois séculos de existência do termo Movimentos Sociais, muitas teorias se formaram para tentar entender/explicar este fenômeno social.

Neste texto, vou centralizar um pouco no processo histórico do Movimento Social. Para fundamentar este conceito, fiz um diálogo com alguns autores que embasaram a minha escolha teórica em relação ao conceito de Movimentos Sociais nesta dissertação.

Este texto vai se centralizar mais especificamente na abordagem marxista e nas tendências contemporâneas, a escolhi por compreender que é a que se



aproxima com minha compreensão acerca do que entendo por movimentos sociais. É importante destacar, como coloca Gohn (1997) “que não existe um conceito de movimento social, mas vários, conforme o paradigma utilizado.” (GOHN, 1997, p.13).

Dentro da abordagem marxista sobre os movimentos sociais podemos citar que uma das principais contribuições para pensar movimentos sociais, o próprio Karl Marx contribuiu para o desenvolvimento deste conceito. Analisando a luta de classes ao longo da história, Marx trará um dos elementos fundamentais, no que se refere aos movimentos sociais que é a luta permanente de duas classes por libertação/opressão (GOHN, 1997).

É por isso que:

Marx foi um dos mais importantes criadores de um projeto de transformação radical da estrutura social, projeto este de superação das condições de opressão de classe. Para a realização deste projeto, além do amadurecimento das condições estruturais propícias, exige-se também uma práxis revolucionária das classes exploradas. A efetivação desta práxis, porém, requer a formação da consciência e de uma ideologia autônoma de forma organizada do partido de classe. [...] A manifestação de interesses comuns, e a realização dos que vivem sobre as mesmas condições de exploração social, cria a possibilidade de formação de uma consciência de classe. [...] quando as classes conscientes geram um movimento social e uma organização de classe. desenvolvendo, portanto, uma ideologia própria de classe. (WARREN, 1987, p.35 - 34)

Marx também se refere os movimentos sociais em seu livro “**A Miséria da Filosofia**”, da seguinte forma: “Não se diga que o movimento social exclui o movimento político. Jamais haverá movimento político que não seja ao mesmo tempo social”. (MARX, 1990, p.192)

Neste sentido, Marx vai fazer a defesa para que existam as mais distintas formas de luta, sejam greves, sejam lutas sindicais, entre outras. Para ele, estas lutas são formas de impulsionar a luta de classes nas sociedades, que é o principal motor da história. Por isso,

[...] A contribuição de Marx para análise dos movimentos sociais de libertação das classes socialmente oprimidas foi uma das mais ricas já realizadas. A abrangência de seus estudos neste sentido torna difícil a tarefa de selecionar suas contribuições mais significantes (WARREN, 1987, p 24).

Surgem outros teóricos que também se situam entre os teóricos marxistas clássicos, como Lênin (1870 - 1924), Lukács (1885 - 1969), Gramsci (1891 – 1937) que buscam interpretar a teoria de Marx.

Lênin trará como ponto central a questão da Vanguarda e de sua importância na formação da consciência revolucionária; Lukács trará sua contribuição na questão da Consciência de Classe na dialética da transformação social; Gramsci desenvolverá como central no seu trabalho a questão da direção cultural na libertação das classes subalternas. (WARREN, 1987, p. 40)

Assim, para a ciência, o pensamento de Marx é um marco importante. Será ele que orientará a formação de todo um modo de pensar no que diz respeito à construção do pensamento teórico contemporâneo dos Movimentos Sociais. É impossível estudar os Movimentos Sociais sem se referir a ele, seja para opor-se a sua teoria, seja para buscar sua superação ou dar continuidade a seu pensamento (WARREN, 1987, p. 76).

Assim, o termo movimentos sociais, que de início era mais restrito a sociologia, começa a adentrar as demais ciências no século XX, que foi e é um dos períodos de maior crescimento e estudo sobre esta questão. É este um período que se busca uma análise para entender quais são os objetivos, características e tipos de movimentos sociais que existiram e existem, ou seja, há um esforço em compreender qual a contribuição destes Movimentos para transformação social (WARREN, 1989).

É com este sentido que surge a tendência contemporânea, também chamada de Novos Movimentos Sociais. Dialogarei com alguns autores como: Laclau, Dahrendorf, Touraine, Guattari, Castoriadis, Gutiérrez que também trouxeram contribuições relevantes para nossa compreensão de Movimentos Sociais. Vejamos quais foram estas contribuições e sua importância para a atualidade:

[...] A de Laclau, que situada dentro de uma linha de interpretação marxista, tenta aprofundar o pensamento gramsciano, ao analisar o movimento da dialética entre povo e classe, sua oposição ao bloco de poder. Sigo com a contribuição de Dahrendorf trouxe a abordagem funcionalista da sociedade, ao conceber a importância dos grupos de conflito e dos conflitos de grupos na construção social. Após, Touraine, Guattari e Castoriadis situam-se entre aqueles que pretendem superar o marxismo ortodoxo e atualizar esquemas de análises dos movimentos sociais em termos da sociedade

contemporânea. Para Touraine é através de seus movimentos sociais, enquanto forma de ação coletiva organizada, que a sociedade se autoproduz. [...], Guattari, em sua especificidade de pensamento, trás sua contribuição no fato de privilegiar as revoluções moleculares, isto é, os movimentos que ocorrem em todos os níveis da vida social. [...], Castoriadis busca a compreensão dos mecanismos sociais que levam a sociedade a se auto – instituir, ou seja, a compreensão dos movimentos sociais desalienantes e da conquista da autonomia. [...] o pensamento de Gutiérrez, que trás como proposta acerca da práxis de libertação que se associa a reflexão teológica libertadora (WARREN, 1987, p.76- 77).

Do início dos estudos sobre movimentos sociais até nossos dias, foram se constituindo diferentes teorias e muitos estudos foram realizados sobre os Movimentos Sociais. Ao desenvolver este trabalho, percebi a necessidade de me apropriar dos diferentes conceitos e destacar um a ser utilizado neste trabalho. É necessário construir essa base, entender sua construção, o que os compõe, sua historicidade, suas características e sua importância nos diferentes períodos históricos.

Compreendo ser importante estudar os movimentos sociais não somente para entender seus sujeitos e sua formação, mas principalmente, compreender seu papel histórico na luta de classes. Para isso, trabalho com a categoria da prática social, dando ênfase para a luta, as relações sociais e o trabalho. Entendendo que é preciso compreender que práticas sociais formam os Sem Terra. Vou buscar entender a formação dos/as idosos/as a partir da prática social produzida dentro do MST. E, deste ponto, entender como as práticas sociais produzidas no MST contribuíram para o avanço da luta de classes.

Também, é preciso entender os movimentos sociais a partir das classes sociais, compreendidas por Thompson:

As classes sociais acontecem à medida que os homens e as mulheres vivem suas relações de produção e experimentam suas situações determinantes, dentro do “conjunto de relações sociais” como uma cultura e expectativas herdadas, e ao modelar essas experiências em formas culturais (THOMPSON, 1979 p.38).

É importante, trabalhar com o conceito de classes sociais, pois permite entender o MST e o seu significado, sua função e sua história e qual sua importância para a luta de classes.

A partir dessa pesquisa fui estudando um conceito que se aproximasse o que estava mais adequado o que venho estudando na realidade, enquanto teoria uma das que sintetizou esta compreensão foi Warren (1989) que trouxe este conceito de movimentos sociais.

[...] Movimentos Sociais como uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorizativos comuns (a ideologia) e sob uma orientação diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção). (1989, p.20)

Além destes elementos, gostaria de incluir também a contribuição de Ribeiro (1998) que considera também a condição de opressão: “defino como Movimentos Sociais Populares aqueles que, mesmo mobilizados por situações de discriminação e opressão, tem como eixo básico as relações de exploração”. (RIBEIRO, 1998, p.68).

Por fim, entendo a importância dos Movimentos Sociais como algo sem começo nem um fim, mas apenas como continuadores da luta do povo.

### **1.2.2 – O MST e a herança da luta pela terra**

No texto acima, busquei entender as diferentes abordagens, interpretações que alguns autores fazem sobre este fenômeno social que são os Movimentos Sociais e a partir disso extraí um conceito que considerei mais relevante para entender o MST e sua constituição, como uma organização social.

Aqui, tenho como objetivo entender qual é o papel do MST na atual conjuntura, como ele se insere na temática central deste trabalho, compreendendo o MST como um dos acúmulos da luta de classes dos diferentes grupos de trabalhadores que se organizaram para lutar contra a opressão ao longo da história.

Para entender o surgimento do MST é necessário olharmos para a história, e estudar o movimento que a luta de classe teve e sua efervescência no século XX. Neste período, inicia-se uma série de experiências importantes e significativas como

a Reforma Agrária Mexicana, a Revolução Russa, a Revolução Chinesa, a Revolução Cubana, a Guerra do Vietnã, a experiência chilena, com Salvador Allende, e, os processos revolucionários ocorrido na Nicarágua, El Salvador, entre outras, forjam uma conjuntura importante na América Latina, isto foi fundamental para o surgimento da retomada da luta pela terra, do MST e de outros Movimentos Sociais. Um novo fenômeno social nesta realidade, com algumas características específicas como é o caso do MST. Um Movimento Social autônomo, de massa, de caráter popular, sindical e político, que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade (MORISSAWA, 2001, p.153).

No livro **“Quando novos atores sociais entram em cena”**, Eder Sader (1991), trabalha que o surgimento de novos Movimentos ou Novos sujeitos coletivos se deu pela crise que a Igreja estava passando, pela crise do sindicalismo, pela crise das esquerdas. Em resumo, os antigos centros organizadores estavam em crise, e a partir disso, novas práticas começaram a ser geridas, que trarão à tona novos Movimentos Sociais Populares. Ele direcionou seu trabalho para as experiências populares que estavam acontecendo naquele momento histórico no Brasil, e seu objeto definiu-se em torno das novas características dos novos movimentos sociais da década de 1970 (SADER, 1991, p.10- 18).

A partir desta realidade e de um processo histórico que começa a ser gestado no seio da sociedade brasileira com influência externa e interna, começam a acontecer mudanças na discussão dos movimentos sociais, o que Gohn (1997) chamou de “paradigma latino americano, ou [...] Movimentos chamados de emancipatórios ou libertários [...]” (GOHN, 1997, p. 15). Os Novos Movimentos Sociais a autora define assim:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articulados em certo cenário de conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social da sociedade civil. [...] As ações desenvolvem um processo social e político – cultural que cria uma identidade coletiva para o Movimento, a partir dos interesses em comum. [...] Os Movimentos Sociais participam, portanto da mudança social histórica de um país e do caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas e político - culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuamos. (GOHN,1997, p 251)

Gohn (1997) faz um estudo de todas as teorias que já foram elaboradas a partir desse fenômeno social, tanto de Movimentos Sociais, como dos chamados Novos Movimentos Sociais. Em seu livro, ela faz um apanhado de um conjunto de teóricos que elaboram trabalhos acerca dos Movimentos Sociais; este estudo foi importante, pois me permitiu ver em que contexto nasceu o MST e que teoria que o embasa. O MST terá como corrente de pensamento o marxista, sendo que no centro de sua luta está a luta de classes.

Também, posso dizer que o MST se forma enraizado num passado de lutas dos povos, como Gramsci (1978) traz em seu livro *Concepção Dialética da História*:

Todo o grupo social tem uma tradição, um passado, e o considera como único e total passado. Aquele grupo que, compreendendo e justificando todos esses passado, souber identificar a linha de desenvolvimento real – linha contraditória, mas possível superação na contradição – cometerá menos erros, identificando mais elementos positivos, sobre os quais apoiar-se para criar uma nova história. (GRAMSCI, 1978, p.254)

O MST nasce dentro dessa conjuntura dos chamados Novos Movimentos Sociais, mas é herdeiro da luta dos trabalhadores, ou seja, dos velhos Movimentos Sociais que assumem uma relevância maior entre as décadas de 70 e 80 do século XX. Ele surge em um momento de ascensão das massas, ou seja, momento de grande efervescência da luta de classe na América Latina.

Foi através da crise dos centros organizadores que ocorreram em todo o mundo, mas com efervescência maior, sobretudo na América Latina e no Brasil, que nos anos de 1970 se constitui o MST. Ele se insere no mesmo contexto, em que surge a Teologia da Libertação. Surge com a ajuda da Comissão da Pastoral da Terra, também, é notável a contribuição das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), e dos antigos centros de educação Popular.

Assim, concordo com Ribeiro (1999) que explica:

Confere ao MST o papel de sujeito de transformação social enquanto tomador de iniciativas de luta, forjador de ações e criador de estratégias de enfrentamento ao capital, é o deslocamento que provoca dentro da arena do confronto, no campo político onde se esgota o papel do Estado como árbitro neutro de conflitos, para o campo da produção econômica onde o capital não consegue dar respostas à questão do desemprego (RIBEIRO, 1999, p.170).

Para o MST, Movimento Social é símbolo de luta social, projeto, objetivo desde a óptica dos trabalhadores, é um espaço de formação de sujeitos coletivos e sociais. Tem como característica a mobilização massiva com participação direta dos interessados, possui identidade coletiva e possui interesses comuns.

### **1.2.3 – O MST como princípio educativo**

Neste espaço pretendo refletir sobre a importância do MST como princípio educativo, trazendo as contribuições teóricas e minhas experiências/vivências educativas como sujeito Sem Terra. Tenho como objetivo entender como se dá a educação como um processo de formação humana, aqui, compreendido a partir do princípio marxiano da omnilateralidade (essa palavra vem de Marx) que significa “dar conta de reintegrar as diversas esferas da vida humana que no modo capitalista prima por separar” (MST, 1996, p.8), ou então, a educação integral do ser humano. Entendo o desdobramento disso nas diferentes situações de aprendizado ou nas diferentes vivências educativas que acontecem no MST.

No texto que segue vou trabalhar com a educação/formação. Para explicar isso, busco algumas fontes que embasam minha concepção de educação/ formação que é primeiramente a construção feita pelo MST sobre educação, após o viés da educação popular embasada em Paulo Freire (1921 – 1997) e da Pedagogia socialista, embasado principalmente, em Marx (1818 – 1883).

É importante esclarecer que quando coloco educação e formação junto, tenho a compreensão que uma está ligada à outra, não tem como deslocá-las. Por isso, ambas, são sinônimos em minha compreensão. Educação constitui um processo formativo e formação constitui um processo educativo.

Concordando com Frigotto:

[...] os seres humanos não nascem prontos de acordo com um projeto de natureza ou de qualquer deus ou arquiteto extra – humano, mas que se tornam humanos e eles próprios definem a tentativa de influir no seu desenvolvimento. A humanização como projeto, como telos, como

pedagogia, é o ponto de partida de toda ação pedagógica fora ou dentro da escola. [...] (FRIGOTTO, 2005, p. 144)

Inicialmente, é importante compreender o que o MST concebe como educação:

[...] educação é um processo de formação humana. Processo através do qual as pessoas se inserem numa determinada sociedade, transformando-se e transformando esta sociedade. Por isso, ela sempre está ligada a um projeto político e com uma concepção de mundo. [...] consideramos a educação como uma das dimensões da formação, entendida tanto no sentido amplo da formação humana, como no sentido mais restrito da formação de quadros para a nossa organização e para o conjunto das lutas dos trabalhadores. (MST, 1996, p.5)

Ao analisar a profundidade do conceito, indaguei de onde o MST se embasou para conceituar educação como um processo de formação humana. Primeiramente, percebi isso em Marx e em autores marxistas, mas fui buscar onde estes devem ter se embasado para formular essa concepção, percebi que isso estava ligado a história da educação no pensamento educacional grego.

[...] É nessa visão global que se constitui ao longo da história a concepção universal da educação. Universal não só no sentido para todos, mas de dar conta da universalidade, pluralidade, omnilateralidade das dimensões humanas e humanizadoras a que todos os indivíduos têm direito por ser e para ser humano. Essa universalidade de ação educativa é a concepção universal da *Paidéia*, do humanismo renascentista, da ilustração, do socialismo utópico e científico, dos movimentos sociais, [...] (FRIGOTTO, 2005, p. 155)

Ao fazer uma breve pesquisa nesta perspectiva histórica descobri que esses teóricos retomam uma idéia de educação para a formação humana como já citei acima, que se liga a ***Paidéia*** grega que era concebida como “uma educação integral, que consistia na integração entre a cultura da sociedade e a criação individual de outra cultura numa influência recíproca.” (GADOTTI, 1994, p.30), “a educação grega constantemente centrada na formação integral – corpo e espírito [...]” (ARANHA, 1989, p 50), ou seja, a educação está centrada na formação integral do homem. Interpretando isso, diria que *Paidéia* é um projeto político pedagógico para participar da vida pública. Após, MARX e os marxiano irão acrescentar nesta concepção a dimensão social e histórica, pois compreendem que todos/as somos frutos do meio social onde estamos inseridos, que a educação é um processo externo ao ser



humano. Marx afirmou esta concepção na ***Contribuição à crítica da economia política***: “[...] não é a consciência do homem que determina seu ser social, mas, pelo contrário, o seu ser social que determina a consciência” (MARX, 1983, p 24). As circunstâncias ou nos forma ou deforma, como diz Marx e Engels no livro ***A Ideologia Alemã***: “as circunstância fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias” (MARX e ENGELS, 1991, p.56).

Uma outra referência na educação é a contribuição da educação popular, aqui representada nas teorias de Freire (2000). Para ele toda educação é um ato político, é uma forma de intervenção no mundo. Vai dizer que somos seres com a vocação ontológica de ser mais. Trabalhará que a história é feita pelos homens, que nada é determinado. A história é possibilidade; somos frutos dessa história, ou seja, somos sujeitos históricos. As contribuições de Freire foram integradas à proposta de educação do MST, ele será uma das “fontes” onde o MST “bebe” para embasar suas concepções. Isto é observável na prática educativa que o MST desenvolve.

Entender essa conceituação de educação é fundamental para poder discutir sobre o MST como princípio educativo, mesmo que quando discutamos educação ainda esteja presente a idéia da escola. Porém, o que importa nesta discussão não é a escola formal, aquela de quatro paredes, mas o espaço educativo que há na escola. Assim quando olho para o movimento o vejo como uma grande escola, que socializa suas práticas e produz um novo sujeito histórico.

Por isso, é importante trazer para este trabalho a reflexão sobre da importância do MST na formação de sujeitos históricos. Como a participação e a vivência podem levar a um processo educativo, no MST os sujeitos se reconhecem a partir das suas histórias e aprendem a partir da luta social, elementos fundantes no sentido educativo de lutar pelos seus direitos. Compreendem a importância de ter deveres, responsabilidades, aprendem novos valores, desenvolvem novos hábitos e costumes.

Isso tudo que aparece acima se constitui desde o momento em que o sujeito é convidado a fazer parte de um acampamento Sem Terra. É o primeiro momento que este sujeito individual começa um processo de enraizamento<sup>6</sup> coletivo ou como

---

<sup>6</sup> Vou trabalhar aqui enraizamento segundo Bosi: “O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que

poderia dizer um processo educativo. Dali para frente, fazer parte de um Movimento Social como o MST produzirá neste sujeito uma experiência humana extremamente significativa para seu processo de educação/ formação.

Esta experiência produz aprendizados individuais e coletivos que contribuíram e contribuem para o avanço desse Movimento. Isso se dá diretamente ligado a algo central nessa formação/educação que é a luta social que produz o sujeito e que o sujeito produz por estar em movimento. Esta luta está intimamente ligada a alguns elementos importantes que fazem parte da constituição desse Movimento Social, que é todo o jeito pedagógico que este produz nas suas formas de enfrentamento. Lutas estas que não estão isoladas, mas que são necessidades individuais que se juntam coletivamente. No fazer as lutas sociais é que se abre a possibilidade para se gestar e gerar novas relações sociais que vão produzindo um “novo” ser humano. Por isso, podemos dizer que um sujeito que passa por uma organização social como o MST se transforma. O que quero dizer com isso? Que este estar/ participar insere uma série de elementos novos nas pessoas como um novo modo de olhar o mundo; é como se abrisse a cortina que esta a sua frente. Esse processo é o que Paulo Freire chama de desvelamento do mundo ou uma nova leitura do mundo. Nesse desvelamento do mundo os sujeitos aprendem que ocupar nada mais é do que tomar de volta um direito roubado. Isso projeta mudanças profundas no modo de pensar e agir das pessoas, elas passam a ver que sozinhas não têm força de transformação, mas que todos juntos há possibilidades.

Estes sujeitos aprendem que a rebeldia organizada é um importante elemento para mudar o que parece estar dado, e assim, se enxergam como herdeiros históricos da luta do povo. Com isso, em cada ação do MST, em cada processo que este se organiza, junto está o acúmulo de muitas experiências da luta popular e um conjunto de situações educativas que tem como principal objetivo formar a consciência de classe. Num primeiro momento, este saber custa a ser apreendido, pois formar uma consciência de classe não é simples; às acontece um retorno, porque nunca está pronta nem é igual. Então, às vezes ela acontece num enfrentamento com a polícia durante uma ocupação, outras no meio de uma negociação, outras durante um curso de formação, ou também, numa marcha,

enquanto organizamos um acampamento. Ou então, mesmo com todas estas vivências e processos, com toda uma intencionalidade, não se consegue desenvolvê-la. Enfim, ela não é linear, estática, está em movimento como o próprio Movimento, precisa ser trabalhada, pois estar dentro do MST é perceber-se em luta contra a realidade atual. Ao dar-se conta dessa nova consciência o sujeito passa a negar o velho para produzir o novo. Esse novo não acontece amanhã, deverá nascer todos os dias, a partir de cada prática social que o sujeito coletivo produz.

Neste sentido as vivências de um acampamento podem ser um bom exemplo para refletir sobre este grande educador social que é o MST, ou seja, é no acampamento, pela forma de organização social e organizativa que o sujeito se percebe como tal e refaz sua prática, agora, voltada não mais a si, mas ao grupo ao qual pertence. Invertem-se a lógica da sociedade capitalista, na qual as relações sociais têm como centro o indivíduo. No acampamento, o centro das relações sociais é o coletivo. Somente isso, traz uma série de modificações na vida destes sujeitos sociais que os possibilita aprenderem a produzir todo um novo modo de vida.

Contudo, este tempo de acampamento, às vezes, é curto e as relações sociais capitalistas prevalecem, principalmente, quando o sujeito Sem Terra chega ao assentamento. Dependendo da forma como estes se organizarem poderá conduzi-los a retornar às antigas relações sociais produzidas antes de terem vivenciado esta nova experiência no acampamento.

Esse processo de aprendizagem vivenciado no acampamento, que denomino “conversões provisórias”, que acontece na prática dos Sem Terra, tanto pode servir para transformar suas subjetividades, como pode fazê-los experimentar novas relações sociais, ou então a retroceder às socializações anteriores.

Estas situações educativas explicitadas acima produzem um pertencimento. Este pertencer nasce ligado ao enraizamento, provocando uma identidade neste sujeito que chamamos Ser Sem Terra. No sentido que a própria Caldart (2000) traz em seu livro ***Pedagogia do Movimento Sem Terra*** que é a seguinte:

Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser um trabalhador ou trabalhadora que não tem terra, ou que luta por ela. Ser Sem Terra virou nome simbólico, referência de luta e organização, de ética, de cidadania, e até de irreverência cultural que altera as normas da gramática pela força de seu uso social de uma expressão que se tornou nome próprio, mas uma identidade que transcende a si mesma (CALDART, 2000, p. 206).

Para os Movimentos Sociais, não é o Movimento Social que educa, mas o próprio movimento que o Movimento Social propicia que educa. Logo, é um princípio educativo, pois contribui para a educação/formação dos sujeitos que dele fazem parte.

Estudar sobre o MST como princípio educativo permite nos darmos conta de que estar em movimento revoluciona a vida dos sujeitos que se inserem no MST, mexe com a existência, pois faz com que estes se percebam como sujeitos de seu processo histórico.

Por isso, entender esta dimensão da formação humana na constituição do Ser Sem Terra é fundamental para compreendermos como MST se mantém vivo e presente na vida do povo, mesmo no meio da contradição Trabalho X capital em que se assenta o sistema capitalista. Compreender o papel que este Movimento assume nesta sociedade que vai além de educador coletivo, mas como um inspirador de novas práticas sociais.

### **1.3 – As Gerações no MST e os Idosos/as**

Esta parte tem como objetivo trabalhar o conceito de geração, um aspecto que, de início, não estava delineado no meu trabalho, mas que com a pesquisa acabaram se tornando importante e merecendo ser aprofundado. Abaixo vou trabalhar com duas questões; primeiro o que compreendi por gerações a partir de alguns autores e depois, gerações no movimento do Movimento. Com esta duas questões pretendo justificar esta escolha conceitual de gerações e, também, analisar esta questão que apareceu na realidade pesquisada.

Neste texto tenho como objetivo justificar minha escolha por este conceito gerações, porque este se torna importante num determinado momento de minha pesquisa. E o que eu quero abordar a partir deste conceito/categoria. Neste sentido cabe aqui um estudo sobre o tema geração, compreendendo este como uma das categorias de análise para compreender o Envelhecimento no MST e o processo de formação desses sujeitos.

A inquietação com esta palavra surgiu lá na graduação, quando em campo, percebi certo conflito de gerações entre avós e netos, mas que lá somente pontuei e não parei para analisar. Agora, em minha ida a campo me deparei novamente com esta questão, mas num âmbito maior. Enquanto estava realizando minha pesquisa de campo, observei que o MST que os idosos/as descreviam, praticamente não existe mais, ou melhor, que o MST foi se transformando ao longo desses mais de 20 anos, mas isso não é novidade. A questão é como isso é assimilado por este sujeito idoso/a. Eles conseguem ver essas mudanças e fazer uma leitura olhando a história como movimento? Pelo que observei, os idosos/as têm grandes dificuldades em entender que o Movimento vem fazendo diferentes movimentos e que cada um destes, é um determinado sujeito que está nessa condução e que isto traz diferenças. O MST quando nasceu, foi pensado de uma forma, mas hoje, ele está em processo de mudança, pois o tempo histórico não é o mesmo e as pessoas que o compõem também se modificaram. O mundo não é estático e nem linear.

Partindo para a realidade, percebe-se claramente este conflito, seja com os familiares, seja com os militantes mais jovens, seja com os que dirigem este Movimento. Na verdade, muitos chegam a afirmar: “este não é o MST que ajudei a fundar/criar”. Indago-me: o que significa não mais se reconhecer como sujeito Sem Terra? Que conseqüências isto traz para o futuro do MST? O que isto mexe no pertencimento, um dos elementos importante no que se refere à construção da Identidade Sem Terra? O que está em risco? Será que o MST já refletiu sobre esses elementos? Isso gerou em mim, certa incomodação. Levou-me a discutir e refletir sobre a relação entre os “velhos” e os “novos” dentro do MST, sua participação e sua contribuição para a construção dessa organização social.

Foi assim que compreendi melhor o sentido da geração, aqui, entendendo esta como algo ligado às diferentes faixas etárias que constituem o MST e seus diferentes processos formativos, suas contribuições e implicações no que diz respeito à construção das relações sociais dentro do MST.

Quando falo “Gerações no movimento do Movimento”, estou me referindo aos diferentes movimentos que os sujeitos do MST vêm fazendo desde sua constituição em nível nacional em 1984. De lá até hoje, estes realizaram vários movimentos e poderíamos dizer mudanças, principalmente, no que se refere a sua base social e a sua organização.

Estas questões incidem diretamente na vida dos sujeitos que compõem este Movimento. O que quero dizer? Será que idosos/as do MST conseguem ver estas mudanças e compreendê-las? Entendendo, que a cada inserção de um novo grupo social no MST, junto está todo um modo de reproduzir a existência. Assim, não é que aquela forma inicial de fazer/construir o MST deixe de existir, apenas este se transforma, pois o tempo não é o mesmo, nem as pessoas e as condições objetivas também se movimentam.

Portanto, quando discuto geração estou me referindo à geração de idosos, mas também olhando como se dá a relação das gerações no MST, partindo do olhar do envelhecimento e dos idosos/as. Assim vou entendendo: “que a idéia de gerações implica em um conjunto de mudanças que impõe singularidade de costumes e comportamentos a determinadas gerações” (DEBERT, 1998, p.60).

Quando falo de geração não estou me remetendo ao sentido que está no dicionário, ou seja, de geração como ação (por exemplo, geração de renda) ou simplesmente efeito de um conjunto de indivíduos nascidos em uma mesma época. Busco entender o que são as gerações que compõem o MST e como estas se relacionam entre si. E, Debert (1998) contribui dizendo: “a geração não se refere às pessoas que compartilham a idade, mas às que vivenciam determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras” (DEBERT, 1998, p.60).

Contudo, se faz necessário perceber que o conceito de geração não é homogêneo e único, aliás, dependendo de como ele é colocado adquire um sentido que vai desde a perspectiva mais familiar até este olhar das relações entre as gerações. Aqui, neste caso, pretendo trazer para fora do âmbito familiar; não é que não o considere importante, mas, como estou partindo dessa leitura do Movimento, olharei a partir dessa troca entre os diferentes grupos etários que fazem parte do MST, as trocas que se estabelecem entre si e entre as gerações. Como se dá essa socialização de saberes, a construção e transmissão da cultura e da memória do povo. Por isso, vou analisar como uma categoria explicativa, que neste caso, não está ligado a uma filiação, mas refere-se a sujeitos de diferentes faixas etárias que se relacionam dentro de um grupo social, o MST.

Também, um conceito que se aproxima do que busco compreender é este:

As gerações são mais que **coortes** demográficas. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas

de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esporte, artes, cultura e agremiações científicas (*Movimentos sociais*)<sup>7</sup>. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamentos, graus de absorção, científica e tecnológica. Comportam memórias, ciências, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis (MAGALHÃES, 2000, p. 37)

No estudo de alguns autores que pudessem ajudar a entender o que busco encontrei um texto de Jean-Claude Forquin **“Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações”** que contribuiu muito, pois este autor faz um apanhado das acepções sobre gerações e neste texto dialoga com um texto de Karl Mannheim, este artigo em 1928, **“Le problème des *génération*”** (o problema das gerações), em que traz contribuições a esta discussão.

A questão central colocada por Mannheim é a vinculação; [...] a dimensão fundamental temporal do fenômeno da geração tem algo haver com a ordem biológica, com a ocorrência das transições e das transmissões vitais. [...] o fenômeno de vinculação de uma geração deve ser compreendido, sobretudo dentro de uma dimensão histórica e sociológica. (FORQUIN, 2003, p.4).

A partir disso, Forquin (2003) traz em Mannheim um conceito importante nesta perspectiva em que estou discutindo geração.

[...] Mannheim propõe assim uma conceituação fina, desenvolvendo uma especificação progressiva em torno das noções de “situações de gerações”, de “conjunto de gerações”, de “unidade de geração”, de “grupos concretos”. Ele fala primeiro de “gerações potenciais”, construída por indivíduos que se encontram em “situações de geração” análogas. [...] Para Mannheim, a “situação de geração” não basta para estabelecer a existência de um “conjunto de gerações” real. [...] noção de “conjunto de gerações” sofre, por sua vez, uma especificidade e polarização. É assim que, numa dada época, vivendo num mesmo contexto histórico e confrontados aos desafios de um mesmo destino, grupos chegam a se enfrentar e a se combater, motivado por escolhas políticas ideológicas diferentes que constituem respostas diferentes propostas para uma mesma questão. Mannheim chama tais grupos de “unidades de geração” [...] o que fundamenta uma “unidade de geração”? São conteúdos comuns de consciência, representações, crenças, engajamentos [...].

Estas contribuições de Forquin e de Mannheim trazem um olhar perspectiva mais diferenciado do conceito de “geração”, que permitirá mais adiante analisar com

---

<sup>7</sup> O que está entre parênteses a pesquisadora achou interessante acrescentar, para poder assim ficar próximo do que busquei.

maior profundidade, a partir dos dados coletados, de que forma as relações entre as gerações no MST se constituem e se expressam.



## II – AS HISTÓRIAS QUE SE TRANSFORMAM

[...] Não há, história sem homens, como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feitas por eles, também os faz [...]. (FREIRE, 2004,127)

Parto do pressuposto de que este título deve convidar cada um e cada uma a uma reflexão séria e responsável, comprometida com a história, ou melhor, com a sua própria história. Ao falar sobre “As histórias que se transformam”, pretendo dialogar como os trabalhadores/as que se constituíram e se constroem diariamente como sujeitos históricos.

Neste momento trabalharei partindo do que Marx e Engels (1984) definiram como história na Ideologia Alemã:

[...] premissa de toda a existência humana, e portanto, também, de toda a história, ou seja, a premissa de que os homens têm de estar em condições de viver para poder (fazer história). Mas da vida fazem parte, sobretudo o comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas outras coisas. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação das necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a História, que ainda hoje, tal como a milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos (MARX & ENGELS 1984, p. 30-31).

Com esta citação acima, quero fundamentar o que irei desenvolver abaixo a história de um grupo de trabalhadores organizados em luta para conquistar um direito roubado, o direito à terra. E, com isso, contextualizar o desenrolar de um movimento histórico que acontece nesta realidade.

Escrever a história é um ato que requer muita seriedade e responsabilidade. Requer acreditar no amanhã como nos ensina Freire (1921- 1997):

E para isso se concretizar, concordo com Freire (1983), no livro “**Educação e Mudança**” que afirma: “na medida que o compromisso não pode ser um ato pacífico, mas práxis – ação e reflexão sobre a realidade – inserção nela, ele implica indubitavelmente um conhecimento da realidade” (FREIRE, 1983, p.21) cada trabalhador tem um compromisso social que deve ser transformado em práxis.” É essa práxis que faz germinar esta história como possibilidade.

O texto será organizado assim: Primeiro, faço uma breve retomada da luta pela terra no Brasil. Depois, num segundo momento, trabalho o contexto histórico da luta pela terra no Rio Grande do Sul, para que, a partir desse, discuta a luta pela terra na região Norte do estado RS, com o objetivo de focalizar a história da ocupação antiga Fazenda Anoni, como um dos latifúndios do Rio Grande do Sul, sua transformação e sua reorganização. Por fim, trarei a história dos dois assentamentos onde realizei a pesquisa: 16 de Março em Pontão/RS e Novo Sarandi em Sarandi/RS, ambos, na Região do Alto Uruguai.

## **2. 1 – Brasil: A luta pela terra e a formação do latifúndio**

Escrever sobre a história dos trabalhadores é poder beber na memória da formação social brasileira. Aqui trabalharei com o recorte histórico que foi a luta pela terra e a formação do MST.

Não tem como trabalhar a formação do MST, sem essa relação dialética com a formação do povo brasileiro. Quando uso o termo povo brasileiro trabalho na perspectiva de Darci Ribeiro (1998), ou seja, com um Brasil de índios, caboclos, nativos, negros escravos e imigrantes. Trata-se da história dos diferentes trabalhadores que, desde o século XVI até nossos dias, que em determinados momentos históricos entraram em luta pela terra, pela vida e de trabalho.

Nesta análise, concentraremos o foco na luta que houve e que há entre os trabalhadores do campo frente à concentração fundiária. Ela surge no contexto da invasão do Brasil, enfrentamento primeiro do índio e com o europeu, mais tarde, entre o negro escravo e o senhor de engenho, depois o trabalhador assalariado e o agronegócio, dos fazendeiro da monocultura.

Ao longo desses mais de 500 anos, a terra vem sendo expropriada dos camponeses. Existem diferentes conceitos sobre o que é camponês Um destes conceitos é o que segue:

Camponeses entendidos no sentido de diferentes grupos de trabalhadores /as do campo cujo processo de reprodução social se faz na contraposição

às relações capitalistas de produção, ainda que subordinado a elas. (CALDART, 2004, p.17)

Isso tem seu ponto forte na divisão de terras brasileiras pelos portugueses, quando estes a dividem em capitanias hereditárias. “Que foi a primeira forma de dividir a terra, [...] concessão de uso, em que a coroa destinava grandes extensões de terras a donatários, amigos e prestadores de serviço à coroa.” (STÉDILE, 2000, p.15). Até então, a terra era de todos, de uso comum. Segundo muitos historiadores, é ali, que nasce a origem do latifúndio no Brasil. A partir desse momento a terra se torna refém de pequenos grupos que se apropriam e a exploram, os quais se apossam dela e a consideram seu dono. (STÉDILE, 2000, p14 e 15).

A invasão das terras e a divisão em latifúndios não aconteceram sem luta e resistência. Por isso, é importante destacar que a história do Brasil é permeada pela luta de classes, ou seja, afirmar o que Marx (1997) disse em 1848: “A história de toda sociedade que existiu até agora é a história da luta de classe”. Não seria diferente na história da sociedade brasileira.

O modelo econômico adotado no Brasil é de agroexportação, e este somente começará a mudar no final do século XX, com a industrialização do Brasil e depois voltará a se fortalecer. Dentro desse modelo, o latifúndio e a concentração da terra se fixarão.

Quando estamos falando em latifúndio estamos compreendendo este como:

A palavra latifúndio vem do latim “*latifundiu*”, que era utilizada na Roma antiga, para caracterizar o domínio de uma grande área de terra por um único proprietário. Dessa forma pode-se afirmar que a expressão latifúndio representa acima de tudo a designação para uma grande propriedade de terra. O significado de “grande” extensão de terra, pode variar dependendo a realidade de cada país, bem como, das diferentes regiões num mesmo país. (STEDILE, 2000, p.5)

Nesta luta entre a implantação de um modelo econômico e a resistência por parte da população aconteceram ao longo da história diversos exemplos de luta e resistência do povo. Ou seja, o conflito e confronto pelo direito à terra provocou inúmeras revoltas populares, umas com mais êxitos outras nem tanto, mas todas demonstraram para as futuras gerações ideais de libertação.

O povo<sup>8</sup> que se formou neste território nos diferentes períodos históricos lutou contra o processo de dominação realizado primeiro pelos portugueses, após pelas oligarquias, enfim, pela elite brasileira. Este não é um povo que aceita pacificamente a imposição dos dominadores.

A luta pela terra se iniciou desde a invasão portuguesa, quando os índios lutaram contra os portugueses. Um exemplo é a Confederação dos Tamoios (1563 - 1567). “Os Tupinambá do Rio de Janeiro e os Carijó do planalto paulista – ajudados pelos Goitacá e pelos Aimoré da serra do Mar – Fizeram guerra aos portugueses e aos grupos indígenas que o apoiavam.” (RIBEIRO, 1998, p. 33). Outro exemplo é a Guerra dos Bárbaros. No fundo “os índios jamais estabeleceram uma paz estável com o invasor, exigindo dele um esforço continuado, ao longo das décadas, para dominar cada região.” (RIBEIRO, 1998, p. 33).

Também, um outro espaço de resistência do povo brasileiro foi nas Missões Jesuíticas, um exemplo de luta pela terra. Aconteceu no Rio Grande do Sul entre os anos de 1610 e 1738. Foi uma luta de Portugal e Espanha pelo território guaraníco. Os índios se recusaram a deixar suas terras e deram início a uma guerra que durou 1753 a 1756, também chamada guerra Guaranítica. Seu principal líder foi Sepé Tiarajú.

Depois, numa outra fase histórica brasileira, com a implantação da escravidão negra, surgem outras formas de lutas e revoltas populares. Uma forma de resistência, neste período, foram os Kilombos. “Uma das formas de resistência do negro contra o cativo, os kilombos refugiavam não só escravos foragidos, como também índios, pobres e prostitutas.” (MORISSAWA, 2001, P. 65).

Mesmo com toda a repressão, os escravos sempre se revoltavam. As fugas não eram apenas individuais. Os escravos combinavam e fugiam em massa, unidos. [...] o Kilombo, era uma verdadeira sociedade alternativa. Não existia propriedade privada da terra. Todos trabalhavam em cooperação, eram livres e iguais. (SCHMIDT, 1996, 37).

Entre os Kilombos destaco o Kilombos dos Palmares. Este se tornou uma referência, pois nele as pessoas que ali faziam parte queriam criar uma nova ordem social. “Considerado o maior do Brasil, Palmares foi na verdade uma junção de kilombos e chegou a reunir cerca de 20 mil habitantes. Calcula - se que tenha se

---

<sup>8</sup> Toda vez que me referir povo estou falando de índios, caboclos, negros escravos e imigrantes.

formado em 1629.” (MORISSAWA, 2001, p.65). Seus principais líderes foram Zumbi e Ganga - Zumba.

Começou a haver pressões externas e internas em relação à libertação do trabalho negro. Imediatamente a Coroa portuguesa, buscou garantir que, com a libertação, os negros, não tivessem direito a terra. Neste contexto, o então imperador D. Pedro II promulgou a lei nº. 601 de 18 de setembro de 1850. Esta ficou conhecida como a primeira lei de terras do Brasil. Ela foi a principal ação que a elite brasileira garantiu para que os pobres e escravos não tivessem direito à terra, pois somente poderia adquiri-la quem pudesse comprá-la. Assim, em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, os escravos foram expulsos das fazendas e se aglomeraram nos centros urbanos e nas cidades, estes, por não terem condições de comprar um terreno. Então, foram morar no entorno das cidades, dando origem às favelas. A principal consequência da lei de terras foi condicionar o negro e os pobres a serem sem – terra e a legalização da propriedade privada da terra, ou seja, a constituição legal do latifúndio. (STÉDILE, 2000, p. 17-18)

Ainda neste período histórico, a situação acima começou a ficar insustentável, o Brasil sofreu profundas transformações sociais. Foi proclamada a República, mudou-se a forma de governo, mas o governo continuou nas mãos da classe dominante, ou seja, um governo da elite brasileira, continuando a dominação de uma minoria sobre a maioria. Contudo, foi um período de luta continuada como se pode ver nos exemplos, da Cabanagem (1835 – 1840), da Sabinada (1837 -1838), da Balaiada (1838 -1841), da Praieira (1848 -1850).

Neste contexto, no interior da Bahia, um grupo de pessoas começou a lutar e se organizar em comunidade. Eram camponeses pobres, ex–escravos, marginalizados em geral que resolveram se unir e constituir uma outra sociedade, justa e igualitária. O local foi chamado de Canudos e estava situado na cidade de Monte Belo na Bahia. Chegou a ser a segunda maior cidade da Bahia.

Canudos é um bom exemplo dessa classe de enfrentamento, com grande explosão dessa modalidade de lutas. Ali sertanejos atados a um universo arcaico de compreensões, mas cruamente subversivos porque pretendiam enfrentar a ordem social vigente, segundo valores e até opostos aos dos seus antagonistas, enfrentavam uma sociedade fundada na propriedade territorial e no poderio do dono, sobre quem vivesse nas suas terras. Desde o princípio os fiéis do Conselheiro, eram vistos como um grupo crescente de lavradores que saíram das fazendas e se organizaram em si e para si, sem

patrões nem mercadores, e parecia e era tido como o que há de mais perigoso. (RIBEIRO, 1998, p.174)

Por isso acima, Canudos se tornou um exemplo para o povo e um perigo para o governo e a para elite. Durante três anos Canudos sofreu expedições militares, até que foi totalmente destruída, restando dos quase 20 mil habitantes, apenas quatro sobreviventes, os demais todos foram dizimados. Sobre esta luta Euclides da Cunha, descreve:

[...] Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na expressão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas, um velho dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, 1945, p 606 -611 Apud RIBEIRO, 1998, p.175).

Um outro exemplo de enfrentamento violento entre oprimidos e opressores aconteceu no sul do país, a chamada Guerra do Contestado (1912 – 1916) nos Estados de Santa Catarina e Paraná. Essa guerra aconteceu entre os trabalhadores da região que lutavam por terra e a empresa norte – americana Brasil Railway Company, que era uma empresa ferroviária contratada para fazer uma ferrovia entre São Paulo e o Sul do país. O principal líder desses trabalhadores que se organizaram num movimento social de caráter político religioso, era o Monge José Maria.

Tanto esta luta social, quanto Canudos, foram chamados de lutas messiânicas, ou seja, era uma luta político religiosa, e os líderes dessas lutas se colocavam como mediadores entre Deus e o povo. Essas revoltas populares foram movimentos camponeses importantes na época, impulsionados pelas condições miseráveis de vida e pela luta pela terra. (MORISSAWA, 2001, p.88)

Com estes exemplos, quero mostrar que a história brasileira é permeada pela luta entre dominados e dominadores, ou seja, permeado pela luta de classes. Na metade do século XX, os trabalhadores do campo, também chamados de camponeses, se organizam em três importantes movimentos, a ULTAB (União dos lavradores e Trabalhadores Agrícola do Brasil); o Master (Movimento dos Agricultores Sem Terra) e as Ligas Camponesas. Este é um período de grande

efervescência política brasileira e de grande avanço no processo organizativo do povo.

Do mesmo modo, na América Latina, este era um período histórico importante com grandes mudanças sociais levando conta a novas formas de organização da classe trabalhadora. É um momento de levante dos trabalhadores, no Brasil não é diferente. No entanto, a burguesia organizada com o Estado, dá o golpe militar, com o objetivo de fazer um “congelamento da história” e não permitir o avanço da luta de classe. Assim se inicia uma fase difícil, de muitas mortes e repressão, por um período de aproximadamente vinte anos. E, apesar da repressão violência e morte, surge no final da década de setenta do século XX um processo de retomada da luta pela terra no Brasil.

## **2.2 - O Rio Grande do Sul: A Luta pela Terra e o MST**

Vimos que no Brasil a luta pela terra inicia a partir da invasão portuguesa e se acentua com a Lei de terras de 1850; ela é marco para a concentração da propriedade privada da terra, conseqüentemente, do latifúndio. Neste processo de luta, aconteceram inúmeras revoltas populares, mostrando que o povo desta terra fez resistência aos dominadores.

Esta mesma realidade não foi diferente no Rio Grande do Sul, que enquanto estado é recente, pois até o século XVII era território espanhol em função do tratado de Tordesilhas, habitados por povos indígenas. E, neste momento histórico que há o processo de organização das missões jesuíticas. Sendo que dentro deste território se organizaram sete missões ou reduções como eram chamadas. As missões eram organizadas pelos jesuítas e tiveram a aderência das comunidades indígenas, pois a organização interna respeitava em muitos aspectos sua forma de vida e sua cultura, tornando-se referência na questão da produção coletiva e divisão igualitária. Uma situação a ser destacada refere-se ao fato de que as missões eram praticamente auto - sustentáveis. Pelo governo da colônia brasileira e pela coroa portuguesa, estas formas alternativas de organização, de produção e de convívio foram

consideradas um perigo a ser exterminado, pois demonstravam um exemplo de uma nova sociedade.

No contexto da redistribuição das colônias entre Portugal e Espanha levou ao tratado de Madrid (1750) pacto entre Portugal e Espanha, sendo que Portugal fez uma troca de território com a Espanha. Com isso, uma parte das missões jesuíticas se tornou português. Porém os grupos de índios das missões não aceitaram as imposições da corte portuguesa, o que gerou uma guerra que foi chamada de guerra Guaranítica (1753 -1756). Esta era para resistir à mudança de território, ou seja, os índios perderam a posse da terra, assim podemos dizer que no Rio Grande do Sul eles, os índios guaranis foram os primeiros povos a lutar pela terra. (MAESTRI, 2000)

Após isso, durante vários anos, o território rio-grandense ficou entre os portugueses e espanhóis. Este que era praticamente uma grande capitania foi dividido em sesmarias, processo onde as terras eram entregues para os amigos da coroa, ou para os oficiais do exercito brasileiro que simplesmente apoderaram-se de importantes territórios sulinos, onde se organizaram em Estâncias ou fazendas. Essa foi uma estratégia da coroa que pretendia ocupar as terras e demarcar o território com o objetivo de organizar uma economia camponesa policultora e que fortalecesse as tropas militares responsáveis por “cuidar” e proteger o território. “O sul do Brasil começou a ser colonizado por causa do interesse português em conservar Sacramento. A região era favorável para a criação de gado.” (SCHMIDT, 1996, P.68).

Neste território, assim como o Brasil implantou-se a mão de obra escrava negra. “O trabalhador escravizado ingressou nos atuais territórios gaúchos antes do início da ocupação oficial do sul, em 1793, e contribuíram fortemente para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul luso - brasileiro.” (MAESTRI, 2000, p. 87).

A partir de 1822, com a independência brasileira e as mudanças na conjuntura mundial com a implantação da industrialização na Europa, se constituiu no Brasil uma realidade que foi a vinda de imigrantes europeus, mão-de-obra de trabalhadores livres. Eram trabalhadores/as ítalo - alemães que vieram de início para o sul, no Rio grande do Sul. Aos poucos eles/as foram substituindo a mão de obra negra que ficou extremamente marginalizada como já trouxe acima. Contudo, os negros/as continuaram servindo a elite gaúcha.



A coroa lusitana e, a seguir, o governo imperial incentivaram a imigração européia. Com a formação de núcleos de camponeses, queria-se ocupar, proteger e defender regiões despovoadas e estratégicas da cobiça das nações estrangeiras e dos ataques dos nativos e quilombolas. [...] com a imigração de camponeses pequenos proprietários, pensava-se em criar policultura que abastecesse as cidades e os latifúndios escravistas. As colônias não deveriam concorrer com a produção latifundiária de exportação. A imigração colonial iniciou mais de seis décadas antes do fim da abolição. (MAESTRI, 2001, p. 127-128)

A intenção de trazer imigrantes para o Rio Grande do Sul estava ligada à estratégia do Estado de produzir alimentos, como matéria prima para a economia gaúcha e brasileira e ocupar o território. Eles/as, num primeiro momento, foram assentados, ou seja, ganharam uma pequena área de terra, que eram chamadas de colônias. Sendo que boa parte desses territórios eram as encostas dos morros, ou seja, as terras mais difíceis de serem trabalhadas, com muita mata. Depois, os demais passaram a ser sem – terra, mão de obra livre para os fazendeiros e estancieiros.

Essa foi a proposta do governo brasileiro, que fazia propaganda na Europa que aqui, eles, poderiam ter terra. Na verdade, a intenção era outra, trazer trabalhadores livres brancos para poder ir substituindo o trabalhador escravo e com isso promover o branqueamento da população.

Na Europa estes trabalhadores, estavam passando por um processo de expropriação, sendo que estavam em condições miseráveis; a grande maioria desses eram trabalhadores sem - terra. Data-se que a primeira leva de imigrantes chegou no Estado do Rio Grande do Sul, em 1740. De início, eram casais da ilha de Açores, depois vieram alemães, italianos, poloneses, etc. (MAESTRI, 2001, p.127)

Com trabalhadores livres camponeses o território gaúcho começou a se modificar, muito lentamente, pois continuava a prevalência do latifúndio, que representava a classe política dominante. Os negros e os cativos ficaram praticamente excluídos, concentrando-se, como no Brasil atual, nas grandes cidades, basicamente, nas encostas, nos morros, formando os cinturões de pobreza. Contudo, essas modificações aconteciam mais na metade norte, pois na metade sul continuou sob o domínio do latifúndio gaúcho.

Junto com a imigração veio também uma produção de subsistência; os camponeses começaram a ter um excedente, e essa produção foi sendo escoada as

comunidades mais próximas, e depois para as cidades, onde contribuía para movimentar a economia local, mas estes não chegavam a representar um problema para latifúndio, pois suas terras não foram usadas para colonização. Segundo Maestri (2001, p. 95) “a colonização de imigrantes foi a única grande democratização agrária implantada no sul.” Mesmo assim com uma série de limites, pois para os camponeses imigrantes foram dados a parte da terra da serra gaúcha, do planalto ou das encostas como citei anteriormente. Sendo que, só a primeira remeça de imigrantes ganhou terras, os demais tiveram que comprar suas terras, já de início acumulando uma dívida com as empresas colonizadoras. Ao total vieram para o Rio Grande do Sul 85.000 famílias de imigrantes entre os anos de 1875 até 1914. (MAESTRI, 2001)

Junto com a imigração vieram também idéias anarquistas, movimento importante no século XIX na Europa. Este é trazido para o Brasil e para o Rio Grande do Sul, basicamente pelos imigrantes italianos. É nesse contexto de imigração que nascem dois movimentos messiânicos importantes: O Movimento Mucker que envolvia a colônia alemã. Seus principais líderes eram: Jacobina Mauer e João Jorge Mauer e Jacó Fucks, o Jacó das mulas.

E o movimento messiânico, feito pelos monges Barbudos (este ficou conhecido como massacre do Fundão – 1938; seus participantes foram chamados de monges, pois usavam barba e cabelos compridos, eram pessoas que adotavam princípios cristãos, de muita religiosidade), mas ambos, Mucker e Barbudos, foram terrivelmente combatidos e reprimidos, sendo como os demais movimentos brasileiros até então, aniquilados. Foram vistos pelo poder da época como perigosos. Eram vistos como comunistas por que sonhavam com uma sociedade mais justa. (AQUINO, 2002, p.444-450)

Ao longo da formação social do Rio Grande do Sul, percebe-se que a terra é um elemento em disputa, e que desde a constituição do território gaúcho, ela é concentrada na mão de poucos, gerando diversos conflitos. É nesta tensão que, em 1960, nasce um movimento de suma importância no Rio Grande do Sul, no que diz respeito à luta pela terra, o MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra) vinculado ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). “Ele nasceu num contexto de emergência de vários movimentos rurais e urbanos, os quais reivindicavam, dentro de suas especificidades, reformas econômicas e sociais.” (MARCON, 1987, p. 38). É

nesta conjuntura, que surge o MASTER, da resistência de 300 posseiros de Encruzilhada do Sul, que começam a se organizar para lutar por terra. (MORISSAWA, 2001, p.94). A principal forma de organização adotada pelo MASTER foi o acampamento, que era usado como tática de pressionar a desapropriação de terras para o assentamento de agricultores sem - terra. (MARCON, 1997, p.41)

Mas, como nos traz Marcon (1997), a função do acampamento do Master era:

[...] a concepção usual de acampamento, segundo a qual, após a escolha de uma área passível de desapropriação, divulgava-se a notícia entre os interessados em ir acampar. Nesse sentido os acampamentos serviam muito mais para chamar a atenção da sociedade, ou para respaldar o governo na instauração do processo de desapropriação, do que na forma para resistir no local até a conquista definitiva de terras. (MARCON, 1997, 42)

Uma das principais ações adotadas foi a ocupação da Fazenda Sarandi, em Sarandi /RS, região do alto Uruguai. “Esta fazenda abrangia Inicialmente, uma área de 71.160,5 ha, sendo que estava ocupada por diferentes grupos; grandes proprietários, um grupo pequeno de descendentes de imigrantes europeus e índios kaingang.” (MARCON, 1997, p.37). Também, é importante destacar a ocupação da Fazenda Sarandi foi “O primeiro acampamento do MASTER. Esta aconteceu em 08 de janeiro de 1962, sendo que iniciou trezentos acampados e chegou a ter cinco mil no dia 15 de janeiro de 1962.” (MARCON, 1997, p.42).

[...] pode-se dizer que, durante os primeiros anos da década de 60, a região foi palco de uma série de lutas que mobilizaram milhares de colonos sem - terra que se organizaram no Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER), o que desenvolveu diferentes ações de massa, sendo a principal a ocupação do latifúndio e a organização de acampamentos visando a desapropriação de terras na região. [...] (TORRENS, 1991, p.12)

Nesta luta, o Movimento teve êxito, pois conseguiram a desapropriação da fazenda Sarandi. Isto se deu cinco dias após a ocupação. “[...] o governo Brizola desapropriou a área pelo decreto nº. 14035, de 13 de Janeiro de 1962, [...] A área, com 21.889.14 há”. (MARCON, 1997, p.43) Também foi um período nessa região de grande conflito por terras, Marcon (1997, p.47), explicita assim: “A região de Sarandi se transformou em palco catalisador dos problemas envolvendo a má distribuição da

terra no Rio Grande do Sul”. É nesse período que acontece a expulsão de aproximadamente quase 1200 famílias de colonos<sup>9</sup> pelos índios, na reserva indígena de Nonoaí, processo que envolveu praticamente uma guerra entre índios e colonos sem – terra. Os índios tinham como objetivo a retomada da área indígena que estava sendo utilizada pelos colonos. Isso aconteceu, por que os colonos foram se apropriando das terras indígenas.

A existência de uma situação de tensão social na área rural do Alto Uruguai no Norte do Estado do Rio Grande do Sul, não se constitui como uma novidade histórica. As lutas entre colonos e índios Kaingang, particularmente na Reserva Indígena de Nonoaí, marcam desde a década de 40, uma página importante na história social do Rio Grande do Sul. (TORRENS, 1991, p.12)

Com esta realidade, uma parte desses colonos expulsos acamparam na beira da estrada, outros voltaram a morar com seus familiares. Criou-se uma situação de tensão na região o que provocou os governos estadual e federal a pensar uma solução para esta questão agrária. Os colonos começaram a lutar para serem assentados dentro do Estado, mas o governo tinha a intenção de assentar os colonos em projetos de colonização no Mato Grosso, ou seja, no projeto de colonização denominado Terranova, pois, queria evitar desapropriar áreas de terras no Estado. Sem muita perspectiva, muitos colonos acabaram cedendo e se inscreveram para o projeto de colonização. Outros colonos foram assentados no próprio Estado em Aceguá, próximo a Bagé/RS. Mas a grande maioria permaneceu acampada na beira da estrada na proximidade da Reserva Indígena de Nonoaí. (MARCON, 1997, p.53-58).

Após algumas tentativas fracassadas dos colonos, estes passaram a se encontrar para discutir e avaliar como resolver este problema contando, com a ajuda de um padre atuante da Região que agia clandestinamente. Eles se deram conta de que era necessário se organizar e fortalecer o grupo. A partir da experiência dos “afogados” (colonos desalojados pela barragem do Passo Real, que foram assentados em uma área da Anoni) eles perceberam que não podiam contar com a ajuda dos políticos e poderes locais. Nesse momento estes colonos já tinham apoio

---

<sup>9</sup> Quando falo colono é sinônimo de agricultores sem – terra, contudo, segundo o dicionário Aurélio: colono é o membro de uma colônia. Este termo nasce nas colônias que eram as comunidades organizadas pelos imigrantes descendentes de europeus que se estabeleceram aqui no Brasil. (FERREIRA, 1977, p. 113)

de diversas entidades do Estado, com, por exemplo, da Comissão Pastoral da Terra - CPT, associações e movimentos entre outros. Estes resolveram marcar uma audiência com o governador para discutir seus problemas e realizaram assembléias com os colonos expulsos e demais sem – terras da Região. Estas assembléias reuniram mais de 700 colonos.

Na audiência estes arrancaram o compromisso do governador Amaral de Souza em assentá-los nas áreas da Macali e Brilhante, ambas em Ronda Alta/ RS. Na conversa, o governador instigou os colonos a ocupá-las, desta forma, ele poderia desapropriar estas terras. Assim, os colonos começaram a montar uma estratégia de ocupação das duas áreas. E, na distração da polícia com o feriado nacional, na madrugada de 07 de setembro de 1979, com 110 famílias, ocupam a Fazenda Macali em Ronda Alta / RS, e, logo após, no dia 25 de setembro de 1979, 170 famílias, ocupam a Fazenda Brilhante, também, em Ronda Alta, Norte do Estado do Rio Grande do Sul. O governador reconheceu a legitimidade do acampamento e assentou as famílias.

Contudo, isso não resolveu a situação, pois muitas famílias continuavam sem – terra. A desapropriação dessas duas áreas instigou outros colonos a fazerem ações de ocupações, como por exemplo, 80 colonos que não entraram na Fazenda Brilhante, ocuparam parte da Fazenda Anoni, mas foram despejados pela Brigada Militar. Também, mais 100 colonos fizeram três ocupações, duas na Brilhante e uma na Reserva Florestal de Sarandi (TORRENS, 1991, p.15-17)

A partir dessa nova realidade que se abriu com o assentamento das famílias na área da Macali e Brilhante, em Ronda Alta/RS, outros colonos e agricultores sem – terra resolveram se organizar. Esse foi o sentido do início do Acampamento da Encruzilhada Natalino, que teve como objetivo inicial denunciar aos governos a situação dos agricultores sem – terra da região, principalmente os expulsos da área indígena. (MARCON, 1997, p. 65)

O acampamento da Encruzilhada Natalino aconteceu no KM 50 da RS 324, estrada que liga Passo Fundo, Ronda Alta e Sarandi. As famílias oriundas desse acampamento eram os colonos expulsos da Reserva Indígena de Nonoáí. Na mesma constituição havia agregados, parceiros, meeiros e peões. Eram no total aproximadamente 600 famílias.

[...] o surgimento do acampamento Natalino não se trata de algo espontâneo, formado por acaso. [...] o insucesso da ocupação da Fazenda Anoni, em setembro de 1980, por parte das 80 famílias de Nonoaí e dos filhos dos parceiros levou as lideranças da Macali e da Brilhante a se reunirem e começarem a elaborar uma estratégia para que estas famílias despejadas da Anoni conquistassem também o acesso à terra.

Planejaram, então, montar progressivamente um acampamento próximo à Anoni com “despejados” remanescentes de Nonoaí e as famílias da região que já estivessem familiarizadas com a luta pela terra. O local escolhido para o acampamento representaria uma permanente possibilidade da Fazenda Anoni ser ocupada mais uma vez. Assim, “aos poucos para não chamar a atenção”, as barracas foram sendo montadas na Encruzilhada Natalino. A primeira barraca apareceu no início de dezembro de 1980 e de duas em duas aumentam a cada semana, até chegar a aproximadamente 600 família, no final do semestre de 1981. (TORRENS, 1991, p.22)

Dessa forma, começou mesmo em plena ditadura militar um grande movimento de gestação de um Movimento social popular do campo, que é o MST. Obviamente ocorreram outras ações desse porte em outras partes do Brasil que contribuíram para esta culminância, mas esta foi fundamental para a constituição do MST, logo após, em 1984.

O acampamento da Encruzilhada Natalino foi um espaço importante dessa gestação. Nele, os colonos começaram a ser chamados de sem - terra e estes começaram a se reconhecer como tal. Neste acampamento, os colonos experimentaram todo um novo jeito de organização, onde retomaram elementos das várias lutas históricas dos trabalhadores, usando elementos do MASTER, das Ligas camponesas, de Contestado, Canudos, Kilombos, e da resistência indígena, entre outros.

Esse acampamento passou, segundo como nos relata Marcon(1997), por quatro fases:

[...] a primeira, que vai da gestação do acampamento até o final de julho de 1981; uma segunda, que abrange o período da intervenção militar- federal durante o mês de agosto de 1981; a terceira, que vai da saída dos interventores até o assentamento provisório em Nova Ronda Alta, em março de 1982, e a quarta, que vai do assentamento provisório em Nova Ronda Alta ao assentamento definitivo em outubro de 1983. (MARCON, 1997, p.66)

Um elemento importante desse acampamento foi o apoio de outras organizações sociais como nos coloca Grzybowski (1987):

O movimento conta com o apoio logístico e de direção política de certos setores da igreja católica, particularmente da CPT. [...] Por conta dessa presença marcante, o movimento sempre apresenta nítidas características político-religiosas nas manifestações e na sua própria identidade (GRZYBOWSKI, 1987, p. 24).

Esse é um elemento importante da formação do MST, ou seja, desde o início essa ligação com alguns setores da Igreja, que contribuíram no pensamento do MST. Esta influência se manifestou tanto no uso de simbologias, como exemplo desse período, da cruz, nas místicas, elemento cultural importante na formação da identidade Sem Terra.

Nesse acampamento, durante o regime militar, os colonos sofreram uma forte repressão por parte dos governos. Contudo, se transformaram em símbolo de resistência contra a ditadura, símbolo para a sociedade que viu no acampamento nem tanto como não um espaço, mas como um lugar de enfrentamento contra a ditadura. Assim, muitos autores como Morissawa (2001), ao escreverem sobre essa formação do MST, afirmam que: “O MST é resultado não do trabalhador rural, mas de toda a sociedade”. (MORISSAWA, 2001, p.128).

Assim, de 22 a 26 de janeiro de 1984, em Cascavel no Paraná, foi realizado o primeiro Encontro nacional do MST, que contou com a presença de 12 estados, mais participantes da ABRA (Associação Brasileira de reforma Agrária), da CUT (Central Única dos Trabalhadores), da Cimi (Comissão Indígena Missionária) e da pastoral operária de São Paulo (MORISSAWA, 2001, p.1138). E, foi a partir desse encontro que o próprio MST intensificou sua organização e as articulações para o enfrentamento da luta pela terra nos diversos Estados brasileiros.

Também, nesse período histórico, em Janeiro de 1985, o MST realizou o seu primeiro Congresso em Curitiba/PR, no dia com a participação de 1500 delegados que vieram de 16 Estados. Eram pessoas escolhidas nas reuniões e encontros estaduais de 1984. A principal bandeira de luta defendida foi “Ocupação é a única solução!” (CALDART, 2000, p.76).

A partir do 1º Congresso que se tomou a definição de fazer grandes ocupações. Ao retornar do congresso os integrantes do MST do Rio Grande do Sul, junto aos apoiadores do Movimento deram andamento a uma ação que iria repercutir no Brasil, a ocupação da Fazenda Anoni, que estava próximo à Encruzilhada Natalino. Ao mesmo tempo, iniciavam-se outras tantas ocupações no Brasil,

segundo Morissawa (2001, p.142) “No final do ano, 11655 famílias estavam acampadas em 11 estados brasileiros, como resposta aos governos e ao latifúndio.”

Esses acontecimentos importantes têm o seu começo assinalado pelas experiências construídas nas lutas populares. Rompendo com as estruturas institucionalizadas, desafiando e criando novas formas de organização, os trabalhadores rurais sem - terra iniciam um novo processo de conquistas na luta pela terra, combinando com a formação de vários movimentos sociais e pelas diversas experiências das lutas populares. As diferenças práticas e experiências na luta pela terra foram sendo incorporadas ao longo do processo de formação do movimento (BONAMIGO, 2002, p. 106)

Assim, este é o contexto em que o MST do Rio Grande do Sul começa um processo de organização que resultará na ocupação da Fazenda Anoni, uma das maiores ocupações do Estado e do Brasil daquele período. A fazenda se localizava próximo aos assentamentos Macali e Brilhante em Ronda Alta e Encruzilhada Natalino. Esta fazenda estava em disputa pelos sem – terra desde o início desta retomada da luta pela terra no Rio Grande do Sul no final da década de 1970, quando se iniciou todo este processo de organização dos trabalhadores rurais da Região do Alto Uruguai.

### **2.3 - MST X Fazenda Anoni**

Acima, vimos como se constituiu a luta pela terra no Brasil e no Rio Grande do Sul e as diferentes lutas sociais que se formaram ao longo da história. Como os trabalhadores se organizaram e constituíram a luta pela terra.

Agora, pretendo analisar a história da ocupação da antiga Fazenda Anoni, um dos grandes latifúndios do Rio Grande do Sul, sua transformação e sua reorganização a partir do assentamento das famílias acampadas. Por isso, desenvolvo a história desse latifúndio de 1972 até 1993, incluindo a preparação e ocupação do território pelas famílias sem-terra, as lutas travadas durante o acampamento e a conquista dos trabalhadores a respeito desse latifúndio.



O latifúndio da Fazenda Anoni esteve em disputa desde 1972, quando parte dela foi desapropriada pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para reassentar famílias que foram desalojadas no processo de construção da barragem do Passo Real. No entanto, o antigo dono, Bolívar Anoni, entrou várias vezes na justiça e a justiça não permitiu a desapropriação alegando que a fazenda era uma empresa produtiva e não um latifúndio improdutivo. (BONAMIGO, 2002, p.122)

A história de luta pela conquista da fazenda Anoni se inicia praticamente junto à desapropriação da fazenda Sarandi em 1962, pois a fazenda Anoni fez parte deste grande latifúndio que formava a Fazenda Sarandi. A família Anoni adquiriu esta área por volta de 1944, mas somente no fim da década de oitenta será desapropriada para fins de Reforma Agrária, após muita luta e pressão dos trabalhadores Sem Terra e da sociedade.

Depois da fundação nacional do MST e com a vitória do das famílias Sem Terra<sup>10</sup> do Acampamento Encruzilhada Natalino, começou uma organização no Rio Grande do Sul, todo um trabalho de base para juntar trabalhadores rurais sem – terra, com o objetivo de lutar por terra para os agricultores sem – terra.

Como foi apontado antes, a situação problemática da região do Alto Uruguai havia se instaurado desde a década de setenta com a expulsão de centenas de famílias da reserva indígena de Nonoaí. Isso originou um grande foco de resistência e luta pela terra, com a conquista de assentamentos da Reforma Agrária durante os anos oitenta do século XX.

### **2.3.1 – A preparação e ocupação da Fazenda Anoni**

Seguindo o pensamento acima, a Fazenda Anoni foi um campo e símbolo de disputa intenso no Rio Grande do Sul entre trabalhadores sem - terra e latifundiários. Aqui, pretendo destacar a parte que consiste na preparação e ocupação deste

---

<sup>10</sup> Sempre que utilizo Sem Terra com letra maiúscula, estou me referindo o sujeito do MST, portador de identidade. E quando uso sem – terra com hífen me refiro apenas àquele sujeito que não tem terra.

grande acampamento mostrando o processo de organização para a ocupação, a formação e a constituição desse acampamento.

O acampamento da Fazenda Anoni se inicia desde 1983, quando são assentadas as famílias do acampamento Natalino. Essa situação mostra para os Sem Terra duas coisas que serão decisivas na construção desse novo acampamento. Primeiro como lema da época: “Ocupação é a única solução!”, era preciso, intensificar a luta pela terra, pois havia um número alto de sem – terra em todo o Estado, principalmente, na região Norte do Estado, onde se localizava o latifúndio Anoni. Segundo, a decepção com o governo que prometia, e não resolvia a questão agrária moveu os Sem Terra a agir. Isso fez com que, após, o assentamento de 100 familiares, se iniciasse um trabalho de base intenso em toda a região do alto Uruguai, incluindo mais 32 municípios para fazer novas ações.

Este processo se dava da seguinte forma, como lembram os sujeitos da minha pesquisa<sup>11</sup>:

*Daí todos os meses. Uma vez por mês seguro era, tinha que ir a Ronda Alta nas reunião, era reunião do Movimento. Eu respondia, eu tinha sessenta e duas de lá da Brilhante da regional que se dizia Regional Macali e Brilhante. Era sessenta e duas famílias que eu organizava. Na época as regional era mais pequena [...] ia nas reuniões, nunca larguei, foi depois que mais tarde que eu larguei na Brilhante. No acampamento assumi de novo. Ali fiquei, terminou aquele negócio de regional começou a liderança de grupo, e coordenação de grupo, ali fiquei quase todo o tempo que tava na Fazenda Anoni, acampado de líder de grupo, núcleo, mais era núcleo. O grupo era maior. (Paulo- 62)*

*[O Padre disse] Vai começar uma organização, daí vão se organizá em movimento, mas não disse que tipo de movimento era nada, a gente aprendeu depois. Daí a primeira reunião que sai, eu vô avisa você e vocês vão. Disse [Joana] Então tá. Fomos na primeira reunião, tinha quinze pessoas. Daí nessa reunião, aí dos quinze tinha que tira um líder, de cada lugar para assim para começar a organiza, daí os quinze ficaram líder, que cada um ia organiza um pouco. Os primeiros quinze que se organizou dentro de Herval. Todos eles ficaram líder, por causa que daí aqueles quinze cada um ia conseguir mais um pouco de povo nas suas comunidades. Ninguém foi o casal, só eu é o José que fomo casal. Eu sempre participei junto. [o padre disse] Olha D. Joana a senhora você tinha que ser uma liderança das mulheres nê, daí tu dá força pra mulher, que daí indo o casal sempre é melhor dá mais força nê. Até pra permanecer no acampamento tudo, tando o casal junto a família consegue mais força. As mulher se animava e vinha. E veio as mulherada de lá veio quase tudo. Daquele grupo dos cinqüenta que foi organizado, veio cinqüenta, mas só trinta e cinco fico. [...] Começamos a se organizá na reunião veio o João e o Manuel. [...] Nós se organizemos o trabalho de base foi dois anos e meio. Não as vez aqui, que seis meses e tá pronto pra acampa, depois dá*

<sup>11</sup> Conservarei a linguagem tal como falada pelos sujeitos, como uma opção da pesquisadora.

*vários problema que no nosso não deu [...]O padre tava sempre com nós nunca abandono, em todas as reunião tava e veio junto para o acampamento. [...] A gente disse mas prá consegui a terra é preciso acampa. Eu disse é preciso acampa,fui eu que falei [e eles disseram] não queria dize já, já, mas já que a senhora puxou, vou dizer então, é preciso acampa.. Aí, o João começou a dizer a que tem tanta fazenda que tá assim, assim, que tá só com gado, três quatro cabeça de gado e a imensidão de terra quanta gente pode planta e tira da o sustento e tanta coisa. Daí foi indo, indo e cada vez mais reunião, reunião. [...] Levaram nós visita um acampamento em Erval Grande (Joana - 58)*

Esse trabalho de base realizado pelo MST, tinha o forte apoio dos STRs (Sindicato de Trabalhadores Rurais), dos agentes da pastoral da CPT e da Pastoral da Juventude (PJR), de padres e muitos sujeitos sociais que contribuíram tanto politicamente como materialmente para a realização do Acampamento da Anoni. (TORRENS, 1991, p.44)

Antes de fazer a ação, o MST buscou trazer a situação dos sem - terra para o governo estadual, tentando reivindicar o assentamento das famílias. Isso foi trazido a público na manifestação feita em Palmeiras das Missões com 10 mil pessoas, em 1985, bem como no encontro estadual do MST daquele mesmo ano.

Sobre a ação organizada em Palmeiras das Missões nos conta a Sem Terra Joana.

*[...] Um mês antes. Era assim para ver como era. Um acampamento em Palmeira. Chuva, chuva, três dias [...] Era gente que não acabava mais. Tudo acampado, tudo barraco, três dias de chuva, chuva, três dias [...] Três dias acampado pra ver como era. Montemo os núcleo, grupo. [...] Dali que nos vimo que hora por hora ia estourar um acampamento, quem queria daquele povo que tava ali ia participa. De Palmeira veio cinquenta, e para o acampamento veio trinta e cinco acampar. (Joana -58)*

De início eram para se realizar duas ocupações: uma em Redentora, região mais ao Norte do Estado e no Latifúndio Anoni. Após, a partir de avaliações internas e de conjuntura do MST decidiu-se pela ocupação apenas da Anoni.

Nas comunidades foi feito um trabalho de “formiguinha”, ou seja, visitando as famílias e conversando com os trabalhadores e trabalhadoras sem – terra, e quando estava próxima à ação, as lideranças foram avisadas, mas não foi dito o local, para não deixar vaziar as informações. As pessoas foram avisadas de onde seria a ação quando estavam subindo nos caminhões, o principal transporte na época. Muitos

desistiram com medo, outros seguiram cheios de esperança. Isso é relatado pelos sujeitos desse processo:

*Foi bonito, tudo mundo se organizá. [...] Daí vinhemo. Era muito sigilo, sigilo, ninguém podia saber a hora o minuto nada, nada.[...] Deu falado para levar o pai, e a família. Ajudei ele a organiza. É hoje, mas não pode ninguém saber. O pai disse: e a roupa e ajudei ele arrumar tudo [...] Arrumemo as troxas. O caminhão vinha na comunidade. Nós tinha que subi tudo nas costas, só a troxa, o principal, cobertor, um colchão enrolado, dois travesseiro, umas panelinhas o que dava só para três dia nê só, e daí depois tinha que se esparrama, dá conta do recado, e ali em três dia, male mal o que você podia fazer se organiza nê. Comer aquilo que levou, alguns diziam que não era para levar nada, só levar um pão alguma coisa.. Daí vinhemo [...] Daí entremo. Grito e grito. Meu Deus do céu que coisa mais linda. Nós tinha uma força imensa. Tu sabe o que é o povo quando se junta **tudo**.(fala num tom de muita emoção) [...]Senti uma emoção grande, tão grande, chorava,dava risada, cantava, festejava.. Nós contava que era nossa. Graças a Deus foi nossa mesmo, nós conseguimos aqui,o povo todo saiu e nós ficuemo mesmo na fazenda. (Joana – 58)*

Também, outro sujeito desse processo, ao relembrar a chegada no acampamento me diz;

*Cheguemo dia 29 de outubro. Op! Foi lindo! se você vai ver foi lindo a chegada! Nós chegemo era em 04 h da manhã. Só via no mato o barulho do facão, cortando taquara para fazer barraco. Imagina duas mil família na época. Era gente que não acabava mais. Pra mim eu fiquei assustado. Eu fiquei entusiasmado assim, parece que tava noutra mundo. Parece que a terra tava ali. (João - 60)*

Após a ocupação em 29 de outubro de 1985, muitos desafios estavam pela frente. O acampamento se formou com 1 500 famílias, mais de 6. 500 pessoas, entre homens, mulheres, crianças e idosos/as. Esta foi das mais longas e importantes ocupações da história do MST.

### **2.3.2 – A organização e o assentamento das famílias na Anoni**

É importante olhar cada parte que compôs a organização e o assentamento das famílias na Fazenda Anoni, sem deixar a ênfase para o próprio acampamento.

Estes elementos merecem uma atenção especial, pois foi a partir deste acampamento, que o MST produziu uma série de experiências que hoje compõem a estrutura organizativa da organização.

Essa realidade exigiu todo um processo de organização, o que é lembrado emocionadamente pelos sujeitos de minha pesquisa, que contam como se organizaram na ocupação.

*[...] Aí começemo a se organiza em grupo, núcleo que era por município, eram 35. Foi chamado cada município, montemo som, tudo nê, daí cada um se organizou por município. E, daí o núcleo se organizou por dez tinha os líder, que tinha um da segurança, banheiro, higiene, alimentação. E por aí ia , ia chamando a liderança da alimentação tudo pra reunião, liderança da segurança, ali discutia como ia cercá, cuida em roda pra ninguém entra. No começo, os primeiros três anos, Deus o livre, era coisa que tu pensava que ia logo , logo, nê, mas o INCRA enrolô tanto, que olha agente aprendeu a lidar com o INCRA. Minhas filhas foram em duas caminhadas. Primeiro foi uma, depois, num me lembro bem, mas na outra caminhada foi as duas. Mas eram crianças. [...] e vinha ficava animado, mas o INCRA enrolava. [...] Era que nem uma cidade. [...] Tinha horário para tudo. Tinha horário pra as reunião, pra se organiza nas reunião. Tinha horário pra jogar futebol. Eles jogavam futebol, também nê. Tinha aula, tinha aula pros alunos. E as professoras foram acampar junto com nós. E as nossas professoras que davam aula pros nossos alunos dentro do acampamento. Eles não ficaram sem aula. E daí lá tinha missa, os padres vinha reza missa. [...] (Joana – 58)*

*Uma compação, o nosso núcleo tinha um da saúde um da segurança, da alimentação, um da higiene era quatro pessoas. Nesse núcleo comparação que era oito pessoas nê, fora as mulhe. Aí os home, hoje a noite era o núcleo vinte cinco que era o nosso fazia segurança. Até meia noite era um depois era outro, da meia noite era outro e depois do meio dia era outro, tinha vários ponto Aí ficava passando os núcleo. A cada seis horas era um núcleo, vários pontos. (Clara – 58)*

Com a ocupação chegou também a repressão policial às famílias, do início ao fim do acampamento. (BONAMIGO, 2002, 123) Essa situação e outras que aconteciam dentro da ocupação forçaram uma organização maior entre os acampados/as como, por exemplo, de uma equipe de segurança como explicou Clara acima, que acabou envolvendo a todos/as do Acampamento. Assim, uns eram responsáveis pelos outros, o que criou internamente novos valores entre os acampados, como companheirismo e solidariedade.

As famílias acreditavam, como no depoimento abaixo, que em breve teriam terra para trabalhar. Mas, com o passar dos dias estas foram percebendo que este processo teria uma longa e dura luta.

Ao ocuparem a Fazenda Anoni, a executiva do MST avaliava que os sem terra do acampamento seriam assentados em poucos meses. Logo, começaram a perceber o desinteresse do Estado em encaminhar as soluções requisitadas. Em dezembro, protestam arando 30 ha. de terras da fazenda. Em Fevereiro de 1986, uma comissão representativa dos acampados, numa audiência com as autoridades governamentais do MIRAD (Ministério de reforma Agrário e desenvolvimento Agrário) e INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) Regional, assinam um documento em conjunto no qual o governo se responsabiliza por desapropriar 32. 0000 ha. Em 60 dias. Vencido este prazo, os colonos realizaram no dia 1º de maio mais um ato público diante da sede regional do INCRA, em Porto Alegre. Após a manifestação, 300 colonos do acampamento ocuparam a frente do órgão, com o objetivo de pressionar o governo para cumprir o acordo. (TORRENS, 1991, p. 51)

No acampamento as lideranças, os leigos e religiosos faziam o trabalho de animar o povo, um papel fundamental. A religiosidade foi um elemento importante trabalhado dentro do acampamento. Essa marca da Igreja na formação inicial do MST e no acampamento pode ser percebida pela sua simbologia (cruz, cânticos); pelas práticas sociais (caminhada, romaria,...) ou pelas suas formas de organização (núcleos de base). (TORRENS, 1991, p.58). Isso é visível na fala de Clara:

*A gente sentiu assim aquela força, um confiava no outro. [...] A gente tinha aquela esperança né. [...] não veio assim. [...] A gente tinha a esperança. O núcleo, O nosso núcleo, vários núcleos que no começo nós se juntava por município. Aí nós se juntava todas as família que veio. Nós tinha a confiança na coordenação, uma confiança no lide de nosso município, aí quando a gente via que a coordenação tava meio fraca a gente ampriava colocava mais um junto com ele. Nós não perdemos a confiança da coordenação. Aquele dava esperança Daí mais assim ô, tinha dia que a gente tava bem desanimada. A gente ouvia só a polícia vai despeja o pessoal aqui. Aí vinha o Padre A. vinha, chegava e renovava toda a esperança toda confiança de novo que nós ia conseguir a terra. Não era assim era duas quinhentas e daí ficou duas mil família mil família,, não era hoje um acampamento com trezentas famílias e tão difícil. Nós ia para ocupação, a polícia despejava e nós voltava,nós se organizava de novo, nós não brigava com o companheiro que deu errado, que muitas vez deu errado, nós tinha aquela confiança,nós se organizava de novo. [...] (Clara- 58 )*

Com o passar do tempo e com a não resolução da desapropriação do latifúndio Anoni, os acampados resolveram fazer uma ação, em discussão interna, fazer uma ação maior, ou seja, decidiram fazer uma caminhada da Fazenda Anoni a Porto Alegre, uma distância de 400 km. Essa ação ficou conhecida como a “Romaria Conquistadora da Terra Prometida”<sup>12</sup>. A caminhada levou de 27 de maio até 23 de

<sup>12</sup> Imagem dessa Romaria se encontra nos filmes Terra e Sonho de Rose – de Tetê Moraes. Filmes que retratam um pouco da história da Anoni.

junho de 1986, quase um mês, e os acampados foram recebidos em Porto Alegre por 30 mil pessoas. (MORISSAWA, 2001, 143)

Naquele mesmo período, em Porto Alegre, foi realizada uma grande manifestação em frente ao Palácio Piratini e após, foi ocupada a Assembléia Legislativa do Estado, aonde permanecem por dois meses como forma de fazer pressão e garantir que a área fosse desapropriada. Nessa situação, os acampados realizaram uma série de atividades de luta como vigílias, jejuns, ato político, entre outras. Também, aproveitaram para denunciar a situação de descaso do governo com os acampados para a sociedade. Este foi um momento importante de construir alianças entre o campo e a cidade. Ainda em Porto Alegre, como forma de aumentar a pressão nos governos estadual e federal, os acampados se dividiram e formaram dois acampamentos um na Assembléia e outro no INCRA Regional (TORRENS, 1991, p.54).

No acampamento, as lideranças resolveram anunciar para o povo o assentamento de novecentas famílias em Cruz Alta, das mil e quinhentas acampadas. A direção do acampamento tinha a intenção de movimentar a luta, para que a luta do acampamento não se isolasse. Este fato se deu em 29 de setembro de 1986. A partir disso, a Brigada Militar se organizou e os acampados, ao tentarem sair, entraram em confronto com a Brigada. O conflito gerou mais de cinquenta feridos (TORRENS, 1991, p.54). Uma das pessoas que viveram este momento lembra e conta emocionada como foi esse conflito.

*[...] Aquela vez daí deu o primeiro conflito. Aquela vez do outro conflito foi que nós ia fora, que nem Cruz Alta, Nova Ramada e pra cá e pra lá. E o primeiro conflito foi quando se esparamemo nas áreas. O povo trancô nas áreas. O primeiro conflito foi quando foi pra Cruz Alta e tudo e depois foi o de ir pra áreas. Sempre tinha um barraco de polícia. Sempre tinha, era cinco ou seis, mas como eles viram que nós tava se organizando pra áreas.[...] Quando vimo tava trancado de polícia, quando nós vimo tava cercado de milico, veio tão rápido os helicóptero. [...] o povo começô a amedrontá, fica com medo, os homens começaram a ficar mais para trás, os homens começaram a desmanchar os barracos dela e de cá. Quando nos vimos tava cercado de milico [...] A polícia tinha feito a barreira.Fizeram um triângulo grande e fechado o povo. Eu disse, por favor, eu quero entrar nem que morra com meus filhos, meus filhos já tão lá dentro, dois tão aqui. E um já tinha escapado, [...] Meu Deus do céu foi tão grande, tão forte nem gosto de me lembrar. Minha nossa! [...] E a piizada quando me enxergaram, as duas gurias vieram, e os nenês, se abracemo tudo num monte fechó e aí era paulada de tudo lado. [...] E os meus filhos começaram grito e grito, grito. Aquele grito que você escutam, não sei se você assistiram o Terra para Rose. Aqueles gritos que sente dentro do conflito eram os meus filhos. Não posso escuita, sempre choro.A gente tem corage e tudo, mas vem uma*

*lembrança que parece ser um filme de guerra, de guerra mesmo, uma coisa triste. [...] Fiquemo cercado pelos militar durante 40 dias.... (Joana)*

Em outubro de 1986, a área foi liberada para plantio e os acampados se dividiram em dezesseis partes. Tudo isso, gerou internamente uma série de problemas, como por exemplo, a divisão em área/ ou glebas como foi chamado. No o acampamento único dividiu-se em dezesseis acampamentos. Essa situação do acampamento central hoje é vista por muitos como negativa, mas na época foi considerado um ato ousado da superintendente do INCRA do Rio Grande do Sul. Os acampados foram divididos em pequenos grupos de dez, e se espalharam por todo o latifúndio. Segundo as lideranças, essa situação dificultou a organização da luta e das famílias que passaram a se acomodar com aquela nova situação achando que aquela pequena área era suficiente. Na época, o MST buscou uma nova estratégia e novas ações para movimentar a luta e os acampados. Essa situação trouxe consigo uma dificuldade do MST em acompanhar e organizar a produção dos acampados, de fato durou até 1989 (BONAMIGO, 2002, p.126).

Em cinco meses, do final de 1986 até 1987, foram desapropriadas três áreas fora da Anoni, onde foram assentadas cento e trinta e cinco famílias e duas áreas internas; a primeira para os afogados do Passo Real (cinquenta famílias) e, o Assentamento Fazenda Holandês, onde ficaram trinta e cinco famílias do acampamento da Anoni. Mas as tensões continuaram. Em 1987, um ano intenso para o MST, durante uma mobilização como a de pequenos agricultores na BR 386, um caminhão da empresa Cavol de Carazinho/RS avançou sobre os agricultores e provocou três mortes: Lori Grosselli, Vitalino Mori e Roseli Celeste Nunes da Silva<sup>13</sup>. Roseli, a “Rose” foi a mãe do primeiro bebê do Acampamento, Marco Tiarajú. Nome dado em homenagem ao líder Sepé Tiarajú (BONAMIGO, 2002, p.127-128).

De 1988 até 1989 foram anos de muita luta e ações do MST no estado/RS. Dois fatos marcaram os acampados, um foi à continuidade das ocupações e outro o assentamento definitivo das duzentas e trinta e duas famílias na área da Anoni. Contudo, ainda permanecia uma situação difícil a ser resolvida, pois os não contemplados dentro da Anoni, que eram mais de mil famílias, não tinham para onde ir e se negavam a sair da área ocupada provisoriamente em 1986, na primeira

---

<sup>13</sup> Dois filmes foram feitos sobre a história das famílias da Anoni, e sobre a Rose, uma das coordenadoras de núcleo do Acampamento. Terra de Rose (1986) e O Sonho de Rose (1996), sob a direção de Tetê Moraes.



divisão do acampamento em dezesseis áreas. Essa situação gerou uma tensão interna e quase um conflito entre os acampados, mas isso foi evitado, pela habilidade dos dirigentes que estavam assentados. O problema só foi resolvido a partir de um bom trabalho de base. “[...] aos poucos, o excedente da fazenda Anoni foi sendo absorvido por outras ocupações e pelos novos acampamentos no Rio Grande do Sul. Até a última família originária do Acampamento da Anoni ser assentada, passaram-se mais de dez anos”. (BONAMIGO, 2002, p.130)

A divisão da fazenda Anoni em Assentamentos ficou assim: uma parte foi dividida nos assentamentos do Passo Real e Linha Floresta, cerca de cinquenta e quatro famílias, os reassentados/as da barragem do Passo Real. Outras duzentas e oitenta famílias, ou seja, duzentas e cinquenta acampados e trinta parceiros (colonos que ocuparam a terra antes de 1985), mais os empregados formaram cinco novos assentamentos. O Assentamento 16 de Março (antiga área um); O Assentamento Nossa Senhora de Fátima (antiga área cinco); O Assentamento Santa Bárbara (antiga área dez); O Assentamento Nossa Senhora Aparecida (antiga área nove) e o Assentamento São Miguel (parceiros, empregados da antiga fazenda Anoni).

### **2.3.3 - O Assentamento 16 de Março e o Assentamento Novo Sarandi**

#### **2.3.3 1 - O Assentamento 16 de Março**

O que quero trazer é um pouco da história do assentamento 16 de Março, quem são as famílias que vivem neste espaço, a organização, ou seja, fazer uma descrição do local, dos sujeitos, da base social que compõem este assentamento.

É importante conhecer e compreender momentos históricos do assentamento para entender a formação dos sujeitos Sem Terra, principalmente, os idoso/as Sem Terra. Isso permite entender estes dentro do contexto, a história que transforma a história, ou seja, de um espaço improdutivo para um espaço de geração de vida.

O Assentamento 16 de Março é um dos assentamentos que compunham a antiga Fazenda Anoni, um latifúndio improdutivo de mais de nove mil hectares. Este foi o primeiro espaço que o MST ocupou no Rio Grande do Sul, após se nacionalizar em 1985. Desta ocupação resultou o assentamento aproximadamente de 400 famílias sem – terra, das quais, oitenta e duas famílias (trezentas pessoas), conquistaram a terra e constituíram o Assentamento 16 de Março, em Pontão, Região Norte do Rio Grande do Sul, ou também chamado de Região da Produção. O nome “16 de Março” é uma referência à data 16 de março de 1989, em que as oitenta e duas famílias foram assentados/as. (BOMAMIGO, 2007, p.80). A base social do Assentamento 16 de Março é formada por famílias de agricultores sem – terra, meeiros, arrendatários, parceiros, agricultores expulsos da área indígena de Nonoaí, agricultores assalariados (peões).

O acampamento da Fazenda Anoni, permaneceu em seu local original por um ano aproximadamente; após, em outubro de 1986, a área foi liberada para plantio. Houve uma divisão das famílias em grupos de 10, que foram espalhadas por toda a área da Fazenda. Assim começou o cultivo da terra e os acampados/as tiveram que se reorganizar socialmente, pois a área ficou dividida em 16 partes ou áreas.

Nesta nova realidade os acampados se dividiram em áreas como nos conta a assentada Joana.

*[...] Nós se organizemo tudo assim por área, demo nome área 1 até a área 15, não até 16. Daí se sortiemo. Cada um por área, tantas famílias numa área, tantas noutra área. Comecemos a lavrar a terra, trabalha, daí foi de novo, quase deu conflito de novo, briga e de tudo. [...] O plantio era comunitário e repartia por núcleo. [...] plantava de tudo as muidezinhas, de tudo as coisas, assim, o principal feijão, arroz, coisa assim, batata. E deu para plantar e colher muitas vezes, pois fiquemo tempo. [...] Daí foi começando mais tarde, a sair área, sair sorteio. [...] Dividiam quem tinha família maior, daí somava por pontuação, daí foram sendo sorteado. Nós fiquemo por último [...] e, primeiro se organizemo numa cooperativa, da COOPTAR, fiquemo 6 anos. (Joana – 58)*

Nestas partes ou áreas, como foram chamadas, foram colocados agricultores dos 32 municípios que formavam o acampamento. Com a desarticulação do acampamento central e a ocupação do território da Fazenda Anoni, surgiu uma nova realidade, e impôs uma tarefa a mais para o MST e para a coordenação do acampamento, ou seja, evitar que essa divisão em áreas acomodasse os acampados/as. (BONAMIGO, 2002, 126-127) Este novo processo trouxe uma série

de desafios para o MST, que estava acostumado com uma estrutura organizativa no acampamento, como, por exemplo, o processo de organização interna. As famílias ficaram distantes, isso tanto para reuniões, como para mobilizações ou para a luta, exigindo um grau maior de esforço e de organização. Esta realidade levou a coordenação do acampamento intensificar ainda mais a pressão para a desapropriação de toda a Fazenda Anoni.

O acampamento teve inúmeros problemas. Um dos principais foi o excesso de famílias no espaço da Fazenda, o que provocou conflitos internos, e assim, buscou-se pressionar, como citei acima, os órgãos responsáveis para a desapropriação. Essa vitória aconteceu em 1989 quando foi assentada a última parte das famílias do acampamento Fazenda Anoni. Foram duzentas e trinta e duas famílias. Mas, ainda existia um excedente de mil famílias que resistiam e não tinham para onde ir. Assim, as famílias assentadas ficaram impossibilitadas de tomar posse da terra. (BONAMIGO, 2002, p.129) Isso só veio a acontecer em 16 de Março de 1993, data que marca a posse definitiva das famílias no assentamento, que se dividiram e foram escolhidas para permanecerem na área da fazenda Anoni. Sendo que das oitenta e seis acampadas da fazenda Anoni que estavam nas áreas um, dois, três, treze, quinze e dezesseis foram assentadas no Assentamento 16 de Março. As famílias receberam um lote entre 14 e 18 hectares.

Logo que chegaram ao assentamento, os assentados continuaram a trabalhar em conjunto e desenvolveram várias formas de cooperação. Estes continuaram em grupos/ núcleos de base, ou seja, seguiram a estrutura organizativa do acampamento. Com o passar do tempo, uns optaram pelo trabalho coletivo como, por exemplo, um grupo que fundou a COOPTAR (Cooperativa de Produção Cascata Ltda.) em 1990, que hoje é formada por 12 famílias. Já outros desenvolveram outras formas de organização como associação, grupos de trocas de trabalho, ou trabalho em grupo como mutirão ou puxirão, e outros ainda decidiram permanecer trabalhar individualmente, como explica Bonamigo (2007).

Por fazerem parte de um assentamento do MST, não quer dizer que as famílias integram-se da mesma forma em torno das práticas sociais preconizadas pelo Movimento. Há diversos níveis de participação política no Movimento, distintas formas de organização da produção e da comercialização dos produtos, assim como diversos níveis de cooperação no interior do assentamento, além de muitos outros aspectos singulares das práticas sociais dos assentados. (BONAMIGO, 2007, p.80)

Desde o início do assentamento, as famílias iniciaram a construção da comunidade, que é um espaço importante nas relações sociais dos assentados. Este processo envolveu todos/as do assentamento e foi uma construção coletiva.

*Começamos do nada, organização a comunidade. E, hoje, é uma comunidade exemplo, pra todo mundo. Por que quando sai uma festa, um baile, ou qualquer coisa vem gente sei lá de longe, vem gente aqui. [...] Aqui contruimo, levemo um tempão, primeiro lugar foi a escola. Tinha escola que era de lona, daí foi feita a escola [...] Claro que não foi nois, foi através de projeto do estado, por que é estadual. Depois a COANOL até que tem o mercado que ta funcionando, depois a igreja, e daí o ginásio. [...] A comunidade tem três região na católica e tem a Assembléia de Deus que é separado. Só que são associado da comunidade também. [...] Construimo o ginásio de 25 por 30. [...] Foi buscando projeto dos governos, a maioria foi INCRA. [...] Temo dentro do ginásio, quadra de futebol, futsal, cancha de bocha, clube de mães. Daí ampliemo o ginásio era muito pequeno e puxemo para frente. Agora, ta muito pequeno, foi ampliado mais um pedaço. E, hoje temo um projeto que fim do mês ia aumenta a escola. O ginásio tá muito pequeno, pra nois tá bom, mas quando vem gente de fora aperta. (Paulo – 62 anos)*

É com isso se criou um processo de organização interna em relação à comunidade que no momento é a seguinte:

Em relação a organiza interna da comunidade do Assentamento 16 de Março, ela responde ao conjunto das atividades realizadas em torna da vida comunitária. A diretoria, eleita em assembléia geral de todos os associados, com mandato de dois anos, organiza e integra os participantes em todas as atividades que são realizadas durante o ano, através do conselho da comunidade. Este conselho é formado por um representante da igreja (Católica, Luterana e Assembléia de Deus), pelo Clube de Mães (2 membros), equipe de esporte (2 membros, pela equipe de bocha (2 membros), pela Escola 29 de Outubro (2 educandos) e pelo MST (um integrante). Cada grupo desse tem uma organização interna, faz as suas reuniões, as suas atividades, mas tudo é discutido em reunião a cada quinze/vinte dias, de acordo com aquilo que tem para se organiza e fazer. (BONAMIGO, 2007, p.83)

Na comunidade, além dos diferentes grupos que se organizam, há duas grandes festas, uma em junho e a outra na data que comemora o aniversário da ocupação no dia 29 de outubro. Essa última faz parte das comemorações do município de Pontão. Começa com uma série de atividades, geralmente uma semana ou alguns dias e culminam no fim com uma grande festa. Também, há um baile de chopp, que envolve várias comunidades vizinhas. Bonamigo (2007) resume

isso da seguinte forma: “A constituição do Assentamento 16 de Março faz parte de um processo histórico e combina um conjunto de atividades, iniciativas, conflitos internos, mas acima de tudo de conquistas coletivas” (BONAMIGO, 2007, p. 84).

No processo de pesquisa de campo apareceram duas contradições em relação ao Assentamento, e é importante destacá-las: o trabalho individual, o trabalho coletivo e a relação dos assentados com o MST.

Hoje, no Assentamento há oitenta e duas famílias assentadas; estas fazem parte da regional Sarandi, uma das regionais do MST no Estado. Dessas, apenas quarenta e cinco permanecem ligadas ao MST. Essa diminuição de famílias na base social do MST me pareceu ser fruto dessa contradição apontada acima, ou seja, percebi durante a pesquisa, uma imensa dificuldade por parte das lideranças do assentamento em mobilizar as famílias assentadas. Há dificuldade de reunir as famílias para realizar as atividades do MST; a grande maioria participa quando há algum ganho econômico. Isso é algo complicado, pois a parte política e ideológica acaba ficando comprometida, fragmentada colocando em questão a formação política - ideológica dos sujeitos.

No Assentamento existem cinco núcleos, com um coordenador e coordenadora, além disso, há duas pessoas que fazem parte da direção regional, um homem e uma mulher, que são da coordenação geral do assentamento. Essa forma de se organizar faz parte da organicidade do MST (BONAMIGO, 2007, p. 87).

De acordo com a pesquisa de campo pude ver algumas dificuldades nesta relação MST x assentados, o que se deu, na minha opinião, devido a dois fatores, um voltado ao MST e o outro em relação à hegemonia do capita como relação.

Algumas das estratégias adotadas em relação à Anoni me parecem ousadas e foram muito significativas para o processo histórico do MST, mas repercutiram negativamente entre os assentados, como é o caso das cooperativas. Havia três na Fazenda Anoni, mas hoje, apenas permanece a Cooptar. As demais acabaram e trouxeram junto delas também uma série de questões econômicas que envolveram os assentados, como foi o caso da COANOL (Cooperativa Agrícola Novo Sarandi). Nesse processo de falência, percebeu-se uma série de limites do MST da região.

Um limite, que percebi entre a relação dos assentados com o MST, importante de analisar, é a falta de um trabalho de base com estes assentados/as. Aos poucos, o MST foi perdendo aquele ritmo que se tinha no acampamento, e por estarem

nessa nova realidade, do assentamento, novos desafios surgiram para a organização, principalmente no que se refere à questão organizativa e política. Isso tudo produziu, no interior do assentamento, um desânimo, que vem acompanhado de toda uma situação de decenso de massa que acontece neste momento da luta social.

O modelo de produção adotado pelo assentamento contribuiu também para aprofundar esta contradição. Trata-se da questão do trabalho individual, pois a maioria dos assentados optou por esta forma e não pelo trabalho coletivo, até por que as experiências realizadas no acampamento e assentamento não trouxeram muita referência. Nesse sentido, os assentados foram se organizando, primeiramente, para a produção de subsistência, mas que desde seu início optaram pela produção de grãos ou do leite, e foram aos poucos reproduzindo o modelo agrícola vigente.

Isso trouxe consigo uma contradição maior frente às posições do MST em relação ao modelo de agricultura atual em nossa sociedade. De fato, alguns assentados/as, mesmo estando dentro do Movimento e sabendo das linhas políticas adotadas por este, em alguns momentos assumiram posições contrárias às da organização. Exemplo disso é o fato de alguns assentados plantarem soja transgênica. Isso demonstra as dificuldades, trazendo à tona as deficiências que o MST tem em acompanhar os diferentes processos que envolvem um assentamento.

Outra questão que reforçou a contradição expressa na relação entre assentados e o MST foi a opção pelo trabalho individual e suas conseqüência, como por exemplo, uma maior dificuldade de mobilidade social. Em contraponto, quando se trabalha coletivamente, se percebe que os sujeitos conseguem viabilizar mais a participação, isso se dá, em dois sentidos, um em relação à própria parte econômica, ou seja, o coletivo que estes sujeitos pertencem acaba criando espaços livres, como é o caso da Cooptar, que têm três liberados<sup>14</sup> para atuar no MST. E também, o segundo é o cuidado com o que é seu, seja casa, lote (sua propriedade), animais o que é garantido pelo coletivo do que este sujeito faz parte. Já no trabalho individual, os problemas e responsabilidades recaem exclusivamente sobre o indivíduo, e isso traz a dificuldade que falo acima em participar.

---

<sup>14</sup> Liberado é como é chamado o sujeito Sem Terra que é liberado para as tarefas do MST, isso pode ser em nível regional, estadual ou nacional.

Contudo, olhando para esta realidade a partir dos sujeitos de minha pesquisa, poderia reforçar a impressão, pois dos sete pesquisados sujeitos da pesquisa, apenas três participam ativamente das lutas. Os demais trazem exatamente essa questão do individual quase em sobreposição ao coletivo, dizendo que eles têm a casa, os animais... E que por isso, deixam assim espaço para os mais jovens participarem. Uma breve amostra do que estou discutindo, pois os idosos/as acabam cuidando da casa para que os mais jovens participem, neste caso, essa participação será de um filho ou filha, ou ambos.

E como nos mostra Bonamigo (2007), esta dificuldade de mobilidade social está ligada a três fatores que são “a primeira a própria realidade econômica, política e social do Brasil; a segunda, diz respeito aos próprios camponeses e a terceira com o MST” (BONAMIGO, 2007, p.90)

Mesmo assim, percebi em meio a toda esta contradição da relação assentados/as x MST que havia uma forte identificação com o MST e uma valorização deste. Tanto os idosos/as, quanto os integrantes da comunidade 16 de Março, conseguem visualizar o conjunto de conquistas que estes obtiveram. Bonamigo (2007) traz isso em sua tese assim:

[...] Toda a constituição, desde as reuniões iniciais nas comunidades da região para preparar o acampamento até a conquista de políticas públicas de crédito, habitação, passando pela construção de toda a infraestrutura do Assentamento (escola, ginásio, cancha, campo de futebol, quadras poliesportiva, mercado...) foi marcada pela presença intensiva do MST. Tanto é assim que o Assentamento é um assentamento em todos os sentidos. Os símbolos presentes na comunidade - Cruz, bandeiras, faixas, desenhos nas paredes... são os símbolos do Movimento. Se todos os associados da comunidade estão com um pedaço de terra retirando dali seu sustento e de sua família é por que enganaram-se coletivamente em torno das propostas do Movimento. É por isso que há uma identificação forte dos camponeses assentados com a luta do Movimento. (BONAMIGO, 2007, p. 87)

É por isso, que dei o nome desse capítulo “As Histórias que se transformam”. Pois se olharmos para a realidade do Assentamento 16 de Março, podemos ver e perceber a transformação que ocorreu não só no espaço, mas na vida dos sujeitos que ali estão em uma área que antes era apenas terra improdutiva, com meia dúzia de bois, e hoje é um espaço de vivência comunitária, produção de vida.

### 2.3.3 2 - O Assentamento Novo Sarandi

O segundo assentamento, no qual pesquisei, foi o Assentamento Novo Sarandi em Sarandi/RS, Região do Alto Uruguai. Também, apontaria para a história da formação desse assentamento e dos sujeitos que o compõem para compreender sua importância, como espaço de vivência e experiência na construção de um Movimento Social como o MST. Para isso, trago narrações de como este assentamento se organizou e as distintas experiências que os assentados/as passaram. Sem Terra: A História que transforma a história, objetivo principal deste capítulo. A história do Assentamento Novo Sarandi inicia em 05 de maio de 1987. A área foi tomada pelos acampados em 06 de janeiro de 1987 e teve como objetivo forçar a concretização de um assentamento de famílias sem – terra. A área de 720 hectares pertencia à Fazenda Anoni, mas estava sendo usado por um fazendeiro holandês Johnes Petter, que residia na área com mais cinco famílias de peões, que após a desapropriação da área foram assentadas junto com os Sem Terra.

Este foi o primeiro Assentamento dos acampados/as da Fazenda Anoni, que foi chamado de Assentamento fase III pelo INCRA, pois os outros dois foram assentamentos de famílias atingidas pela Barragem do Passo Real. Foi chamado de Novo Sarandi, por que, segundo as famílias assentadas, este estava dentro do município de Sarandi e que era necessário mudar o nome para não continuar Holandês. Contudo, essa denominação de Assentamento Holandês permanece forte na região. (BONAMIGO, 2002, 128)

As famílias que foram assentadas, cerca de trinta e cinco famílias eram todas da região; eram dois grupos da área cinco e da área dezesseis. A grande maioria era oriunda de Ronda Alta/ RS. A base social do Assentamento Novo Sarandi foi formada por famílias de agricultores sem – terra, meeiros, arrendatários, parceiros, agricultores, agricultores assalariados (peões). A origem étnica das famílias assentadas, segundo observada no trabalho de campo, é basicamente de colonização italiana e alemã.



A organização dessas famílias para o processo de acampamento se deu a partir do trabalho de base realizado inicialmente em grupos de famílias nas comunidades. Foram os assentados dos assentamentos recém formados em Ronda Alta/RS que fizeram as articulações das famílias sem - terra junto com o Padre de Ronda Alta que era CPT (Comissão Pastoral da Terra), e o STRs (Sindicato dos Trabalhadores Rurais). As reuniões aconteciam nas comunidades e também nos sindicatos.

No acampamento da fazenda Anoni, essas famílias estavam organizadas em dois grupos/núcleos, e assim, como os demais acampados/as até antes de ir para o Assentamento definitivo, estavam organizados nas 16 áreas de terra que compunha o conjunto da Fazenda Anoni. Nessas áreas, a grande maioria produzia alimentos em conjunto, ou seja, no grupo aonde trabalhavam coletivamente e plantavam uma pequena área de terra que variava de um a dois hectares e que era para a subsistência da família. Ali havia vacas, porcos, galinhas, e pequenas produções como feijão, arroz, mandioca, pipoca, batatinha, etc.

Uma das assentadas conta como foi o processo de assentamento assim:

*[...] Veio um do INCRA, era Lazareti, pouco tô lembrada, fazê uma reunião. [...] Mãe fique bem facera, que hoje vai ser a última reunião que nois vamô faze para discutir pra ir pra terra, depois nois vamo ter mais reunião pra gente faze a plantação. A mãe disse: Deus te abençoe minha filha, quando saí. Daí eu fui. Cheguei lá tava o do INCRA lá. Daí ele leu o papel e tudo e para assusta disse: a senhora D. Marta não vai pode ganhar terra porque a senhora não sabe trabalha. Por que ele já tinha tirado foto do meu barraco, de minha horta, das minhas coisas não sei se existe esta foto, mas que foi tirado foi filmado foi só que eu nunca vi. Daí ele fez isso pra brinca comigo. Ele sabia que me importava. Daí me judiou. E eu disse: Pois é o que eu vou fazer por que daqui eu não saio, e vocês não vão me bota na vera do asfalto. Daí ele leu a aquela folha. Daí quando ele foi lê meu nome disse: Parabéns pra senhora. A senhora é a primeira contemplada. Tá o seu nome aqui, o primeiro nome da lista é o seu, a senhora é o primeiro nome de seu núcleo. E o dia que a senhora for para o Holandês eu quero estar lá. Eu quero tá lá esperando a senhora, eu vou coloca a senhora. Daí foram os outros na frente e eu fiquei por último. [...] Quando cheguei aqui o do INCRA disse: A senhora me acompanhe. Daí eu acompanhei ele e ele me levou numa casinha branca que tinha lá no fundo. Tinha chiqueiro, tinha de tudo pronto de material. [...] Daí ele chegou e mandou pra mim abri a casinha e entra pra dentro. A casinha tinha três quarto, sala, cozinha, banheiro e lavanderia. Pra mim foi um sonho aquilo. Água encanada dentro de casa e tudo. Daí eu entrei e ele disse: aqui é sua casa, aqui vai ser sua morada. A senhora ganhou isso aqui, essa casa é sua por que tem sua mãe velhinha e seus filhos, agora, a senhora esta colocada, disse parabéns e saiu e aí nunca mais vi aquele homem. [...] Eu senti uma emoção que nem o dia do meu casamento eu senti alegria, eu senti àquela hora. Se fosse fazer tudo de novo, o que passei o que eu trabalhei, no acampamento, as amizades*

*que construí, daqueles que foram pra longe eu faria tudo de novo. [...] quem ganhava essa terra era para trabalhar em associação. [...] (Marta – 56)*

Como a assentada me relatou as famílias que vieram para o assentamento Novo Sarandi, traziam a proposta de trabalhar em associação, que foi uma das primeiras experiências de cooperação desenvolvidas pelo o MST.

Nesse período, como nos relata uma liderança da época, junto as famílias acampadas havia um grupo que defendia a idéia que a Fazenda Anoni deveria ser uma espécie de cartão postal, uma espécie de um assentamento com uma visão diferente, uma grande cooperativa. Mas, essa idéia se constituiu o Assentamento Novo Sarandi.

Enquanto não se tinha definida qual a forma de organização de produção que os assentados novos iriam adquirir, as famílias se organizaram e fizeram a primeira safra coletivamente. Após, começaram a discutir se iriam trabalhar coletivo, semi - coletivo ou individuais. Um grupo de trinta e cinco famílias iniciou trabalhando em associação. Após alguns anos permaneceram apenas sete famílias, e hoje todos trabalham individuais. Uma das dificuldades de se sustentar coletivamente se deu pelo processo da ação das relações capitalistas no seio do coletivo, ou seja, aos poucos as relações capitalistas foram se restabelecendo e dificultando a convivência coletiva, a própria divisão da riqueza começou a ser questionada e isso foi produzindo uma série de desentendimentos e contradições internas, esfacelando assim este processo coletivo.

No grupo da associação das famílias além de produzirem novas formas de organização para o trabalho e para a vida, também constituíram toda uma infraestrutura para dar conta dessa nova realidade. Desde o começo decidiram trabalhar com a produção de cereais e leite. Por isso, os assentados investiram em galpões, chiqueiros, estrebarias, maquinários, ou seja, em toda a infra-estrutura necessária.

Contudo, com o aumento da produção, se constituiu uma necessidade de ter mais espaço para armazenamento e conservação da produção. A partir dessa compreensão começou uma discussão para se constituir uma estrutura que beneficiasse não só as famílias do Assentamento, mas as famílias dos outros assentamentos. Assim, os assentados doaram parte da estrutura já existente mais uma área de terra para se construir uma cooperativa de comercialização. Dessa

forma nasceu em 10 de fevereiro de 1990 a COANOL (Cooperativa Agrícola Novo Sarandi Ltda.), uma cooperativa regional de comercialização.

Em um ano se ampliou a estrutura da cooperativa para o recebimento de grãos e, em 1993, se iniciaram atividades de recebimento de leite. Também se construiu um mercado, posto de gasolina, posto de saúde, posto de combustível, fábrica de ração, fábrica de erva mate, departamento de assistência técnica. Além disso, a COANOL tinha duas carretas para transporte de grãos, caminhões tanques para recolhimento do leite, caminhão para esparramar calcário e adubo. Também, se constitui, no Assentamento Novo Sarandi, a cooperativa de crédito do MST, a CREHNOR (Cooperativa de Crédito Horizontes Novos).

O Assentamento acabou sendo a sede da Regional do MST, chamada regional Sarandi. Nele, começou-se a realizar as reuniões, os encontros do MST da região. Tanto o Assentamento, quanto a cooperativa, iniciaram numa fase em que o Movimento Sem Terra estava expandindo espaço e território. Neste espaço serão experimentadas muitas coisas, como a organização e nucleação das famílias assentadas dos demais assentamentos da região, acompanhamento e organização da produção, entre outras. O MST investiu com recursos humanos e econômicos no Assentamento.

Hoje, a partir do que observei e a partir do que os Sem Terra me relataram a COANOL faliu, que era a cooperativa regional, uma das primeiras cooperativas do MST no Estado. Mas que existem no assentamento, a fábrica de erva mate, a parte de recolhimento de leite que está ligada a Cooampo (Cooperativa Mista de Produção e Integração Camponesa Ltda.) fundada em 01 de agosto de 2007, que trabalha com a produção e comercialização de grãos. A CODESUL (Cooperativa Regional de Desenvolvimento Auto – Sustentável Ltda.) que é uma nova cooperativa foi organizada para a comercialização e produção de leite. Não há mais o posto de saúde; o posto de combustível foi alugado para um comerciante da região. A fábrica de ração continua funcionando, mas com menos ritmo. Também há a escola Estadual de Ensino fundamental Sepé Tiarajú onde estudam as crianças do Assentamento e do entorno do Assentamento. Há um ginásio de esporte, com quadra de futebol, cancha de bochas, campo de futebol onde os assentados desenvolvem as atividades esportivas e lazer.

O assentamento apresenta uma realidade bastante similar à do assentamento 16 de março, e as contradições são as mesmas. Algo importante trazer para este trabalho é que não consegui fazer um aprofundamento sobre a realidade atual do Assentamento. Por isso, optei de não aprofundar as questões como participação dos assentados no MST.

Apesar de todos os problemas e contradições, foi importante perceber a pertença das famílias junto ao MST. Principalmente, as pessoas que falei trouxeram o MST como fator essencial deles serem o que são, de terem adquirido uma melhor qualidade de vida, saindo da situação de apenas sobreviver. No sentido econômico percebo um avanço relativo no Assentamento; todos/as possuem boa moradia, uma bela propriedade, e um lote bem embelezado e ornamentado na agrovila que é o espaço de convivência das famílias. Falando somente da questão econômica e da viabilidade da Reforma Agrária diria que este assentamento é modelo. Mas olhando para a questão político - organizativa se percebe um certo retrocesso em relação ao MST.

Em minha leitura isso se deu e se dá devido às questões que envolvem tanto o método de direção e condução do MST da região, bem como a entrada do sistema neoliberalismo no campo. Porém estas questões precisam ser analisadas com mais profundidade em outros estudos. Como o foco de minha é a questão do envelhecimento no MST, não tem como aprofundar estas questões no meu trabalho.

### III – MULHERES E HOMENS EM MOVIMENTO

A riqueza das relações sociais tem no ser humano a sua fonte fundamental - única na visão marxista. Disso, é possível afirmar que as vidas em suas concretudes, em seus papéis, suas contradições e sua importância levam a apreender não só o que existe, mas a partir do que existe projetar e criar condições para uma nova sociedade. O texto que segue tem como objetivo apresentar meu percurso durante a pesquisa e seu desdobramento.

Este percurso me desafiou a utilizar como princípios orientadores o Método dialético, que é uma das formas de analisar a realidade, partindo do concreto – empírico e através da abstração chegar ao concreto - pensado para poder interpretar a realidade existente. Neste sentido Marx e Engels abordam na Ideologia Alemã o que estou querendo dizer.

Ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui é da terra que se sobe ao céu. Em outras palavras não partimos do que os homens dizem, imaginam, representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois se chegar aos homens de carne e osso; partimos dos homens em sua atividade real, é a partir do seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital I (MARX e ENGELS, 2007, p.19).

Essa escolha teórica - metodológica se deu justamente pelo momento histórico vivido, isto é, a exigência diária é que façamos uma interpretação da história e da realidade e este método é o que melhor se insere neste propósito. E por casar com o meu objetivo coletivo/ individual que é a transformação deste mundo.

O interesse de meu trabalho é perceber como se construíram as vidas das pessoas idosas no MST, como o Movimento contribuiu para elas se tornarem sujeitos que são hoje, e como elas percebem os espaços hoje dentro do Movimento.

Para isso, realizei uma pesquisa de natureza qualitativa com sete pessoas idosas em dois assentamentos da antiga Fazenda Anoni, construindo um estudo de caso por entender este como “... uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente.” (TRIVIÑOS, 1987, p.133). Neste sentido, esta forma de pesquisa colabora com o que pretendo, ou seja, entender a totalidade a partir da parte compreendendo que prática social forma os idosos do MST.

Assim, trabalhei com idosos/as que construíram o MST e sua história, em especial, um grupo de idosos/as assentados/as que foram protagonistas na fundação e construção do Movimento, que é o MST, durante a década de 80. Os assentados/as fazem parte de dois municípios da regional Sarandi: Pontão e Sarandi, região Norte do estado do Rio Grande do Sul. Este grupo de idosos/as fizeram parte do acampamento histórico da Fazenda Anoni.

A partir disso, a pesquisa aconteceu na antiga Fazenda Anoni; hoje, a mesma está organizada em sete comunidades: Novo Sarandi / Holandês, 16 de Março/ de Área 1, Passo Real, Nossa Senhora Aparecida /Área 9, Roseli Nunes/ Área 11, Santa Bárbara/área 10 e Área 5. Estas se tornaram assentamentos do MST.

O meu foco de pesquisa foram os idoso/as dos Assentamentos Novo Sarandi em Sarandi /RS e 16 de Março em Pontão/ RS, Região Norte do Rio Grande do Sul. No Assentamento Novo Sarandi há 25 famílias assentadas e o Assentamento 16 de Março há 82 famílias. Escolhi estes dois Assentamentos, pois neles há diferentes formas de organização social individual e coletiva e por que nos dois vivem idosos/as que ajudaram a criar o MST, ou seja, fazem parte da história do Movimento. Estes participaram dos diferentes processos que constituem o MST, a partir de diferentes formas de organização social, das quais localizei no mínimo três que foram: A associação, a cooperativa, com trabalho coletivo ou cooperado e o trabalho individual.

Também, escolhi o Assentamento Novo Sarandi, pois este foi o primeiro a ser desapropriado pelo governo após a ocupação da Fazenda Anoni. Nele, houve toda uma intencionalidade em sua constituição, assim, as famílias que vivem neste assentamento, passaram por diferentes experiências que são importantes para minha análise para entender esse processo formativo, principalmente, no que se refere aos idosos/as deste local. E, o Assentamento 16 de Março, possui uma

singularidade interessante que é ter em sua forma de organização grupos individuais e coletivos convivendo numa mesma comunidade.

Por analisar estes sujeitos a partir das práticas sociais que são geridas na totalidade do Movimento Sem Terra, procuro apreender os aspectos e momentos contraditórios. Interpretar e entender as contradições. Fazer o exercício de historicizar a realidade. Esforço - me para não descrever apenas a realidade, mas de fato explicar, na tentativa de contribuir para que mais sujeitos se dêem conta de seu processo histórico.

A idéia de estudar os idosos/as do MST da antiga fazenda foi no sentido de analisar a realidade concreta, ou seja, apreender a parte para compreender o total e vice – versa. Por isso, trabalhei com a totalidade, me referindo a Cury (2000), uma vez que meu objetivo não é apenas buscar uma compreensão particular do real, mas obter uma visão mais ampla da realidade. Como ele expressa. “Não é um momento de petrificação de modelos e congelamentos de movimento, ao contrário, é uma síntese de múltiplas determinações (MARX, 1977, p. 218) que está em movimento e em expansão” (CURY, 2000, p. 21).

Meu enfoque foram os idosos/as dos dois assentamentos antes identificados. O trabalho foi desenvolvido com sete idosos/as, três mulheres e quatro homens Sem Terra camponeses da classe trabalhadora, com a idade entre 55 anos e 67 anos. De início havia estabelecido que seria com idosos/as acima de sessenta anos, mas ao ir a campo tive que mudar, pois não havia mulheres que estivessem dentro dos meus critérios com idade acima de sessenta anos. Como se trata de uma geração específica que acompanhou estes processos históricos, tive que ficar mais flexível em relação à idade.

O desdobramento da parte metodológica se deu assim: a primeira fase da pesquisa foi à pesquisa bibliográfica. Fiz as leituras dos autores que embasaram todo o meu trabalho e fichamento destas leituras. Este também foi o momento de fazer um levantamento de documentos, memórias e histórias sobre a fazenda Anoni, ou seja, os registros que pudessem conter informações sobre a história e constituição da mesma sejam em entrevistas no Jornal Sem Terra, documentos da Comissão Pastoral da Terra (CPT) ou outros, depoimentos, vídeos, gravações, documentários, etc.

O objetivo foi tentar trazer o que já foi produzido sobre estes assentamentos em termos de escrita, para assim, saber quem eram os lutadores e lutadoras Sem Terra que participaram daquele momento histórico, e a partir deste levantamento, poder chegar até eles, os lutadores /os idosos/as da fazenda Anoni, hoje pessoas idosas.

Num primeiro momento trabalhei com as experiências de vida destes sujeitos que ajudaram a construir a história do MST, suas histórias, por isso, meu ponto inicial é a história oral, que a partir de Thompson, significa:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito que seja utilizada. [...] a história oral pode ser um meio de transformar tanto o conteúdo como a finalidade da história. [...] pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 2002, P.22)

Thompson (2002) afirma que; “a experiência de vida das pessoas de todo o tipo possa ser utilizada como matéria – prima, a história ganha uma nova dimensão” (p.25). No mesmo sentido, Alberti, confirma que:

[...] a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consultas (as entrevistas) para outros estudos [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que participaram ou testemunharam (ALBERTI, 1989, p. 1- 2).

Este é o sentido com que utilizo da história oral, ou seja, trabalhar com a matriz da história, o sujeito social que compõe o MST, entender a relação dialética entre sujeito social e individual. Compreendendo, através da oralidade, como estes, constroem uma história. E, estando inseridos na coletividade que é o MST, estes sujeitos acabam fazendo não só a história do Movimento, mas principalmente a sua história. É por isso que fiz a escolha de trabalhar com a história oral dos sujeitos idosos do MST, pois isto nos possibilitará, além de conhecer, registrar e reescrever uma outra história registrada, que fica muitas vezes apenas nas lembranças do



povo. Os idosos/as, no campo, ainda são as pessoas que transmitem muitos saberes para os demais sujeitos, apesar de que isto vem sofrendo transformações. Com isso, essas pessoas representam as memórias, a identidade de um povo que busca ser sujeito. Contar as histórias de vida também é valorizar um sujeito que produz cultura, que traz saberes, que guarda costumes, que produz conhecimento.

Utilizar as histórias dos idosos/as da fazenda Annoni significa poder apreender por que “Comportamentos e valores são encontrados na memória dos mais velhos, mesmo quando estes não vivem mais na organização de que haviam participado no passado” (SIMSON, 1988, p.25).

Foram utilizados ao longo deste trabalho os seguintes instrumentos: o diário de campo onde registrei os depoimentos e as observações, anotações de fatos que ficaram fora das entrevistas e investigações, entrevistas semi - estruturadas e abertas com utilização de gravador para depoimentos pessoais investigação dos dados e da história relatados nas entrevistas e fotografias.

Trabalho com entrevistas semi - estruturadas na perspectiva que aborda Triviños (2001), ou seja:

[...] é uma das ferramentas que utiliza a pesquisa qualitativa para alcançar seus objetivos. A entrevista semi – estruturada começa por um número determinados de interrogativas, podendo concluir com trinta, quarenta, sessenta, porque cada pergunta pode originar outras tantas esclarecedoras do investigador; não satisfeito com as respostas anteriores recebidas. [...] Desta maneira, a entrevista semi – estruturada se transforma num diálogo vivo da qual participam duas pessoas, com objetivos diferentes, mas que podem se tornar convergentes. Ambos, entrevistado e pesquisador, procuram construir um conhecimento relativamente comum para determinada realidade pessoal e coletiva. (TRIVIÑOS, 2001, p. 85)

Assim, as questões que moveram as entrevistas semi – dirigidas foram: as relações sociais, o trabalho, a luta social e a convivência comunitária. Para isso, parti dos depoimentos e da história oral que cada um contou nas entrevistas.

A coleta de informações se deu em dois momentos: primeiro, apresentei a proposta de trabalho para a direção regional do MST, e o segundo foi a realização da pesquisa propriamente dita. Neste primeiro momento, fiz um diálogo com os/as dirigentes. Foi aqui que apresentei os critérios dos sujeitos que deveriam fazer parte

desta pesquisa que foram: sujeitos que participaram no processo de ocupação e formação do Acampamento da antiga Fazenda Anoni. Sujeitos que fizeram parte das coordenações dentro do Acampamento, que foram lideranças do MST no Acampamento. Sujeitos que experimentaram ou viveram/ vivem em circunstâncias diferenciadas, ou seja, que participaram ou participam de processos de organizações sociais diferentes como associação com trabalho coletivo, cooperativa e organização individual. A partir disso, a Direção Regional do MST me apontou sujeitos que fechavam com meus critérios e que hoje estariam dentro da faixa etária escolhida na pesquisa.

O trabalho de campo começou no Assentamento 16 de Março no município de Pontão /RS, depois fui para o Assentamento novo Sarandi, no município de Sarandi /RS. No primeiro, visitei três famílias e no segundo mais três famílias. Em ambos, expliquei o objetivo de minha pesquisa e perguntei sobre a disponibilidade destes participarem da pesquisa. Neste momento, realizei a entrevista semi – estruturada e ao mesmo tempo fiz observações e tirei algumas fotos. Em algumas famílias, o trabalho foi mais fácil, noutras mais difícil, pois com umas consegui estabelecer vínculo de confiança o que contribuiu com uma melhor coleta de informações.

O processo de coleta de informações foi através do acompanhamento dos sujeitos em suas atividades diárias até participar de lutas, festas, cultos e demais atividades que eles/as estiveram realizando. Assim, para cumprir com o que havia me proposto, fiquei junto com eles/as, vivenciando diferentes momentos de reprodução das suas existências. Isso me possibilitou ver a relação entre aquilo que eles falavam com sua prática cotidiana. Também, conversei com pessoas da comunidade que viveram a ocupação e a constituição do Acampamento e posteriormente, a formação dos assentamentos da antiga Fazenda Anoni.

Ao retornar, achei necessário fazer um novo levantamento com o MST e com a CPT sobre quais documentos e filmes me poderiam ajudar a entender melhor como se deu a constituição do acampamento da Anoni. Realizei a pesquisa de campo de julho a setembro de 2007.

Abaixo, apresento parte das vidas de homens e mulheres que se colocam e se colocaram em movimento.

### 3.1 – Vidas em movimento

O início deste trabalho foi e continua sendo prazeroso, fruído, pois trabalhar com sujeitos históricos nos remete a muitas reflexões, tanto sobre o estar no mundo, como “olhar” a própria vida como espaço de construção e reconstrução de possibilidades.

Ao trazer as narrativas de vida dos sujeitos pesquisados vamos conhecendo como se constituiu e se constitui a vida destes sujeitos desde antes de estar no MST e como estes se formaram sujeitos sociais.

Abaixo estão breves narrações de vida de um grupo de idosos/as do MST que fizeram parte de minha pesquisa. Na vida deles/as é possível perceber como se constituíram estes sujeitos sociais do MST: Paulo, João, Clara, Joana que residem no Assentamento 16 de Março, município de Pontão, norte do Rio Grande do Sul. E, as narrativas de Marta, Pedro e Marcos<sup>15</sup> que residem no Assentamento Novo Sarandi, em Sarandi. Também, norte do Rio Grande do Sul.

#### PAULO

Paulo é um senhor de sessenta e dois anos. É natural de Ernestina/Rio Grande do Sul. Usa óculos, loiro, de barba, bem alegre, parece gostar muito do local onde mora. É descendente de alemães, vem de uma família humilde de trabalhadores rurais, desde muito pequeno trabalhou com o pai, que era de Soledade/RS. Vem de uma família de uma família de nove filhos. Desses nove, três são assentados de Reforma Agrária. Quando criança seu pai tinha uma casa de farinha e Paulo trabalhava desde os oito anos. Os irmãos se dividiram, uns

---

<sup>15</sup> Os nomes dos sujeitos pesquisados são fictícios, foi uma opção que a pesquisadora fez a fim de proteger a identidade dos sujeitos pesquisados.

trabalhavam na roça e outros na casa de farinha. Estudou até a 3ª série do ensino fundamental. Para ir à escola tinha que andar a cavalo sete quilômetros. Casado com Maria, uma senhora de cinquenta e cinco anos luso-brasileira, tem sete filhos, quatro casados e três solteiros, três mulheres e quatro homens. Desses sete filhos, um é assentado, dois acampados, três trabalham na cidade e um mora com ele. Além de agricultor, é pedreiro e carpinteiro, profissão que aprendeu com seu pai. Desde pequeno, aprendeu a trabalhar, com oito anos estava atrás de um arado, carpiando tudo para tirar um dinheirinho para a família. Aprendeu a trabalhar na “marra”, principalmente a profissão de carpinteiro.

Em 1985, Paulo estava numa situação difícil, trabalhava de empregado, morando em Ronda Alta/RS no Assentamento Brilhante junto de seus sogros que estavam assentados ali. Morou próximo à sede do assentamento e lá foi coordenador de grupo. Resolveu ir acampar. Ajudou a organizar a ocupação da Fazenda Anoni, onde durante um bom tempo foi coordenador de núcleo. Assim como no assentamento, ajudou a organizar sessenta famílias para ir acampar.

No acampamento da Anoni permaneceu até 1989, quando foi assentado com 14,5 hectares no assentamento 16 de Março, antiga área um. No início, o trabalho no assentamento era em grupo coletivo, pois os acampados foram distribuídos em áreas e nelas não havia divisão. Então os assentados trabalhavam juntos a terra para produzir a subsistência. Em 1992, com a divisão legal dos lotes, num primeiro momento, fez parte de uma associação. Depois, Paulo optou pela propriedade individual, mas continuando a trabalhar em algumas situações de cooperação com os demais assentados.

Durante esse período de acampamento e como assentado, participou ativamente, tanto no acampamento como no assentamento. Há um esquema de rodízio onde todos os assentados/as participam das lutas que acontecem no MST. Paulo, também contribuiu financeiramente, e, colaborou ajudando a construir a comunidade do assentamento, a qual para ele é algo de orgulho, é espaço bom de convivência com os demais companheiros/as.

Ele mostrou ser um sujeito bastante calmo. No tempo que estive com ele, demonstrou gostar muito de esportes, de ir à comunidade jogar canastra e bocha, de assistir televisão; esta, pelo que percebi é uma das principais companheiras dele. Por essa razão, percebi um conflito com a esposa e com o filho. Seu lote é

organizado para a subsistência, vive de uma forma simples, não demonstrou em nossas conversas ser ambicioso; ao contrário disse que tudo o que buscou de fato conquistou. Hoje quem planta no seu lote é o filho. Este é quem faz o trabalho mais pesado, mas é Paulo quem administra. No dia-a-dia, Paulo e sua esposa permanecem mais dentro de casa, e quando eu os interroguei sobre o trabalho mais pesado ele me disse que já está velho, que o filho veio para ajudar e cuidar deles. Também, me respondeu isso, quando falei da luta, disse que vai, mas que na maioria deixa para os jovens que tem mais ânimo.

Hoje, 15 anos depois, no Assentamento, Paulo vive com a esposa, com um de seus filhos, e em sua casa também estava uma de suas noras com um de seus netinhos que ainda é bebê. É responsável pelo controle da água dos assentados, e passa nas casas para pegar a leitura/ medição da água. Também, durante minha pesquisa, estava responsável, junto com outro assentado, pela bodega da comunidade.

## **JOANA**

Joana é uma mulher de óculos, clara, baixa, miúda, magra, alegre, bastante ativa. De descendência italiana, seus avós vieram da Itália. Tem cinquenta e oito anos. É casada com José de descendência indígena. Mãe de cinco filhos, três homens e duas mulheres, só um solteiro e os demais casados. Natural de Herval Grande. É católica. Era empregada na roça, sem - terra trabalhava para ajudar a família. Filha mais velha de uma família de treze filhos, teve desde cedo que trabalhar. Aos cinco anos, subia em uma cadeira para lavar a louça e fazer todos os serviços da casa. Também teve que ajudar a criar seus irmãos. Sua família tinha um pedacinho de terra, mas seu pai era doente e neste processo de doença a família precisou vender a terra para poder tratar seu pai e mais cinco de sua família que acabaram pegando a doença do pai. Com quinze anos saiu de casa para trabalhar na agricultura. Conta que só tinha duas mudas de roupa e que tudo que ganhava era para ajudar a família a comprar desde comida até sabão. Trabalhava com boi, carroça, sofreu bastante, o que provocou nela muitos aprendizados.

Ainda solteira morou em lugares diferentes, primeiro com uma família trabalhando como empregada doméstica, conforme coloquei acima; após trabalhou num hospital onde desenvolveu diversas atividades, aprendeu muitos procedimentos importantes no que se refere à saúde. Depois trabalhou com um negociante, e por fim, voltou a morar na primeira casa em que trabalhara como empregada. Neste lugar, conheceu seu companheiro com quem namorou e casou. Neste período, ela e seu esposo trabalharam de meeiros, agregados e começaram a descobrir a exploração do trabalho. Viveram migrando de um lado para o outro e acabaram voltando para a terra de seus sogros. Lá ficaram sabendo que estava acontecendo um movimento de base para organizar sem – terra para irem acampar. Ela se inseriu neste movimento e participou ativamente como coordenadora, aconselhada pelo padre o qual achava que sua participação de mulher incentivava outras a irem também com seus esposos para o acampamento, permitindo que estes atingissem o objetivo de conquista da terra.

E assim, um mês antes do acampamento da fazenda Anoni ela participou de um acampamento em Palmeira das Missões/RS, de duas mil pessoas, acampadas. Este foi uma experiência, ela com a família puderam assim como os demais que estavam lá, experimentar como seria a organicidade do acampamento, pois estes se organizaram em núcleos.

Em 29 de outubro de 1985, junto com trinta e cinco famílias de seu município, ela, sua família e seu pai foram acampar. No acampamento participou ativamente, foi coordenadora da alimentação, da saúde, e da segurança. Participou das caminhadas, das principais lutas que foram travadas durante a ocupação.

Uma das estratégias dos acampados foi à divisão em áreas, dezesseis ao todo. Joana foi ficando por último nos sorteios, e na área onde ela estava o plantio era comunitário e o que plantavam era para sua subsistência. Após o último sorteio foram para o assentamento 16 de Março. Nele, Joana junto com a família que primeiro se organizará em cooperativa, foram para a COOPTAR (Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata Ltda.), no coletivo. Permaneceu um tempo e aos poucos foi descobrindo que não era aquilo que queria. Um dos motivos que levou ela a sair foram os filhos. Eles esperavam uma organização do trabalho para as crianças, mas no início não tinha nada pensado para elas até então. Assim, ela ficou até o dia que inauguraram o frigorífico; eles saíram, foram trabalhar com o leite.

No assentamento foi agente de saúde, catequista e ministra da liturgia. Hoje, ela tem problema sério de coluna, desgaste de ossos. Segundo ela isso se deve aos excessos de trabalho de sua juventude.

Sua família optou pelo trabalho individual e, com isso, mudaram da monocultura da soja para a criação de gado leiteiro. Hoje, Joana possui uma propriedade bem estruturada e arborizada, com árvores frutíferas, com jardim e flores, é uma morada muito bela. Segundo ela, o trabalho é organizado pelos dois, ela e seu esposo. É ela quem administra quem faz o negócio. Conta que o seu esposo a autorizou a fazer os negócios; então ela aproveita quando vai para as reuniões para dizer que é ela quem lida com o Banco, com os cheques, com os projetos.

Hoje estão em sua casa com ela, seu companheiro, uma afilhada e o filho que trabalha fora, mas que vem nos fins de semana vê-los. Demonstra não ser uma pessoa gananciosa, sofreu muito, ao longo de sua vida, sofreu altos e baixos, mas acha que venceu. Realizou o sonho de sua vida que era a conquista da terra. Pareceu-me ser uma mulher feliz, muito ativa, muito alegre.

Hoje, faz parte do grupo de terceira idade do assentamento, diz que é sócia há anos. Percebi que ela acha que é difícil ir à luta, pois tão só eles dois, e que cada um faz por um.

Ela participou em inúmeras lutas, nem consegue me dizer quantas; sempre é ela quem vai, e seu esposo fica tomando conta da propriedade. Ela me parece ser muito corajosa, e bastante afetiva com o filho e com seu esposo. Percebi nela, uma mulher com uma visão crítica da realidade, com um olhar sobre as mulheres, uma preocupação sobre a continuidade do MST, de como este se encontra na região e no assentamento. Tem uma consciência muito forte do valor da terra e do Movimento e do que eles, terra e Movimento, representam em sua vida.

## **JOÃO**

João é uma pessoa alegre, baixo, moreno, “caboclo” como ele mesmo fala, de sessenta anos. Natural de Liberato Salzano /RS. É casado há quarenta e um anos

com Clara, uma senhora de cinqüenta e oito anos, e tem um casal de filhos. É católico, me diz de muita fé. Começou a trabalhar com quatro anos e já sabia o que era o pesado. Morava há treze quilômetros de sua esposa, quando se encontraram namoraram e casaram. Ele era meeiro. Moraram doze anos em Liberato Salzano/RS com seus pais, após vieram para Trindade do Sul /RS.

De lá vieram para o acampamento da Anoni e daí chegaram à conclusão que a saída era busca um pedaço de terra para viver e criar seus filhos, porque de meeiro eles não conseguiam dar conta de todas as suas necessidades, vieram junto com as sessenta famílias de Trindade /RS e Liberato Salzano/ RS.

Ele com sua família fizeram parte das duas mil famílias que ocuparam na madrugada do dia 29 de outubro de 1985, a Fazenda Anoni, hoje, situada no município de Pontão ao norte do Rio Grande do Sul. No acampamento ele era o coordenador da área três, de seu núcleo de base. Foi no acampamento que, segundo ele, aprendeu a ser solidário e ter amor ao próximo. Permaneceu no local da ocupação inicial por um ano. Em dezembro se mudou junto com 35 famílias para a área / glebas três. O acampamento foi dividido em 16 grupos, 16 áreas/glebas. Neste processo, o acampamento decidiu misturar os diferentes municípios e famílias para que não ficasse só um município em uma área, mas que houvesse uma diversidade destas famílias.

Assim, vieram em grupo, e na área uns ajudavam os outros e construíram os barracos coletivamente. Na área três plantavam, colhiam e dividiam tudo o que dava. A organização do trabalho nas famílias era contada por dias de trabalho. Como coordenador sua tarefa exigia que este fosse a muitas reuniões, ajudasse na discussão do projeto de assentamento das famílias, da produção, da vinda de máquinas para arar a terra, dos investimentos, da compra dos insumos mais baratos.

Quando se instalou no assentamento 16 de Março, começou a plantar árvores. Plantou em seu lote o máximo de diversidade; este aprendizado segundo ele se deu com seu pai que era muito caprichoso nesta questão de plantar árvores.

Em seu lote, primeiramente, se organizou junto com as demais famílias coletivamente, após em associação e até compraram um trator. Depois como havia muita diferença entre as famílias e ele optou pelo trabalho individual, e hoje, no



núcleo de base se reúnem apenas com caráter religioso, ou seja para rezar, fazer as novenas e campanhas da fraternidade da Igreja católica.

Antes de ser do MST não participava das lutas, pois tinha receio da polícia, e após, participou de marcha, ocupação, ocupação de prédio público, caminhada, que foram várias vezes a Porto Alegre para reivindicar seus direitos. A necessidade os fez ir atrás da Reforma Agrária.

É uma pessoa que se emociona facilmente, e demonstra uma forte empatia. Gosta de música, de dançar, fez um curso de dança e todo fim de semana sai com sua companheira para se divertirem e dançarem. A terra representou, além da sobrevivência, a sua realização. E com a terra que ele tira o seu sustento e de sua família. Nela ele produz uma diversidade de culturas. Assim, a conquista da terra faz parte de sua história de vida, pois possibilitou e possibilita dia - após dia ver a concretização de um objetivo, que fez sua ação no Movimento a sua concreção enquanto sujeito. E, talvez por isso, para ele, trabalho não se apresenta como algo penoso, árduo, e sim algo que “dá saúde, faz bem”.

## **CLARA**

Clara é uma senhora de cinquenta e oito anos, baixa de cabelos grisalhos, olhos claros, de descendência italiana. Simpática e falante. É natural de Colônia Nova, interior de Nonoaí/RS. Era a mais velha de uma família de seis filhos. Trabalhou na roça desde muito cedo. Conheceu seu esposo em uma festa. Ele morava treze há quilômetros de distância de sua casa; após conhecê-lo nessa conheceu em uma festa, namorou e casou-se com seu João, há quarenta e um anos, tem um casal de filhos e quatro netos. Após casados, ela foi morar com a sogra em Liberato Salzano /RS e ficou lá doze anos.

Era meeira, e resolveu ir acampar para conquistar um pedaço de terra e assim lutar por um espaço de vida. Assim, junto com sessenta famílias de sem – terra de Liberato Salzano / RS e os sem – terra de Nonoaí/RS foram acampar no dia 29 de outubro de 1985. E ficaram neste primeiro local até um ano. Em dezembro de 1986 se distribuíram para as áreas/ gleba, que era uma primeira divisão do

acampamento. O acampamento ficou dividido em dezesseis áreas/ gleba, sendo que em cada uma destas formou-se um grupo de família mista, ou seja, foram divididas as famílias de cada grupo, de cada município.

Nas áreas se organizaram para plantar coletivamente, e a distribuição era feita de forma igualitária. As sobras eram vendidas, e após dividiam todo o dinheiro. A lavoura, a horta eram espaços coletivos. Tinham as companheiras do próprio grupo que cuidavam das crianças.

Alguns anos após a ocupação da fazenda Anoni, ela e sua família foram assentadas no Assentamento 16 de Março, onde fizeram uma associação no início e trabalhavam coletivamente. Mas hoje, decidiram pelo trabalho individual. Essa decisão, segundo ela, se deu devido a não conseguirem trabalhar com as diferenças que havia no grupo e o pouco conhecimento que estes tinham uns dos outros.

Após ela estar assentada esteve ativamente nos momentos importantes do MST como: encontro estadual e nos últimos congressos Nacionais. Participou de várias lutas, ocupações, ocupação de prédio, caminhada, marchas.

Antes de ser do MST tinham muito receio da polícia, mas, segundo ela, a necessidade e a falta da terra os fizeram entrar na luta. Também teve a contribuição das experiências de sua família, impulsionando-a a realizar encontros com o objetivo de defender os objetivos de criar melhores condições de vida.

Essa experiência de vida foi se aprofundando na luta pela terra, elevando sua compreensão de sujeito na prática real pela defesa da vida e das condições para sua realização. Ela em seu lote tem uma diversidade de sementes e plantas, árvores frutíferas, árvores nativas, erva - mate, muitas flores. É uma farta produção da subsistência. Produz alimentos para o Programa Fome Zero do Governo Federal.

Hoje, ela participa do balãozinho, do grupo de terceira idade, é da coordenação do Assentamento e direção regional do MST, na regional Roseli Nunes, antiga Regional Sarandi, Sarandi /RS.

## MARTA

Marta é uma senhora de cinqüenta e seis anos. Mãe de três filhos homens. Viúva. Natural de Ronda Alta. Brasileira assim como ela se denomina. Era muito mimada, e só trabalhava dentro de casa enquanto era solteira, só depois que casou foi trabalhar na roça. Casou-se com um homem de descendência italiana aos vinte e um anos e com vinte e três teve o primeiro filho. Nasceu na comunidade do Capitel, interior de Ronda Alta. Foi morar na comunidade de Subida Grande, interior de Ronda Alta / RS. Neste período, morava com a sogra e trabalhava na roça com o marido. Segundo ela, foi onde ela aprendeu a trabalhar na terra. Ela foi morar na comunidade Dona Carolina no interior de Ronda Alta/ RS. Com seu esposo aprendeu tudo o que era necessário para viver na roça.

Algum tempo após o casamento seu esposo a abandonou, e ela aceitou a separação porque ele bebia muito. Nessa fase de sua vida morava de agregada com um de seus irmãos numa casinha nos fundos da terra dele. Enquanto morava neste local, ela sobrevivia trabalhando de diarista e plantando as encostas dos rios onde os granjeiros não plantavam. Seu irmão vendeu a terra e foi morar noutra local e ela foi junto. Mas isto fez com que esta tomasse a decisão de lutar pelo seu pedaço de terra para ela e os filhos. Nesse momento de sua vida, ela rezava e pedia que se abrisse um caminho para ela.

Na casa de sua mãe, seu irmão a visitou e lhe informou sobre a ocupação da Anoni. Ele a incentivou e ela organizou suas coisas, juntou um pouco de comida, só o necessário, pegou um de seus filhos nos braços e o outro deixou com sua mãe, pois este estava em aula, e seu irmão a levou até o acampamento.

Chegaram ao acampamento e os acampados/as não queriam a deixar entrar, já haviam organizado um portão de entrada, mas ela falou que iria visitar uma familiar e entrou. Ali permaneceram uns três dias dormindo nas raízes de uma grande árvore; dormia com seu filho nos braços e acabou dividindo com os demais que estavam ali o pouco de comida que tinha. Após seu irmão trouxe lona. Aos poucos foi se organizando e fez seu barraco.

No acampamento, quando lhe perguntavam sobre seu companheiro, ela disfarçava e dava uma desculpa, mas não falava que estava sozinha, ficava com

medo que as pessoas se aproveitassem da situação. Para sobreviver trabalhava fazendo comida, lavando a roupa, limpando o barraco, puxando lenha para as pessoas que tinham alguma dificuldade de realizar suas tarefas. Após, quando ela se organizou mais, trouxe consigo a sua mãe e seu outro filho. Tinha que dar conta das tarefas do acampamento e das tarefas diárias; sua vida era bastante corrida, enfrentou muitas dificuldades, mas aos poucos foi vencendo.

Ainda no acampamento, sofreu algo que a marcou que foi em um dos confrontos, além de apanhar da polícia, um de seus filhos teve um dos olhos prejudicados pelas bombas de gás lacrimogêneo. Após um pouco mais de um ano saíram da ocupação e foram para a área/ gleba cinco. Lá ela construiu um barraco de madeira, fez galinheiro, estrebaria, banheiro, tudo de pau a pique. Pode fazer uma horta; tinha porco, galinha, vaca, plantava tudo para a sobrevivência.

Quando estava na área quinze, o INCRA desapropriou uma parte da Anoni que era chamado Fazenda Holandês. Ela foi uma das contempladas e foi assentada junto com mais trinta e quatro famílias. No assentamento Holandês, ela foi trabalhar numa associação que era grupo coletivo, e foi morar em uma das casas prontas que havia na fazenda. Num tempo depois, resolverem morar na agrovila. No assentamento, quando estava na associação, ela trabalhou na padaria dois anos, após de costureira. Na associação, com o passar do tempo as famílias não se acertaram. Ficaram apenas em sete famílias aí acabaram terminando a associação e foram trabalhar individualmente. Nesse período ela foi coordenadora das mulheres no assentamento.

Hoje, ela mora numa nova casa e esta casa é uma divisão que ela ganhou da associação. Mora com o filho mais novo e a nora e o netinho. Trabalha com gado leiteiro, e planta algumas culturas para a subsistência. Em seu lote existe bastante mata nativa, muita água, e ao redor de sua casa há árvores frutíferas, é um local agradável e muito belo. Hoje, ela contribui mais financeiramente com o MST do que com a própria presença, pois como trabalha com vaca de leite tem dificuldade de sair para as lutas fora do assentamento, pois é ela quem assume a parte de ordenha das vacas.

Percebi que ela é uma senhora que trabalha bastante, acorda cedo. Ela está com bastante dificuldade tanto financeira, como pessoal. Possui uma pertença muito forte em relação ao MST, mas interpreto que isso se dá em função da realização de

um objetivo de vida que era ter um pedaço de terra. Então, ela reconhece que isso se deu através de uma luta coletiva. E nos vários momentos que estive com ela, me afirma que se tivesse que fazer tudo o que fez para conquistar sua terra novamente o faria. Hoje, ela ajuda e apóia seu filho mais velho que acabou de ser assentado em Lagoa Vermelha/RS.

A luta que antes se dava num plano maior, hoje, se circunscreve a sua comunidade, onde ela é sócia e participa do grupo das mães.

## MARCOS

Marcos é um senhor de sessenta e sete anos. Magro, bem grisalho, alto, usa bigode, representa ter mais idade do que tem. Freqüentou a escola até a 5º série do ensino fundamental. É filho de pequenos agricultores, sua mãe professora de escola rural de descendência italiana e seu pai agricultor segundo ele “caboclo”. Compraram terra, que tinha sido desapropriada na antiga fazenda Sarandi /RS; morava na Comunidade da Linha Vitória, no interior do município de Ronda Alta / RS. Uma propriedade de sete hectares e meio, sendo que dava para trabalhar três hectares e o demais era tudo terra com pedra, plantava fora uns quatro hectares. Era ele quem era responsável pelo trabalho, pois seu pai era doente e desde cedo teve que trabalhar, com oito anos lavrava e plantava a terra. Antes sua família era de Garibaldi /RS. Até antes de ir para o acampamento morava com seus pais e sua irmã, ambos casados.

Foi acampar a partir do trabalho de base feito pelo padre de Ronda Alta. Seus pais não queriam que este fosse, mas acabou indo junto com outros companheiros e sua irmã.

Fez parte do acampamento de Palmeira das Missões/RS, e após foi para a ocupação dia 29 de outubro de 1985, onde ficou dezoito meses. Após foi para a área dezesseis. No acampamento foi coordenador de núcleo. Lá plantavam milho, soja, e

demais culturas para a subsistência. Permaneceu ali por seis meses. Após houve sorteio da área Holandês, que também pertencia a Anoni, e ele foi sorteado<sup>16</sup>

A área do assentamento Holandês, hoje Assentamento Novo Sarandi, era para ser uma área coletiva. Por isso, dois grupos foram sorteados, entre estes dois estava o grupo de seu Marcos que foi um dos contemplados com um lote no assentamento. Um tempo após, veio a sua esposa com seus filhos e estes iniciaram uma nova vida, agora, assentados em uma das primeiras áreas após o MST ser um movimento nacional.

Quando chegou colheram a soja que estava plantada e ficou muito emocionado, pois antes a terra era difícil de cultivar agora esta era toda cultivável. Organizaram-se em agrovila, e o trabalho foi distribuído por setores de trabalho, como por exemplo, produção, padaria, administração, educação.

No assentamento, este se organizou a partir das linhas do assentamento, que era coletivo e a luta era feita em rodízio, ou seja, todos tinham o dever participar e o assentamento possibilitava isso pela forma que se organizava, pois os demais levavam a frente a tarefa daquela pessoa que estaria na luta.

Hoje, Marcos vive maior parte do tempo em casa, mas participa de comunidade. Sua esposa é uma pessoa doente, pouco tempo atrás passou por uma ameaça de infarto; isso faz que ele esteja próximo de casa. Em casa junto do casal está o filho mais jovem, que mora com os pais para ajudar e cuidar. Os demais filhos estão casados. Tem problema de varizes, antes era ele que era responsável por sua lavoura, segundo ele, hoje não consegue mais. É uma pessoa que possui facilidade de se comunicar. Gosta de jogar bocha, mas devido a dor nos braços deixou: joga canastra como lazer. Na agrovila, sua casa esta rodeada de árvores, possui muitas plantas. Não gosta de cidade, “gosta de trabalhar na roça” como ele diz.

---

<sup>16</sup> Sorteio é a forma que os acampados usam para contemplar e dividir a terra (área no caso da Fazenda Anoni) entre as famílias.

## PEDRO

Pedro é um senhor com sessenta anos. Descendente de italianos. Filho de pequenos agricultores. Seus pais tiveram oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. Desde os oito anos trabalhou fora de casa de peão. É descendentes de Italianos de família católica. Trabalhou na sua juventude até a idade adulta em uma granja chamada Raquel em Rondinha /RS. Enquanto trabalhou nela, conheceu sua companheira com a qual casou e casou e tem uma filha.

Após, continuou o trabalho de peão mais sete anos. Quando estava neste trabalho, começou a participar de reuniões no Sindicato dos Trabalhadores Rurais que estavam organizando os sem – terra do município. Lá participou de algumas reuniões que faziam parte da organização de um acampamento para a ocupação de um latifúndio da região. No dia da ocupação da Fazenda Anoni, não foi junto com os demais, foi visitar seus amigos que estavam na ocupação e aí resolveu ir acampar. Recebeu o apoio de seu patrão que o incentivou a lutar um pedaço de terra.

No acampamento, foi coordenador de núcleo, seu grupo eram 26 famílias. As principais lutas que participou foram caminhadas, marchas e ocupações, como a da Ramada em Júlio de Castilhos/RS. Ficou acampado por um tempo e quando o acampamento foi dividido por áreas, ele com sua família foram para a área cinco. No começo o trabalho foi coletivo e por núcleo, a produção era organizada para ser dividida de acordo com a quantidade de pessoas de cada família e pelo tempo de trabalho destes.

O INCRA organizou os acampados para ocuparem a área; estes ocuparam à noite e pela manhã começaram a lavrar e plantar a área. Plantaram uma lavoura coletiva. No assentamento foram assentadas 35 famílias; seu Pedro estava entre estas. Ele, junto com as demais famílias assentadas se organizaram em uma associação, com 24 famílias, que moravam em agrovilas. Um dos objetivos da constituição desse assentamento era que este fosse modelo, fosse uma referência para os acampamentos e assentamentos. Trabalharam vários anos de forma coletiva, cooperada. A produção era de subsistência, gado leiteiro e grãos. Com o passar do tempo tiveram dificuldade de continuar junto, pois as famílias foram saindo

devido a uma série de problemas que aconteceram. Seu Pedro, junto com as demais famílias, fez a opção pelo trabalho individual.

Hoje, mora na agrovila com sua esposa; seu lote na agrovila é bastante arborizado, há bastante árvores de frutas e flores. Sua filha mora ao lado, com sua neta. Participa da comunidade. Neste momento, as moradias da agrovila estão passando por reformas, devido a uma conquista do MST, via Caixa Econômica Federal. Assim, como as demais a casa de seu Pedro passou por mudanças, o que vem a proporcionar ainda mais qualidade de vida aos assentados. Demonstra que ao fazer parte dessa experiência de acampamento possibilitou a ele descobrir seus direitos.

### **3.2 - Que elementos perpassam a vida dos sujeitos da Pesquisa**

É importante neste momento refletir sobre meu interesse por estes sujeitos da pesquisa. Não foi uma escolha aleatória. O pesquisador, ao decidir pelo que pesquisar, necessita também decidir sobre a representatividade dos sujeitos do universo para o qual pretende dirigir concretamente seus interesses. Este dirigir ocorre mediado pelos interesses do pesquisador e pela condição efetiva de cada pessoa, enquanto sujeito de pesquisa, no conjunto das relações no seio de sua coletividade da qual faz parte. Assim, selecionar esta representatividade implica selecionar “aqueles que participaram, viveram, presenciaram” situações relacionadas ao interesse do pesquisador (ALBERTI, 1990, p.14).

Ao trabalhar com as experiências de vida de cada um/uma, que é única e, ao mesmo tempo, coletiva, porque constitui relações sociais, notei histórias comuns nos quais eles se constituem como pessoas do MST. E mais do que isso, são idosos que trazem “marcas” vivas de experiência, de uma história que mudou as suas vidas.

Em relação à ocupação da Fazenda Anoni, a sua base social era formada por sujeitos sem – terra, filhos de pequenos agricultores, meeiros, arrendatários e vinham de uma realidade de muita pobreza e dificuldade. A maioria desses sujeitos eram casados/as e já tinham filhos/as. Moravam ou moraram com familiares antes de vir acampar. Eram filhos/as de camponeses/as.



Esse processo vivenciado provocou mudanças nestas pessoas, que, antes possuíam medo de falar. Agora, passam a se ver como sujeitos, com responsabilidades sobre si e sobre os demais do seu grupo e do conjunto do Movimento. Começam a olhar para suas histórias e ver que esta não é muito diferente da do companheiro/a que é do barraco ao lado e que seus sonhos se unem e formam um objetivo único, conquistar o sonho da terra. Um sonho até então negado, e que se torna a cada dia, a cada luta, uma realidade.

A luta começa a fazer parte da vida desses sujeitos que a vêem como um meio de uní-los, e, assim, terem mais força para atingir seus objetivos. É através dela, que estes se reconhecem como sujeitos históricos, vão se forjando como herdeiros/ continuadores da luta dos trabalhadores. Também é na luta, que estes vão tomando consciência, no sentido freireano:

[...] fazendo uma aproximação crítica da realidade [...] Esta tomada de consciência não é ainda a conscientização porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. [...] implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. (FREIRE, 1979, p. 15).

O acampamento, além de ser este espaço de tomada de consciência, é também um ambiente de construção de lideranças do MST; isso se constitui nos espaços de participação, ou seja, o núcleo, o enfrentamento com a polícia ou com o governo. Estes se constituem a partir da prática. Essa prática além de gerar reflexão, traz consigo uma nova postura frente ao mundo e frente às coisas, ou seja, eles produzem uma práxis entendida aqui como: “[...] Ação dos homens frente à matéria e a criação de uma nova realidade humanizadora” (VÁZQUEZ, 2007, p.265). Tudo isso faz com que estes assumam um compromisso com a luta e passem a cultivar uma nova identidade não mais de sem – terra subordinado, mas de Sem Terra sujeitos de seu processo histórico.

E neste sentido, a ocupação da fazenda Anoni não foi somente um momento de interesse pela terra, mas um espaço educativo que os investiu da materialidade concreta na luta pela vida e na defesa dos interesses coletivos. A partir dela, estes passaram a fazer parte de uma nova vivência que é o acampamento, junto com toda sua organicidade. Nesta realidade, gestam-se novas relações sociais, que

provocaram mudanças imediatas e mediatas em suas vidas. Eles desenvolveram o valor do companheirismo, esses novos valores nasceram do acampamento e da reprodução da vida.

O acampamento foi um espaço educativo, pois nele os sujeitos idosos/as puderam apreender a lutar em conjunto por seus objetivos. Também, puderam mostrar a sociedade que é possível a partir de novas relações sociais que permitem formas de organização baseadas na cooperação.

Por isso, estudar os idosos/a da antiga Fazenda Anoni permite trazer à tona para o conjunto da sociedade a importância que há em estudar o envelhecimento nos Movimentos Sociais, pois a partir dos idosos/as podemos analisar o movimento das relações sociais, suas contradições e, principalmente, fazer uma interpretação da realidade concreta, que permita intervir sobre ela.

Assim, concordo com Bosi (2004, p.18) quando ao falar sobre os idosos/as, afirma que eles/as: “são passado que se conserva e presente que se prepara [...] os velhos são guardiões do passado [...] a função social do velho unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir.” Foi por este motivo que escolhi estes idosos/as. Estes me permitiram unir o que foi com o que está sendo e assim posso trazer essa compreensão para sociedade e problematizar o momento presente e seus movimentos.

## **IV – O MOVIMENTO DO MOVIMENTO VISTO PELOS IDOSOS/AS**

Ao longo deste trabalho fui desenvolvendo uma linha metodológica para discutir o envelhecimento no MST. Primeiro busquei me apropriar de conceitos-chaves que embasam este trabalho sobre envelhecimento no MST, como: Trabalho, Movimentos Sociais e Geração. Seguindo este caminho, descrevi a história do Latifúndio e do MST desde o Brasil até o Rio Grande do Sul, chegando ao latifúndio Anoni e nos dois assentamentos 16 de Março em Pontão/RS e Novo Sarandi em Sarandi/RS. Depois, expliquei os procedimentos metodológicos da pesquisa e trouxe as histórias orais dos sujeitos idosos/as.

E agora parto de um conjunto de questões que já foram levantadas ao longo deste trabalho e busco nesta parte analisar como os Idosos/as se enxergam no Movimento e o que os movimenta dentro do MST, ou seja, como **“O movimento do Movimento é visto pelos idosos/as”**.

Para isso, vou destacar algumas categorias que emergiram durante a pesquisa de campo e que são fundamentais para este estudo no que diz respeito à formação destes idosos/as, sujeitos históricos do MST.

### **4.1 – Os Idosos/as no Movimento**

Nos assentamentos do MST, uma nova realidade começa chamar a atenção. O surgimento de um número cada vez maior de sujeitos idosos delinea um novo cenário. Essa realidade não é só no campo ou na cidade, mas na população brasileira em geral. Segundo dados do IBGE de 2006, 10,2% da população brasileira têm 60 anos ou mais, o que significa que, em cada 10 pessoas, uma é idosa. No total, encontramos hoje no Brasil mais de 19 milhões de pessoas idosas (IBGE, PNAD 2006).

Isso se percebe também naqueles/as que iniciaram a luta com quarenta anos ou mais, e hoje estão se tornando idosos/as. Homens e mulheres que construíram a

história do MST, que constituem este Movimento conhecido internacionalmente. Essa foi uma das constatações da pesquisa de campo realizada na antiga fazenda Anoni, nos Assentamentos Novo Sarandi/Sarandi - RS e 16 de Março/Pontão - RS.

Cabe aqui, refletir o significado dessa mudança e de como os idosos/as se inserem neste novo contexto nos assentamentos de Reforma Agrária. Pelo que constatei, tanto em minhas conversas, como nas observações com os idosos/as, sujeitos de minha pesquisa, essa realidade não traz muitas modificações no que se refere ao campo de tomada de decisões ou do planejamento da luta. Os idosos/as se encontram nos acampamentos e assentamentos inseridos dentro da organicidade do MST. Alguns participam ativamente nesta organicidade, outros nem tanto.

Em relação aos idosos/as pesquisados/as a ligação com o MST é forte, todos/as trazem em suas histórias essa pertença à organização e lhe dão um papel fundamental no que diz respeito o que estes são hoje, enquanto sujeitos. Sobre o MST em suas vidas eles/elas dizem o seguinte:

*[...] O Movimento é uma mudança na vida da gente. É a entidade assim que transforma este país [...] verdadeira vida, ser humano mesmo, essa política que tava aí atrás aí pra nós não serve [...] O Movimento foi em busca de uma nova vida prá nós, que o Movimento é nós mesmo. Uma nova sociedade tamo criando aos pouco e aos poucos estamos arrancando do governo. (João -60 anos)*

*[...] o que foi conseguido e sabido muitas coisas foi através do Movimento. [...] Tudo essas coisas que a gente descobriu. A descoberta de vários direitos foi com o Movimento. [...] (Pedro – 60 anos)*

*[...] pra mim o movimento foi a mió coisa que podia existir, porque se não fosse o movimento eu não sei onde eu andava, se eu existia ainda. Enfim, sabe lá, tinha que tá trabalhando de agregado, de empregado eu não quis mais, não dava. Foi o movimento foi que me tirou da situação péssima que eu existia, porque eu vivia. [...] (Paulo -62 anos)*

*[...] se tu vai olhá, hoje temo o que temo. E temo o que temo, o que temo na mesa, o que nós temo em roda de nós, o que nós usemo de dia - dia. Foi com a luta que nós tivemos e como Movimento. [...] Por que eu teve caso comigo com minhas colegas de nós reparti o mesmo colchão, o pedaço de pão que nós comia, o troquinho que nós tinha. É que nem uma família, uma irmandade. Eu me marcou. [...] Se eu tiver com você, você é do Movimento e eu sou do Movimento. Eu e tu tamo junto e vem a polícia, eu te defendo e você defende eu. É uma coisa que te marca, eu acho que um movimento é assim e se nós temo o que temo é isso aí. É muita amizade, é coisa que tu faz e tu não mede esforço por quem tu tá fazendo. (Marta – 56 anos)*

Com o passar dos anos, parece que uma postura nova se inseriu os idosos/as passaram a limitar seu espaço de atuação dentro dos assentamentos. Assim, é

interessante saber no que estes sujeitos idosos/as atuam e como é a sua inserção hoje na luta.

Para considerar isso, temos que mencionar rapidamente a importância da luta para a formação do sujeito Sem Terra. A perspectiva básica da luta é em relação as diferentes formas de mudar o estado das coisas, de fazer um enfrentamento a todas as formas de opressão, ou seja, colocar os sujeitos Sem Terra em movimento, como afirma Caldart (2000).

[...] Tudo se conquista com luta e a luta educa as pessoas. [...] Por isto, manter os sem – terra em estado de luta permanente é uma estratégia pedagógica mais contundente produzidas no Movimento. [...] mas talvez o principal seja entender como esta grande luta se traduz nas pequenas coisas, quer dizer, em cada ação cotidiana esta a marca da atitude de pressionar as circunstâncias para que elas sejam diferentes do que são. (CALDART, 2000, p.209)

Essa é uma das questões centrais no MST não deixar os sujeitos que o constituem entrarem em processo de acomodação, pois o MST sabe que é a partir da participação na luta social que as pessoas vão se constituindo sujeitos e formando consciência de seu papel histórico.

Contudo, evitar a acomodação nem sempre é fácil, pois a forma como estes idosos/as estão organizados dentro dos assentamentos pode contribuir para esta acomodação, ou também, a não participação da luta. Em relação aos sujeitos idosos/as pesquisados, de sete, apenas uma tem uma atuação mais intensa, ou seja, participa das instâncias do MST. Os demais participam internamente nos assentamentos ou esporadicamente em lutas do MST.

Nas atividades internas, participam da comunidade, das reuniões, das celebrações, das festas, ou como uma forma de luta, mantêm alguns elementos da cultura camponesa tradicional, como é o caso da produção de sementes crioulas e a diversidade de produção dentro de suas propriedades. Esta realidade está em processo de mudança, não só no mundo do agronegócio, mas também no contexto do Movimento. Em função da pressão para a produtividade, estes elementos da cultura camponesa aos poucos estão se modificando.

No diálogo com os sujeitos da pesquisa quando os instiguei sobre a participação na luta, estes disseram:

*[...] Não dá também [...] quando nois era acampado nós não tinha nada, não tinha uma vaca, um porco, não tinha uma galinha. Tu não tinha nada. Hoje, tem a tua terra, os bichedo de cuida, os filho vão cada um pro um rumo nê trabalhá. [...] Resto dois, começo dois e restô dois, começo dois e terminá com dois. É difícil nas lutas, tu i na luta, por que se tu saí como é sozinho ainda meio descaderado vai fazer tudo o trabalhos, um faz por um. É difícil, outro dia tinha a caminhada que fizemo última ali pra Coqueiro, mas é difícil. [...] Não sei a quantia, dá para dizer de tantas lutas que participei, inúmeras vezes, de assentada fui só eu, de acampada nois dois [...]. (Joana – 58)*

*[...] Sempre que pude ir eu não deixei de ir [...] a saúde já não é mais a mesma. Se tivesse saúde [...] Valeu a pena lutar Essa questão da luta eu não abriria mão, não só na questão da terra como outras. A terra é pra todo mundo não só para alguns poucos e outros nada. [...] Hoje tá mais difícil. [...] Aqui nois temo mais pra si as coisas, sei lá o pessoal acha difícil, sei lá, minha cabeça já não funciona mais. Nem todas as famílias pensam a mesma coisa. [...] não tenho mais saúde, tenho problema de saúde, tenho varizes, tenho umas horas da tarde que não güento. Eu tava dizendo, quando pude ir eu ia (Marcos -67 anos)*

*[...] O Movimento se a gente não pode ir a gente ajuda. A gente já não tem tanta saúde pra ir. Mas a gente sempre ajuda. O que eu posso continuo fazendo a mesma coisa. Em tudo que é necessidade que a gente pode ajuda, a gente ajuda. (Pedro -60 anos)*

*[...] eu parei de ir. Até hoje contribuo com o Movimento. [...] Eu sempre digo: que se eu fosse uma mulher mais nova, eu tivesse poder e eu tivesse coisa, eu continuava do jeito que eu era antigamente de ir nas reuniões. Eu ia não me importava se durava a semana inteira o curso ou um mês inteiro, eu não me importaria. [...] (Marta – 56 anos)*

Estes pronunciamentos dos participantes da pesquisa demonstram que a participação na luta na perspectiva clássica do MST está diminuindo com o avanço da idade. Isso poderia ser tanto por conta dos sujeitos, que não se percebem mais em condições de participar ativamente. Mas a diminuição poderia ser também porque os idosos não encontrem mais espaços adequados para eles dentro do próprio Movimento para participar na luta.

Trabalhando a questão biológica do envelhecimento percebi que o corpo humano sofre uma série de modificações com o passar dos anos e é preciso uma série de precauções com a saúde. Isso tem certamente um peso na participação de idosos/as nas lutas. São cuidados que, com o avanço da idade, precisam ser levados em conta, principalmente sobre certas atividades realizadas pelo MST, que podem representar para as pessoas idosas risco ou perigo.

Algumas atividades do MST, como ocupações, caminhadas, marchas, podem colocar em risco a saúde física das pessoas idosas, o que explicaria o seu

afastamento ou menor participação nessas atividades. Por falta de experiências com pessoas idosas, o MST geralmente não consegue pensar estes elementos específicos, mas que são importantes no conjunto do processo educativo de seus sujeitos. Com isso, os idosos/as geralmente permanecem internamente nos assentamentos. O segundo ponto presente nas falas dos idosos/as diz respeito ao posicionamento que o próprio MST assume a respeito dos seus membros mais velhos e que reflete aspectos da forma como as sociedades atuais tratam muitas vezes seus idosos, sugerindo certo “desengajamento” por parte do idoso (DEBERT, 2004). Assim, se propõe ao idoso descansar, diminuir o ritmo, acalmar-se e, principalmente, afastar-se da vida profissional.

De forma parecida, dentro do MST, a tarefa de ir para a luta ou estar nas lutas é vista geralmente como uma tarefa/ atividade para os jovens, enquanto os idosos chegam a afirmar que “*nós já fizemos a nossa parte*”. Em algumas situações presenciei esta mesma idéia vinda dos próprios integrantes da organização. Interpretando esta visão presente na sociedade ocidental, ela pode ser analisada a partir da teoria chamada “Teoria da Modernização” (Donald Cowgrill e Lowell Holmes, 1972): “A idéia central da Teoria da Modernização é que, nos países industrializados, aos idosos são reservados papéis de menos – valia e de menos status. A modernidade retirou do velho seu papel de guardião do conhecimento.” (VIDAL, 2005, p.23).

Olhando para os idosos/as dentro do MST, percebi o impacto deste pensamento. Basta olhar quem faz parte, hoje, da direção da organização ou quem são os principais militantes. Há uma minoria de idosos/as; não podemos quantificar e afirmar em números, pois a pesquisa feita se restringiu somente a dois Assentamentos, porém olhando para a configuração da atual direção do MST Estadual percebo a confirmação desta realidade. Há um bom tempo isso vem me chamando à atenção, desde quando iniciei os estudos sobre envelhecimento na graduação. De lá para cá, tenho observado os espaços disponíveis para os idosos/as no MST, quais as atividades que eles podem desenvolver. E foi assim que constatei que são poucos os espaços onde os idosos/as atuam, a maioria permanece em seus lotes e os poucos que participam vão nas mobilizações organizadas pelo MST, são vistos como referências, mas nem todos os espaços estão abertos para esta participação.

Na minha análise, isso se dá por dois motivos: Um diz respeito às condições objetivas, que é a mobilização geral dos sujeitos e não de sujeitos específicos; outro é que ainda não se consolidou o significado de uma participação de idosos/as dentro da organização. Para muitos integrantes permanece a visão da sociedade moderna que são os jovens que têm força, que tem maior mobilidade, por isso, se fomenta e incentiva esta participação ativa dos jovens. Essa visão traz uma consequência problemática, pois se não queremos a acomodação dos sujeitos idosos/as, ao mesmo tempo que não estamos abrindo espaços para eles e incentivando sua participação, estamos criando uma contradição entre o discurso da ativação dos idosos e a prática de não permitir participação ativa deles.

Não afirmo que o idoso/a não tenha um papel a desenvolver dentro da organização, mas como o MST é de certa forma um movimento jovem no que se refere aos seus sujeitos, esta idéia ainda não se enraizou. Neste sentido, a organização em relação aos idosos/as está em fase da sensibilização, ou o Movimento começa a dar-se conta da importância dos membros mais velhos, mas não há uma orientação política para isso. Esta questão é uma construção a ser feita, que envolve os sujeitos idosos/as que o compõe. Assim, como num certo período histórico a organização achou necessário estudar a infância, há pouco introduziu o estudo da juventude, em breve terá que ser a velhice pela própria realidade objetiva que se insere no MST.

Como afirma Caldart (2000): “A luta está na base da formação do sem – terra, e é a vivência nela que constitui o próprio ser do MST [...]” (CALDART, 2000, p. 209) A partir das colocações acima e desta citação, podemos fazer uma análise dos idosos/as e a luta, se é a luta que forma, se é estar em movimento, em ação, então como isso está acontecendo na formação dos idosos/as do MST? Esta idéia traz uma provocação que parece muito pertinente: se o Movimento não intenciona a participação dos idosos/as na luta, a sociedade capitalista conduz o idoso/a ao imobilismo, e é assim que se constituíram todas as formas de acomodação que o MST combate. Portanto, como quebrar este processo que já está em curso e construir um movimento inverso a esta visão acima?

Esta idéia, porém, não pode ser uma posição de algumas pessoas singulares que fazem parte da organização, mas deve ser uma posição que a organização tem que tomar, pois para o MST todos os sujeitos são importantes dentro de um



processo de construção social e formação de consciência. A partir disso, e do novo contexto do envelhecimento dos sujeitos nos assentamentos, é importante discutir qual é o papel do idoso/ a dentro da organização?

Também, é necessário discutir sobre o que significa um idosos/a participar da luta social dentro de um Movimento como o MST. O que isto provoca se olharmos para a formação humana deste idoso/a, que diferenças isso traz. Abrem-se aqui espaços interessantes e importantes, pois a perspectiva de educação do MST é algo que transforma o sujeito, mexe em sua existência. Em relação aos idosos, podemos perceber aqui espaços que ajudam os idosos/as a sair de uma condição individual (e recolhida), para continuar ou reconquistar suas relações com o Movimento, produzindo sonhos e utopias também para os membros mais velhos, como diz Caldart (2000, p. 213): “aprender que nada é impossível de mudar” (CALDART, 2000, p. 213).

Ao ler o Boletim de Educação N° 08 do MST, encontro exatamente isso que expressei acima, onde diz assim:

O que educa o Sem Terra é o próprio movimento de luta, suas contradições, enfrentamentos, conquistas e derrotas. A pedagogia da luta educa para uma postura diante da vida que é fundamental para a identidade de um lutador do povo: nada é impossível de mudar e quanto mais inconformado com o estado atual das coisas mais humana é a pessoa. O normal, o saudável, é estar em movimento, não parado. Os processos de transformação são os que fazem a história. (MST, 2001, p.22)

Há uma intencionalidade construída dentro do MST sobre a importância da luta social. Isso é fortemente trabalhado dentro dos setores da organização. É importante que isso seja intencionalizado também em processos onde estão presentes idosos/as, pois é um trabalho permanente que envolve todos os sujeitos em seus diferentes contextos.

Por isso, compreendo que a luta social é uma das coisas centrais se queremos trabalhar a formação humana dos idosos/as do MST. E se os idosos/as têm dificuldade de participar, temos que começar a pensar em novas formas de lutas que continuem fazendo estes exercerem a contestação e o enfrentamento, aonde estes sujeitos se insiram e se enxerguem dentro do processo de luta, pois em minha pesquisa constatei que, ao entrarem na luta eles passaram a se ver não mais como apenas trabalhadores rurais, mas como sujeitos capazes de se organizar e lutar

primeiro por suas necessidades e após para mudar a ordem das coisas. Para o Movimento cabe continuar a colocar os Sem Terra em movimento, em luta permanente.

#### **4.2 – “Do Fazer Fazendo”: Idosos do MST e o Trabalho**

Que é a vida, senão atividade?  
Marx (1818-1883)

Neste sub-capítulo quero refletir sobre o papel do trabalho na formação dos sujeitos idosos/as do MST. Como o trabalho se insere na vida deles? Que tipos de trabalhos eles desenvolvem? Como eles o percebem? Qual é o sentido do trabalho para os idosos/as? Que papel o trabalho assume na vida dos idosos/as? Qual a importância que estes dão ao trabalho?

Ao estudar a história do ser humano apreendi que o trabalho foi essencial para o seu desenvolvimento; foi a partir dele, que os homens e mulheres se humanizaram. Segundo Marx (1998), o trabalho é uma categoria - chave de análise das relações sociais de produção da sociedade. Analisando tais relações, Marx constatará que trabalho é um processo entre homem e natureza, ele transforma a natureza, que transforma o homem, e que transforma a si mesmo. Para o autor, o trabalho humano é o que visa um resultado útil, desenvolvendo ação e reflexão, é a produção do ser humano.

Segundo Marx (1998), o trabalho pode ser visto de dois lados: por um lado, o trabalho pode servir para libertar o homem para se humanizar; por outro lado, o trabalho também pode alienar e escravizar o homem. Qual dos dois lados prevalece depende, principalmente, das relações sociais de produção em uma determinada sociedade. Neste processo de análise, Marx vai estudar toda a construção destas relações sociais de produção nas diferentes sociedades, nos diferentes períodos históricos, se fixando e aprofundando o modo de produção capitalista. Para aquele autor, o trabalho no capitalismo é uma relação de exploração, pois o homem vende

sua força de trabalho, logo, o trabalho desta forma mutila, aliena. Um outro autor, historicamente mais próximo, Gramsci (1891 - 1937) usará a categoria trabalho como um princípio educativo, ou seja, matriz do ser humano. O trabalho é uma atividade teórica prática; este deve impulsionar a emancipação humana. Gramsci segue o pensamento de Marx, mas aprofunda esta compreensão introduzindo a filosofia da práxis.

Neste início, vou situar o trabalho dentro do capitalismo, pois é neste contexto das relações sociais de produção capitalista que farei a análise do processo educativo que acontece com os sujeitos idosos/as do MST. Trata-se de um processo cheio de contradição, pois o MST em sua prática insere o trabalho como matriz educativa numa perspectiva gramsciana, de libertar e não de alienar/ explorar o ser humano. Produzindo, assim, um movimento inverso as da sociedade.

Partindo da história do MST percebi que desde a primeira ação realizada houve esta intencionalidade, talvez no início não tão clara, mas que, aos poucos, tomou forma e ganhou corpo. Hoje, a questão assume uma centralidade quando se discute a formação do sujeito Sem Terra. A descoberta do trabalho como formador se deu por dois caminhos, um a partir da prática como dizem os Sem Terra “*do fazer fazendo*” e a outra, historicizando o trabalho. Este último se deu aos poucos e foi sendo fundamentado a partir de alguns autores, como Karl Marx (1818- 1883), Pistrak (1888 - 1940), Makarenko (1888 – 1939), Gramsci (1891 - 1937), os quais sistematizaram suas experiências em teorias que dão a centralidade ao trabalho.

Esses autores acima integram o embasamento teórico feito pelo MST para entender o trabalho e seu papel na formação humana. Assim, o Movimento conceitua o trabalho a partir desses autores.

Todo trabalho é educativo. [...] não existe trabalho que seja completamente deseducativo. Todo trabalho educa o sujeito, pelo menos, em alguma dimensão. O que acontece é que muitas vezes o trabalho é ao mesmo tempo educativo e deseducativo, quer dizer educa num lado e deseduca no outro (MST, 2005, p.92).

O trabalho nesta perspectiva toma uma dimensão de matriz onde segundo o MST (1996)

As pessoas se humanizam ou se desumanizam, através do trabalho e das relações sociais que estabelecem entre si no processo de produção material de sua existência [...] É o trabalho que nos diferencia de outros seres vivos. Através dele, de forma pessoal e coletiva, garantimos as condições objetivas de nossa qualidade de vida. O trabalhador se deseduca e se desumaniza ao ser desapropriado, desqualificado ou explorado em seu trabalho (MST, p.8 e 33).

Ainda relendo constatamos que: “[...] É o trabalho que gera valor; que nos identifica enquanto classe; e que é capaz de construir novas relações sociais e também novas consciências, tanto coletivas como pessoais” (MST, 1996, p 15).

A partir destes elementos sobre o trabalho que aponto, olhando para a realidade e para os sujeitos de minha pesquisa, posso dizer que estes trazem esta centralidade do trabalho em suas vidas. O trabalho, aparece desde o primeiro ao último contato que tive.

Essa importância que o trabalho assume na vida dos idosos/as me chamou a atenção quando iniciei o estudo sobre a história do latifúndio Anoni, ao qual pude constatar a ação transformadora do trabalho na formação dos sujeitos, pois toda a prática social desenvolvida, desde a organização das famílias para irem para o acampamento, a ocupação, o acampamento e depois o assentamento das famílias foram processos de intenso trabalho, uma grande produção de vida. Todos/as foram para o MST, num primeiro momento em busca de terra para trabalhar, e nesta perspectiva o trabalho está ligado as necessidades de sobrevivência. Todas estas práticas foram e são desenvolvidas dentro do MST como uma grande ação educativa. Isso não é óbvio. E nem é perceptível a todos. Mas, ao juntarmos isso às vivências que os sujeitos trazem quando entram no MST, podemos dizer que estes passam por um processo de formação humana. Este processo não estático, mas cheio de contradições como é a própria vida.

Neste sentido, é importante refletir a leitura que fiz sobre a inserção do trabalho na vida dos idosos/as pesquisados. Desde o início do trabalho de pesquisa, no primeiro contato com os idosos, observei a importância e como o trabalho se insere na vida dos sujeitos. Ao narrarem suas histórias, todos/as trazem essa questão do trabalho, contando-me que iniciaram muito cedo a trabalhar, como parte integrante de sua existência. Inicialmente, essa socialização do trabalho se insere na vida dos sujeitos pela família, que é o primeiro espaço onde ele começa a ser reproduzido e dividido entre os homens e as mulheres. Também dividem

socialmente o trabalho, entre manual e intelectual. E é o trabalho manual que está presente na maioria de suas falas e práticas, mas podemos ver este também como processo de reflexão. Em minha leitura o sujeito idoso/a não vê o trabalho manual como dimensão humana, mas como algo necessário a sua sobrevivência.

Ao longo das suas vidas estes idosos/as foram desenvolvendo diferentes tipos de trabalhos. Primeiramente, o trabalho familiar, organizado a partir da divisão sexual do trabalho, depois, com o passar dos anos, desenvolveram o trabalho individual. Ao fazerem parte da vivência e se inserirem no MST, exercitam o trabalho coletivo e o trabalho comunitário, o que faz este sujeito experimentar outras dimensões, ou seja, outras relações sociais serão produzidas no interior desses espaços que são distintas do que é dado pela sociedade capitalista. Este será uma das contribuições na formação desses sujeitos idosos/as.

A partir dessa nova formação, todos/as trazem um valor para o trabalho, pra alguns, o trabalho é altamente positivo, chega a ser algo que os impulsiona o viver como é o caso de seu João (60 anos) que fala assim: *“Trabalho é a vida. A gente trabalhando, a gente ocupa a mente”*.

Fui observando e captando as concepções que os sujeitos idosos/as produziram acerca do trabalho como este está ligado à produção da existência e como, em todos os casos, se liga à sobrevivência.

Uma outra constatação foi que todos/as dão ênfase ao trabalho como uma atividade prática, permanente, cotidiana. Nas observações que realizei percebi que todos/as estão profundamente emersos nessa atividade, alguns o vêem assim:

*Desde os cinco anos, trabalhei. [...] O trabalho é super importante, muito importante o trabalho. Eu acho que tem que trabalhar. Como tu vê hoje, o povo não que trabalhar, má um monte de gente que não quer nada com nada. E aí depois quando tu te pega num trabalho aí tu caí na depressão, por que tu não tá acostumado na lida, no trabalho, no esforço. Aí tu já corre na Assistência, um encosto, um auxílio não sei aonde, eu não sou contra isso também, nem contra o que acontece com a pessoa, tem uma coisa que vem do fundo que vem da família. Eu criei a minha família, graças a Deus, tudo trabalhador. [...] Tudo trabalham. Todos eles trabalham. (Joana – 58 anos)*

Há duas coisas importantes nesta fala que merecem ser analisadas. O primeiro aspecto a respeito ao trabalho como produção da existência, e isso está ligado à importância e centralidade que Joana dá ao trabalho na sua vida como algo

que lhe foi ensinado, que vem da família. Sabemos muito bem que ele é um processo socializado entre os humanos e, dependendo do meio em que o sujeito está, poderá libertar ou alienar. O segundo aspecto é a respeito do trabalho como algo sofrido, pesado, duro. Esta constatação está presente no sentido etmológico da palavra trabalho, que é:

[...] Trabalhar tem sua origem etmológica no vocabulário latino (Machado, 1959, v.2, p.1790), “tripaliare”, que significa “torturar” com o “tripaliu”, este de “tripalis”, derivado de três palus, pois aquele instrumento de tortura, o “tripaliu”, era formado por três paus. Desta maneira, trabalhar é ser torturado, [...] (TRIVIÑOS, 1984, p.53)

Este sentido de “esforço” que Joana dá ao trabalho é como é visto por muitas pessoas. Assim, numa atividade criadora, o trabalho passa a ser um castigo divino e está ligado a uma linha de pensamento, que vê no trabalho uma forma de opressão no sentido freireano.

Nesta outra fala de Joana que segue abaixo, podemos observar qual o sentido do trabalho, que ela atribui como algo que “não faz mal”, “só faz bem”. O que será ela que quer dizer com o “faz bem” olhando para sua narrativa o que podemos interpretar?

*[...] Se eu trabalhei desde pequena, tô aqui ainda forte, tenho energia força, tenho vontade de trabalha. Nenhum trabalho faz mal! Nenhum trabalho faz mal! Só faz bem e ajuda pra saúde. Pode pegar uma pessoa de idade pra ver, pode entrevista pra você vê. No caso veve, mais, dura mais. Uma pessoa que trabalha, que tá em movimento tem assim, muito mais saúde. Eu acho que sim. Tu tem um certo desgaste nê, de fazer força do que não pode. Que nem a gente trabalhava lá fora, cortava trigo de foicinha, cortava soja de foicinha, e daí você nas ladeiras tinha que se afirma dois, três passo pra traz, afirma o corpo prá tu ergue doze feixe de trigo. Você cortava amarrava os feixinho, depois amarrava os feixinho de trigo para não cair e não despencar das costas da gente. [...] Isso é um desgaste que a gente tem de um tempo atrás. [...] Acho bom trabalhar. É bom, isso aí faz bem a saúde, não fora do limite, nem exploração. Por que eu já trabalhei fora do limite e muito nê. O tempo que eu trabalhei lá fora no meus patrões. Agradeço eles hoje, por que aprendi a trabalha com eles. Mas só que eu trabalhei muito, eu com quinze ano, trabalha com boi, lavra, planta, de tudo. [...] Eu sei que sofri bastante. Não me arrependo de ter aprendido o que aprendi. Só que eu não precisava ter sofrido como sofri. As famílias eram grandes. (Joana – 58 anos)*

Entendo que o sentido dado ao trabalho não é o da alienação, tanto que chega a afirmar que este não pode ser exploração. O trabalho ao qual ela se refere é aquele que está ligado à atividade física, às atividades manuais, como se vê nas

suas falas, seus exemplos. Por isso mesmo, ela destacando o aspecto penoso do trabalho, consigo observar a reflexão de Joana a respeito do trabalho e à forma como este se o insere em sua vida. Esta narrativa demonstra seu movimento formativo, onde ela o vê. Primeiramente, como algo árduo, duro, difícil, mas que ao longo de sua vida e com as diferentes vivências pode transformar o sujeito, revelando, assim, o sentido ontológico.

Percebi na fala de Joana o que Antunes (2005) chama **Os Sentidos do Trabalho**. Segundo ele, o trabalho tem dois sentidos, o estruturante do trabalho vivo, e o sentido des (estruturante) do trabalho abstrato. Para o autor o trabalho estruturante é aquele que emancipa e o des (estruturante) é o que aliena. Nesta fala acima, aparecem os dois sentidos do trabalho. O que Joana aponta é aquele trabalho no sentido estruturante, que poderia se chamar de emancipação humana. Assim a ênfase no que será o trabalho como uma prática que não deve ser vista como árdua, mas como algo que faz parte da vida, tendo-se o cuidado, ao falar de trabalho que produz vida, como aquele que sua prática gera a reflexão, permite segundo Antunes reestruturar o ser social. (ANTUNES, 2005, p.182)

A partir da fala de Joana, percebo o valor que o trabalho manual adquire na vida dos idosos/as. Ele se fundamenta como atividade física que gera saúde, promove vida e também, como uma das dimensões fundamentais na vida dos camponeses idosos/as.

*[...] Acordemo cinco horas da manhã, seis e meia por ali, tomemo chimarrão. Sequemo a chaleira no fogão e vamo faze o serviço. [...] imo pro batente seis e meia, sete no máximo, se estraviemo. Vamo pra roça, ontem, puxemo um monte de mio de carroça. As vez não dá tempo nem de briga. [...] Sou feliz, graças a Deus que posso trabalhar, tenho saúde ainda pra trabalha. Deus me livre que eu não tiver mais, daí eu disse brincando eu digo: me arrastem para um lugar. É triste não poder trabalhar. Eu gosto de trabalha, eu gosto. [...] Desde moço, trabalha é bom pra saúde. trabalha não mata ninguém. ( João – 60 e Clara - 58)*

Em outro trecho da fala, se produz uma outra concepção de trabalho, como algo prazeroso, que provoca bem estar, que faz as pessoas se sentirem vivas, é assim que interpreto a fala de seu Marcos, algo que o transforma. Isso é explícito na maneira alegre que vai me narrando. Seus olhos ao falar de trabalho brilham, sua boca se abre para um sorriso, é como se este me afirmasse, o trabalho me faz viver. Exemplifico isso nesta fala:

*[...] Meu divertimento é trabalhá. [...] Agora, to indo pouco. [...] Ultimamente tenho ido pouco. Lá na lavoura, coisa de formiga e coisarada era só tudo eu que cuidava. [...] Hoje, eu já não gũento mais faze isso, mas o trabalho me faz falta. Eu sinto falta de trabalha. Eu quando trabalhava passava os dias mais fácil. [...]* (Marcos – 67anos)

Os idosos vêem o trabalho como algo central em suas vidas, e o que os move a viver.

A partir destas observações, é importante olhar para o trabalho no envelhecimento, justamente, para perceber como este forjou estes sujeitos, como se dá seu processo de formação e quais as relações que o trabalho estabelece no seio da nossa na sociedade atual. Perceber o trabalho como um processo de formação que tem se movimentado ao longo dos diferentes sociedades e períodos históricos. Perceber o trabalho em suas características formativas permitirá um aprofundamento de nossa compreensão da formação dos sujeitos idosos/as.

#### **4. 3 – A Comunidade e os Idosos/as**

*“Achavam-se agrupados e presos a terra por uma raiz comum, como uma moita de bambu. E como esse vegetal, inclinavam-se e dobravam-se. Mas, sobreviviam às maiores tempestades.” Morris West, O Embaixador, 1985. (Consulta Popular, 2000, p.18)*

Poderia iniciar este texto refletindo o que significa envelhecer num assentamento. Há diferenças que mereçam ser analisadas? Quais? Por quê?

Quando me propus, na defesa do projeto, ir a campo e me entranhar na realidade o significado das relações comunitárias como uma das dimensões que compõem a formação do sujeito idoso/a, tinha como objetivo compreender esta especificidade, ou seja, captar o envelhecer dentro de um assentamento de Reforma Agrária, dentro de uma realidade distinta que é o MST. Para isso, organizei meu trabalho a partir de alguns eixos ou temas, sendo a comunidade um deles com a



finalidade de confrontar a teoria e a prática dos sujeitos que compõem o MST e as socializações que estes vivenciam neste contexto.

A comunidade adquire diferentes sentidos dependendo do contexto em que estamos inseridos. Pode ser desde um grupo de família, ou um bairro como exemplo, uma associação de moradores, ou como estou trabalhando nesta dissertação, o assentamento, a comunidade camponesa.

[...] A comunidade é um elemento central no modo de vida camponês. [...] Na comunidade há espaço de festa, do jogo, da religiosidade, do esporte, da organização, da solução dos conflitos, das expressões culturais, das datas significativas, do aprendizado comum, da troca de experiência, da expressão da diversidade, da política e gestão de poder, da celebração de vida (aniversários) e da convivência com a morte (ritualidade dos funerais). Tudo adquire significado e todos têm importância na comunidade camponesa. Nas comunidades camponesas as individualidades têm espaço. As que contrastam com o senso comum, encontram meio de influir. Os discretos são notados. Não há anonimato na comunidade camponesa. Todos se conhecem. As relações de parentesco e vizinhança adquirem um papel determinante nas relações sociais do mundo camponês. Nisto se distingue profundamente das formas urbanas e suas mais variadas formas de expressões. (GÖRGEN, 2004, p.13)

Quando estou trabalhando com a comunidade vou situá-lo a partir de Fernandes (2006), “[...] compreendendo-o como território. O que significa entendê-lo como um espaço de vida, um espaço geográfico onde se realiza a existência humana” (FERNANDES, 2006, p.28-29). Espaço de relações sociais de reprodução da existência, que se insere, neste caso, o MST e seus sujeitos em novas experiências e vivências culturais e educativas.

O MST insere os sujeitos em uma comunidade; isto acontece num primeiro momento no acampamento, que acaba sendo um o espaço privilegiado de vivenciar novas relações sociais. É no território do acampamento que, inicialmente, os sujeitos sem – terra experimentam novos valores morais e éticos como, por exemplo, a solidariedade, a indignação, o companheirismo. É nele também que irão se confrontar o individual e o coletivo, tensão permanente na formação desses sujeitos. É nesse espaço que se situa o que tenho chamado de “conversão provisória” (Capítulo 1), um tensionamento entre o individual e o coletivo. Mas estas relações comunitárias se estenderão ao assentamento, que será um espaço em que serão disputados projetos e ideologias. E nisto Marx e Engels estavam certos quando afirmou no **Manifesto Comunista em 1848**: “As idéias governantes de cada época

sempre foram as idéias da classe governante.” (MARX e ENGELS, 1997, p 42). Minha concordância se confirma, mais uma vez, em obra de Max (1983), quando este afirma que:

[...] na produção social, os homens constroem determinadas relações necessárias e independente de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma fase do desenvolvimento econômico das forças produtivas materiais. [...]. (MARX, 1983, p 24).

As relações comunitárias no assentamento se inserem no contexto da sociedade capitalista. O MST busca, desde o momento em que assenta as famílias acampadas, fazer uma contra posição ao modelo econômico, algo desafiador e contraditório, já que o MST se cria e se consolida dentro desta realidade.

O MST compreende que as relações sociais que se estabelecem dentro do capitalismo não produzem sujeitos autônomos, pelo contrário, as relações sociais produzem sujeitos submissos ao sistema vigente. Por isso, as práticas dessa organização social buscam esta contraposição, pois o MST consegue ter clareza de que “não é a consciência social que determina seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social que determina a consciência” (MARX, 2003, p. 05) e a partir disso, pretende criar um espaço dentro dos assentamentos que desenvolva essas relações comunitárias e assim dar as condições objetivas para esta formação da consciência emancipadora.

Como trabalhou Paulo Freire em Santiago do Chile, em 1968, no texto “**Ação cultural e reforma agrária**”, refletindo o significado deste processo de construção dos assentamentos, discutindo que se deve tomar cuidado quando apenas trocamos a estrutura do latifúndio pelo assentamento, pois somente mudar os sujeitos não basta é preciso mudar a estrutura, as relações. Segundo Freire, (1982) é importante inibir o poder da “cultura do silêncio”, como ele chama este processo. Pois, mesmo vivendo em condições favoráveis a ser mais, nos apegamos ao modo antigo, aqui no caso, à opressão, uma situação nociva às novas relações sociais que se estabelecem nesta realidade. Em relação a isso, Freire nos diz:

Para que se esgote o seu poder inibidor é necessário que as novas relações humanas, características da estrutura recém – instaurada e baseadas numa realidade material diferente, sejam capaz de criar um estilo de vida radicalmente oposto ao anterior. (FREIRE, 1982, p.33)

Esta reflexão é fundamental para compreender que não basta só fazer assentamento, que é preciso construir situações, formas de organização social que inibam ou que contraponham as relações sociais capitalistas. Este aspecto é uma tensão permanente nos assentamentos, pois a forma como ele é organizado ou reproduz o sistema ou fará esta contraposição.

Foi neste espaço que realizei minha pesquisa, um território não isento das relações sociais de produção capitalista, como Marx afirmou. Mas o MST busca dentro dessas comunidades desenvolver novas formas de organização social e política, pois entende que há necessidade de transformar as relações sociais de produção.

A comunidade acaba sendo este território que permite as “conversões provisórias”. No entanto, dadas as condições objetivas do assentamento, existe uma tendência do retorno ao modo antigo, e a reproduzir velhas relações sociais, interrompendo o processo de transformação da consciência iniciado pela modificação da estrutura. E os idosos/as da pesquisas ao falarem da comunidade dizem: “[...] hoje as pessoas estão mais para si, [...]” (Marcos - 67).

*[...] Agora, hoje é diferente. Hoje é individualismo mesmo. Dividualismo mesmo, cada um prá si, se um pude fura o olho do outro fura. [...] Eu acho que aconteceu foi a ganância. Teve muitas pessoas que entrou aqui sem nada aqui pior do que eu. E, hoje, tem a casa mobiliada melhor do que eu capital tem tudo. Isso foi a ganância. Assim a ganância e como dizer eu quero prá mim e os outros que se danem. Hoje nos temo como temo foi a ganância o orgulho das pessoas. (Marta -56 anos)*

A comunidade é um dos muitos espaços de socialização que existe dentro dos assentamentos de reforma Agrária, pois ela assume um papel de desenvolver novos valores e construir novos hábitos. Desde o início do processo organizativo dos Sem Terra, o viver comunitário assume uma dimensão também educativa.

Algumas das reflexões que trago constituem numa interpretação que quando o MST concebe os assentamentos de Reforma agrária, a organização e os sujeitos não fazem uma reflexão de que este espaço é um lugar onde os Sem Terra envelhecerão e que desde o início é importante pensar sobre isso. A grande parte dos que se organizam para acampar é jovem e o que prevalece é o pensamento hegemônico ocidental. Para este, envelhecer é algo distante e não que é um

processo que faz parte da vida dos sujeitos e que deve ser pensado dentro da dimensão da construção deste espaço sócio - educativo. Para o pensamento hegemônico que se constitui sobre a base das relações contraditórias entre trabalho e capital, o/a idoso/a é uma mercadoria que já perdeu o prazo de validade para o trabalho. O MST precisa enfrentar esta questão.

Por isso, a comunidade nesta perspectiva assume essa função é um espaço que pode fazer o contraponto no que diz respeito às relações sociais de opressão. O desafio que permanece é inverter a lógica da “cultura do Silêncio” e produzir uma cultura de resistência, que leve os diferentes sujeitos, inclusive os idosos/as a socializar suas relações numa perspectiva freireana de libertação. Aprender com milhares de anos de cultura dos povos indígenas em que o Conselho dos Anciãos tem um lugar de destaque, pode ser um caminho para enfrentar a questão dentro do Movimento.

## **Considerações Finais**

Não encerrarei este trabalho, pois o finalizo com dúvidas e questões não respondidas, mas isso não me deixa insatisfeita. Ao contrário, me instiga a estudar e aprofundar mais esta temática do envelhecimento dos sujeitos idosos/as do MST, me aponta que isso é consequência da pesquisa, do próprio movimento formativo que ela produz no ser humano. Como afirma Freire (1983), a pesquisa produz nos sujeitos uma “curiosidade epistemológica”. E depois que ela começa a fazer parte da vida de um pesquisador, torna-se intrínseca a ele e, como alguns dizem: torna-se uma postura de vida, que quando exercida com um compromisso social (FREIRE, 1983), tem um papel formativo e transformador, tanto do sujeito, quanto da realidade em que este estiver inserido, contribui para que este qualifique sua prática social.

Assim, apontarei algumas considerações que não são conclusivas, pois seria a meu ver arrogância apontar conclusões, já que a realidade é movimento. Logo, poderia me equivocar ao fazer isso.

Isso post, após este estudo, que foi um grande desafio compreender não só os idosos/as do MST dos Assentamentos Novo Sarandi e 16 de Março, mas entender um pouco mais sobre os sujeitos humanos, cheguei a algumas constatações, contribuições, desafios, aprendizados e saudades desse processo intenso vivido nestes últimos dois anos.

## **Constatações**

As constatações que obtive ao longo desse processo que se centrou na pesquisa dos idosos do MST são:

- 1 - Há uma falta de estudos sobre o processo de formação/ educação dos idosos do campo dos Movimentos Sociais. Este é público importante de ser estudado na atualidade, para se compreender como se formam os diferentes sujeitos que compõem essas as organizações sociais. Durante a pesquisa tive dificuldade neste sentido, as poucas pesquisas que encontrei estavam voltadas para

as ciências sociais, sobre o processo educativo não encontrei nenhum material no que se refere aos idosos/as do MST. Os idosos/as estão quase que esquecidos, não têm uma função social, não se tem nada de formativo direcionado a eles nos assentamentos. O que há são grupos de convivência ligados a prefeitura municipal, mas com o objetivo somente de lazer e alguma atividade mais relacionada à saúde. Porém, algo realizado com conteúdo político ideológico do MST, não há nada pensado para eles/as. Em alguns momentos parece que estes estão fora do processo político do Assentamento.

2 - Observei um desprezo ao potencial produtivo e organizativo dos idosos/as. Isso revela uma visão muito economicista e utilitarista do ser humano. O que quero dizer com essa constatação? O MST se distingue pouco da sociedade atual, em seu meio, em relação ao trato dos idosos/as, reproduzem-se as mesmas relações da sociedade atual. Isso percebi na realidade pesquisada. Na verdade, os diferentes sujeitos idosos/as que pesquisei carregam consigo inúmeras potencialidades. Porém, o MST não consegue canalizar isso para fazer avançar a luta dos trabalhadores. Essas potencialidades vão, desde a experiência acumulada de diferentes momentos vividos na luta de classe, até entender as questões subjetivas e objetivas que perpassam o processo de envelhecer para uma organização como o MST que também envelhece. A meu ver, seria importante agregar esses processos de envelhecer vividos pelo sujeitos que constituem o Movimento e o processo que a organização vive ao envelhecer, entendendo a dialética de ambos os processos, que em minha compreensão, são situações importantes de formação.

3 - Também, percebi uma falta de “visibilidade” dos idosos/as nos dois assentamentos. O que estou dizendo por “visibilidade”? Em ambos os assentamentos, os idosos/as, se constituem como parte do assentamento. Contudo, precisaria ter algo relacionado à formação para estes idosos/as para que estes não fortaleçam o que Paulo Freire (1982) apontou como “Cultura do Silêncio”, ou seja, a cultura da opressão. Os assentamentos têm como tarefa não somente em relação aos idosos/as, mas ao conjunto dos sujeitos que ali produzem sua existência, produzir novas relações sociais e não fortalecer ou reativar relações de dominação/opressão. Em relação aos idosos/as é necessário esta visibilidade, pois em suas práticas cotidianas estes trazem grandes lições tanto ao assentamento no sentido de enfrentamento e resistência ao modelo de agricultura atual, quanto ao MST e à

sociedade que tem muito a apreender com a forma com que estes camponeses idosos/as se relacionam com o mundo e com a natureza que está a sua volta. E assim permanecem algumas questões que são: como inserir estes idosos/as nos espaços de participação? Como instigá-los a participar da luta? Ou, como olhar e valorizar essa luta que os idosos/as travam dentro dos assentamentos, por exemplo, preservando as sementes, as espécies? Quando falamos em papel do idoso/a não deveríamos pensar nisto, de forma exclusiva, pois cuidar, proteger, manter vivas as informações não é tarefa somente dos idosos/as, mas de todos. Porém, os idosos possuem esta especificidade a partir da sua experiência de vida. Outras alternativas possíveis estaria relacionada à cultural ou às inúmeras coisas que estes idosos/as poderiam fazer e, ao mesmo tempo este processo poderia inserí-los novamente nos espaços de participação.

4 - Por fim, neste item das constatações quero trazer a descoberta de uma categoria que denominei “conversão provisória”. Esta é uma categoria importante a ser problematizada no contexto das relações sociais que se estabelecem na realidade de assentamentos e acampamentos do MST. O MST não é uma “bolha asséptica”, mas está emerso em relações capitalistas, por isso, é atravessado por contradição. Isso quer dizer que em seu meio há situações que provocam transformações, são processos transitórios que chamo de “conversões provisórias”. Denomino assim, as situações em que os sujeitos experimentam e vivenciam nas relações sociais e no jeito do MST fazer o processo de inserção na luta social. São situações importantes no processo de formação humana destes sujeitos Sem Terra. No entanto, essas “conversões provisórias” são socializações que se realizam dentro da realidade capitalista. Esse processo tem como objetivo projetar o “novo” no seio do “velho” uma das frases célebres de Marx. Essa “conversão provisória” assume um papel importante na reprodução de novas relações sociais como contraposição a à realidade atual. Contudo, num dado momento, ela pode deixar de ter essa força e perder este potencial, voltando a reproduzir as relações sociais capitalistas.

Neste sentido, é importante trazer estes elementos que fizeram parte dessa pesquisa sobre o envelhecimento no MST, pois tanto o trabalho como a luta social e as relações comunitárias são chaves para entender como se dão estas “conversões provisórias”. Estes elementos chaves, trabalho, luta social, relações comunitárias são, ao mesmo tempo, os que unem e propiciam o elo que garante a formação

humana dos sujeitos idosos/as Sem Terra. Dialeticamente falando, levam o sujeito idoso/a novamente a sua antiga condição individual, deixando como poderia dizer “arranhões” na formação humana desses sujeitos, mas não os transformando por inteiro, já que estão em uma estrutura social capitalista onde que o centro é o individuo e não a coletivo. Um outro aspecto desta categoria é o que diz respeito a outros espaços e experiências do sujeito Sem Terra. O acampamento é o espaço privilegiado para provocar a “conversão provisória”, mas esta se reproduz em outros espaços, como por exemplo, na vivência do processo de escola realizado no MST no ITERRA (Instituto Técnico de Pesquisa na Reforma Agrária), ou seja, ela permite entender ou refletir sobre os obstáculos para a transformação radical das relações de opressão. Em um outro momento é preciso aprofundar os estudos sobre a ocorrência de “conversões provisórias” em outros espaços, que não cabem ser feitos agora.

## **Contribuições**

Inicialmente começaria dizendo que essa pesquisa é uma das contribuições para com a sociedade e para com a classe trabalhadora, pois serve não só como sensibilização, mas como demonstração da importância de estudar a formação dos sujeitos idosos/as do MST. Ou seja, sujeitos históricos que constituem esse movimento conhecido internacionalmente.

Em, segundo lugar, justificar a inserção de um componente curricular Envelhecimento e educação no curso de Licenciatura convênio UNB (Universidade de Brasília) e MST.

Em terceiro, propiciou a sensibilização e problematização da temática idoso e envelhecimento no MST, nos diferentes espaços de participação da pesquisadora. Mesmo que o conjunto do MST não tenha ainda essa consciência coletiva ou esta compreensão, alguns dirigentes começam a discutir essa temática do envelhecimento, pelo que observei. Por enquanto, isso ainda não acontece nas instâncias deliberativas, mas em espaços informais. Com isso, abrem-se alguns questionamentos feitos pelos dirigentes e que considero relevante colocar aqui:



como o MST organiza o assentamento para a velhice? Quais são os espaços de socialização que os idosos/as têm hoje? Uma discussão que começa a aparecer lentamente, mas logo, ganhará força pela relevância que esta temática vem produzindo na atualidade.

Por fim, mostrou a importância da memória social que estes idosos/as produzem para o conjunto de uma organização como o MST. Neste sentido os valorizando-os e valorizando a própria história da organização.

## **Desafios**

Apontarei quatro desafios que, a meu ver, se configuram e permanecem a partir dessa pesquisa:

- Estudar os idosos/as do MST.
- Aprofundar o papel da “conversão provisória” no sujeito idoso/a Sem Terra.
- Problematizar internamente e externamente a temática do Idoso/a e do Envelhecimento no MST.
- Socializar com os sujeitos pesquisados e com a classe trabalhadora o conhecimento adquirido ao fazer este processo de pesquisa.

## **Aprendizados e saudades**

Ao sintetizar o significado que foi este processo vivenciado nestes dois anos diria que é um processo de formação humana, pois mexe com nossa concepção de mundo, com nossas convicções, nos coloca em conflito, principalmente, quando confrontamos a visão do possível com o real. Esse sentimento que mistura de dor e alegria causa em ambos os sujeitos, pesquisadora e idosos/as, um processo de

identificação. Não só de classe ou de movimento social, mas uma identificação de jeito/formas de como vamos produzindo nossa existência neste mundo cheio de adversidades. Jeito como vivemos, sonhamos, ou seja, a intensidade que vamos dando a cada situação vivida em nossa existência. Como os sujeitos se relacionam com a terra e como isso é reaprendido pela pesquisadora em cada encontro, em cada prática vivida junto com os sujeitos idosos/as.

Hoje, como já afirmei em meu primeiro trabalho com idosos/as do MST, faço uma releitura sobre o que compreendo por envelhecer. Nesta pesquisa, o elemento novo que se agrega é o movimento que vem se constituindo em minha formação humana, o que me leva a olhar para realidade cada vez mais convicta de que a nossa inconclusão e nosso inacabamento produz um ser humano cheio de possibilidades e potencialidades, é aqui que nasce a esperança e com ela, a necessidade de transformação.

Assim, não concluo como afirmo no início deste texto. O mesmo fica em aberto, como é o meu processo de formação. A realização deste trabalho foi uma batalha que venci pelas mais distintas adversidades que enfrentei ao realizá-la. Acredito ser este o real sentido da formação, não só nos desafiar a estudar, mas vivenciar o movimento e contradições que este processo nos provoca diariamente, e assim, esta pesquisa foi uma possibilidade concreta disso.

## REFERENCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre afirmação e a negação do trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2003.

ARROYO, Miguel. Trabalho – Educação e Teoria pedagógica. IN: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.) **Educação e crise do trabalho**: Perspectiva de Final de Século. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 138 -165.

AQUINO, Rubin Santos Leão de [et al.]. **Sociedade brasileira**: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARROS, Miriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v.1.

\_\_\_\_\_. **A velhice**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970. v 2.

BOGO, Ademar; **O MST e a cultura**. Caderno de Formação n. 34, São Paulo: MST, 2000.

BONAMIGO, Carlos Antônio. **Pra mim foi uma escola...** O Princípio educativo do trabalho cooperativo. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogias que brotam da terra:** Um estudo de práticas educativas no campo. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: IN: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e sociedade.** Coleção vivacidade, Campinas: Papirus, 1999. P, 11- 40.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da bemória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê, 2003.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CALDART, Roseli Salete. **A Pedagogia do Movimento Sem Terra é mais que escola.** Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. Elementos para a Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Azevedo de (Org.). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo.** Coleção Por uma Educação do Campo. n. 5. Brasília: Articulação Nacional por uma educação do Campo, 2004. p. 13-52.

CAMARANO, Ana M. Envelhecimento da população brasileira: Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 58 – 71.

\_\_\_\_\_. **Muito além dos sessenta:** Os novos Idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

CURY, Carlos R. **Educação e contradição.** 7. ed. São Paulo: Cortez 2000.

DEBERT, Guita Grin. A Construção e a Reconstrução da velhice: Família, Classe Social e Etnia. IN: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (Org.). **Velhice e sociedade**, Campinas: Papirus, 1999. p. 41-68. Coleção Vivacidade

\_\_\_\_\_. **Gênero e envelhecimento**. Estudos Feministas. n. 3, Porto Alegre, 1994. p. 33-51. v. 2

FERNANDES, Bernardo M. Formação, Espacialização e Territorialização do MST. In: STÉDILE, João Pedro (Org.). **A Reforma Agrária e a Luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 133- 155.

\_\_\_\_\_. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.) **Educação do campo e pesquisa questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006, p, 27- 39.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8. ed. Coleção O Mundo, Hoje. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GOHN, Maria da glória. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da agricultura camponesa.**

Porto Alegre, Novembro de 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo.** Vozes: Petrópolis, RJ, 1987.

GUSMÁN, Eduardo Sevilla. MOLINA, Manuel González. **Sobre a evolução do conceito de campesinato.** Via Campesina do Brasil. Brasília: Expressão Popular, Março de 2005.

KONDER, Leandro. A Filosofia da Práxis, IN: \_\_\_\_\_. **O Futuro da Práxis.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **A questão da ideologia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 24 – 28.

MAESTRI, Mario. **Uma história do Rio Grande do Sul:** da Pré História aos dias atuais. A ocupação do território. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2000. 1. v

\_\_\_\_\_. **Uma história do Rio Grande do Sul:** O Império. Passo Fundo: UPF, 2001. 2 v

\_\_\_\_\_. **Uma história do Rio Grande do Sul:** República Velha. Passo Fundo: UPF, 2001. 3 v

\_\_\_\_\_.; ENGELS, Friederich. **O Manifesto Comunista.** Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro Primeiro. Volume 1. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da Economia Política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Miséria da Filosofia**. São Paulo: Mandacaru, 1990.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, JR Coimbra, Carlos E. (orgs.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Social**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLINA, Mônica Castagna (org.) **Educação do campo e pesquisa questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006.

MST. **Princípios da educação no MST**. Caderno de Educação, n. 8. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **Como fazemos a escola de educação fundamental**. Caderno de Educação, n. 9. 4. ed. São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: acompanhamento às Escolas**. Boletim de Educação. n. 8, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Dossiê MST ESCOLA Documentos e Estudos de 1990 -2001**. Caderno de educação, n. 13, Edição Especial. Veranópolis: ITERRA, 2005.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...IN: BARROS, Miriam Moraes Lins de (org.) **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69 -84.

REDE MULHER. **Um outro jeito de ser:** novas relações sociais entre homens e mulheres na produção de alimentos. Escola de Mulheres para a Educação ambiental. Publicações Rede Mulher: Curitiba, 1994.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro:** A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, Marlene. **O caráter pedagógico dos movimentos sociais.** Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1999. p. 41- 7. n. 58.

\_\_\_\_\_. **O caráter pedagógico dos movimentos sociais.** IN: FERRARO, Alceu R; RIBEIRO, Marlene. *Movimentos Sociais: Revolução ou Reação.* Pelotas: Educat, 1999, p. 103 -135.

RODRIGUES, Algaides de Marco. **Construindo o envelhecimento.** Pelotas: EDUCAT, 1998.

RODRIGUES, Nara Costa e TERRA, Newton Luiz. **Gerontologia Social para leigos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SADER, Emir. **Quando novos personagens entram em cena.** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1988.

SAMPAIO, Plínio de Arruda; PELOSO, Ranulfo (Org.). **Trabalho de Base.** A Cartilha n. 4, Consulta Popular: São Paulo, 2000.

SCHMIDT, Mario. **Nova História crítica do Brasil 2º grau.** 7. ed. São Paulo, editora Nova Geração, 1996.



SILVA, Katiane M.da. (et al.) Envelhecimento: Conhecendo a vida de homens e mulheres do campo. IN: CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição (Orgs.). **Como se formam e se educam os sujeitos do campo?** Idosos, Adultos, Jovens, crianças e educadores. Brasília: PRONERA, 2006.

\_\_\_\_\_. Maria, Maria: Uma lutadora do Povo. IN: WOORTMANN, Ellen F.; LOPES, Adriana L. (Orgs.). **Margarida Alves II**. Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero. Brasília: MDA, 2007

\_\_\_\_\_. **A Vida de uma Lutadora**: o Enraizamento da Experiência da Sem Terra Maria Siqueira. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Veranópolis, 2004.

SIMSOM, Olga de Moraes Von. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.

STEDILE, João Pedro. **Latifúndio**: O Pecado Agrário Brasileiro. Caderno de Formação n. 33. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Reforma Agrária e a luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e cultura**: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memória de nonos. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

THOMPSON, E. P. ¿Lucha de Clases sin clases? IN: \_\_\_\_\_. **Tradicion, Revolta Y conciencia de clase**. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Anagrama. Barcelona, 1979.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

TORRENS, João Carlos Sampaio. **O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Rio Grande do Sul ou tecendo a malha da rede de relações entre os mediadores da luta pela terra**. Versão Preliminar: Curitiba, 1991.

TRIVIÑOS Augusto Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo, Atlas, 1987.

\_\_\_\_\_**Bases Teórico-Methodológicas na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais.** Porto Alegre, Editora Ritter dos Reis, 2001.

\_\_\_\_\_ Educação pelo trabalho. In: Educação e Trabalho. **Revista educação e realidade.** 2 ed. Número 1UFRGS: Porto Alegre, janeiro/abril, 1984.. p, 37-72.  
Volume 9

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. Coleção Pensamento Latino Americano.

VITAL, Dandra Susigan. **Afetividade e Prática docente com idosos.** São Paulo: Setembro, 2005.

WARREN, Ilse Scherer. **Movimentos Sociais:** um ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 1989.

WARREN, Ilse Scherer & KRISCHHKE, Paulo J. Movimentos Sociais: algumas discussões conceituais IN: \_\_\_\_\_. **Uma Revolução no Cotidiano?** Os Novos Movimentos Sociais na América do Sul. Brasilense: São Paulo, 1987.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

A pesquisa: A experiência vida dos idosos e das idosas do MST da Fazenda Annoni – Regional Sarandi/RS: resistência e luta. tem por tem: ***Quais práticas sociais formam os idosos/as do MST da Fazenda Annoni – Regional Sarandi/RS*** e por objetivo geral: Quebrar com a “invisibilidade”, que existe em relação aos idosos do Campo. Trata-se de uma dissertação como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre , no Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. A coleta de informações será realizada no período de ..Julho e Agosto de 2007.

O estudo, que privilegiará a abordagem qualitativa, será efetuado através de visitas ao(s) local(is), observações, anotações, conversas informais, coleta e análise de documentos, aplicação de entrevistas.

As pessoas – sujeitos da pesquisa – serão convidadas a fornecer informações a respeito do tema e do objetivo acima propostos. Ressalta-se que a realidade poderá ser filmada, fotografada, observada e as entrevistas serão gravadas.

O material coletado será de uso exclusivo do(a) pesquisador(a), sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da dissertação e dos artigos e comunicações que dela resultem.

Durante o processo em curso, e mesmo na escrita da dissertação será assegurada a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação do(s) a(s) participantes da pesquisa. O(s) a(s) participante(s), no entanto, será(ão) consultado(s) a(s), pois, se assim o desejarem, suas identidades serão reveladas na escrita do texto da (dissertação / tese). Para isso, deverão manifestar sua vontade ao(à) pesquisador(a) quando da assinatura deste termo.

A pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto ao(s) à(s) participante(s) e não será objeto de nenhum benefício, ressarcimento ou pagamento ao(s) à(s) mesmo(s) mesma(s). Se, no decorrer do procedimento o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a entrevista seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, o(a) pesquisador(a) atenderá a sua vontade.

O material coletado também não poderá ser objeto de comercialização e/ou divulgação que possa prejudicar os(as) entrevistados(as) ou a sua comunidade.

É compromisso deste(a) pesquisador(a) manter os(as) participantes informados(as) sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, de comunicar-lhe(s) os resultados e/ou devolver-lhe(s), de alguma forma, o produto alcançado.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

Eu,.....Carteira de Identidade  
nº.....CPF nº .....residente e  
domiciliado(a) à  
Assentamento.....:.....cidade/.município.....Estado:.....c  
oncordo em participar voluntariamente desta pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) entrevistado(a)  
Local, data.....

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)